



JOSÉ EDEMIR DA SILVA ANJO

**PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ESTÉTICA
ORGANIZACIONAL: UMA ABORDAGEM INTERPRETATIVA**

**LAVRAS-MG
2023**

JOSÉ EDEMIR DA SILVA ANJO

**PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ESTÉTICA ORGANIZACIONAL:
UMA ABORDAGEM INTERPRETATIVA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade.

Prof. Dr. Mozar José de Brito
Orientador

Prof. Dr. Marcelo de Souza Bispo
Coorientador

**LAVRAS-MG
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Anjo, José Edemir da Silva.

Produção do Conhecimento sobre Estética Organizacional :
Uma abordagem interpretativa / José Edemir da Silva Anjo. -
2023.

139 p.

Orientador(a): Mozar José de Brito.

Coorientador(a): Marcelo de Souza Bispo.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Estética Organizacional. 2. Estudos Organizacionais. 3.
Abordagem Interpretativa. I. Brito, Mozar José de. II. Bispo,
Marcelo de Souza. III. Título.

JOSÉ EDEMIR DA SILVA ANJO

**PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ESTÉTICA ORGANIZACIONAL:
UMA ABORDAGEM INTERPRETATIVA**

**PRODUCTION OF KNOWLEDGE ABOUT ORGANIZATIONAL AESTHETICS: AN
INTERPRETATIVE APPROACH**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade.

APROVADO em 21 de setembro de 2023.

Dr. Mozar José de Brito – UFLA
Dr. Marcelo de Souza Bispo – UFPB
Dr. César Augusto Tureta de Moraes – UFES
Dr. Rubens de Araújo Amaro – UFES
Dr. Daniel Calbino Pinheiro – UFSJ
Dr. Dany Flávio Tonelli – UFLA

Prof. Dr. Mozar José de Brito
Orientador

Prof. Dr. Marcelo de Souza Bispo
Coorientador

**LAVRAS-MG
2023**

Aos pesquisadores de estética organizacional.

Aos que acreditam que educação, arte e cultura libertam.

Aos doutores que foram os primeiros em suas famílias a conquistar esse título.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi construído com muito afeto por uma rede de pessoas que não poderia deixar de registrar os meus agradecimentos.

Agradeço à minha família, pelo suporte e amor, pois mesmo sem compreenderem ao certo do que se tratava o meu estudo, sempre me apoiaram no meu sonho de concluir o doutorado e, assim, ser o filho da dona Creuza e seu Antonio, o primeiro da família a conseguir o título de doutor.

Aos meus amigos, Arthur, Danilo, Eduardo, Everton, Mariana, Rosiane, Thaise, Thales, Valfrido e Washington, parceiros de vida, em que mesmo distante, estiveram na torcida para realização dessa jornada.

Não posso deixar mencionar meus amigos que fiz em Lavras, lugar que fui muito bem acolhido. A começar por Denise, Felizardo, Pamella, que juntos tivemos uma rotina de estudos ao longo das aulas e muita partilha das aflições do início do curso. Sou grato ao Juliano pela acolhida no grupo de pesquisa e por dividir as angústias dos caminhos das pesquisas. José Kennedy, devo muito a você. Me acolheu ainda durante o processo de seleção. Foi e continua sendo um parceiro de estudos, com troca de ideias e orientações para além da vida acadêmica. Beth e Camila, o que seria de mim sem a descontração e energia positiva quando estamos juntos? Gratidão por todo carinho e parceria que construímos para além dos muros do bloco 3 do DAE. Luciana, minha companheira de sala, minha guia dos cafés. Dividimos muitas emoções juntos e conseguimos, meu muito obrigado. E Priscilla, que tive o prazer de estar juntos nos momentos iniciais da sua caminhada, obrigado pela partilha.

Preciso agradecer a Jefferson, Mateus e Tadeu, meus companheiros de república, onde dividi bons momentos e compartilhamos muito mais que uma morada.

Agradeço ao Cristóvão, meu terapeuta, pois com seu acompanhamento consegui ter forças para concluir essa tese.

Agradeço a professora Valéria Brito, minha primeira orientadora que soube conduzir com carinho e atenção os primeiros passos desse trabalho. Agradeço ao professor Mozar Brito que conduziu a orientação dessa tese, por compartilhar sua vasta experiência e ensinamentos teóricos e científicos, e também pelas prosas e orientações para além do fazer científico. E preciso agradecer ao professor Marcelo Bispo pela coorientação que foi essencial para finalização desse estudo, sempre muito atencioso.

Agradeço aos membros da banca, meu orientador de mestrado, César Tureta, que mais uma vez contribuiu com minha formação. Ao professor Rubens, que me apresentou em aula

Antonio Strati e Estética Organizacional e o professor Dany que apresentou a diversidades de caminhos nas revisões de pesquisa acadêmica, ambos professores de disciplinas e membros contribuíram para o andamento do estudo. E ao professor Daniel Calbino, colega do núcleo de pesquisa, sempre presente para colaborar com o desenvolvimento do trabalho.

Destaco ainda meu agradecimento a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pois esse presente trabalho que foi realizado com seu apoio financeiro.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo geral investigar e compreender a construção da abordagem Estética Organizacional enquanto campo de pesquisa nos Estudos Organizacionais. No percurso teórico proposto, este estudo explora a abordagem Estética Organizacional nos EOR, em que são contemplados os conceitos, perspectivas teóricas e metodológicas dos Estudos Baseados em Prática. Para cumprir este objetivo, recorre-se aos fundamentos ontológicos de abordagem construcionista-realista e emprega-se a abordagem metodológica qualitativa para a realização de uma revisão integrativa (1992-2021) para análise de construção e avanço da abordagem estética. Em seguida, apresento a narrativa de pesquisadores nos EOR brasileiro que conduziram pesquisas de campo na abordagem estética organizacional. A tese faz considerações à construção do campo e como ela contribui para compreensão da vida cotidiana organizacional e para os pesquisadores organizacionais. Ao trazer o pesquisador para a análise da dimensão estética, demonstra-se como a pesquisa estética põe em evidência, e não à margem, ou muito menos negar a sua subjetividade frente à racionalidade no fenômeno investigado.

Palavras-chave: Estética Organizacional. Estudos Organizacionais. Pesquisa Estética. Campo de Estudo. Papel do Pesquisador.

ABSTRACT

This thesis has the general objective of investigating and understanding the construction of the Organizational Aesthetics approach as a research field in Organizational Studies. In the proposed theoretical path, this study explores the Organizational Aesthetics approach in EOR, in which the concepts, theoretical and methodological perspectives of Practice-Based Studies are contemplated. To fulfill this objective, the ontological foundations of constructionist-realist are used and a qualitative methodological approach is used to carry out an integrative review (1992-2021) for the analysis of the construction and advancement of the aesthetic approach. Then, I present a narrative of researchers from the Brazilian EOR who carried out field research in the approach of organizational aesthetics. It considers the construction of the field and how it contributes to the understanding of organizational daily life and to organizational researchers. By bringing the researcher to the analysis of the aesthetic dimension, demonstrating how aesthetic research is proposed in evidence, and not on the sidelines, or much less denying its subjectivity in the face of uninvestigated rationality.

Keywords: Organizational Aesthetics. Organizational Studies. Aesthetic Research. Field of Study. Researcher's role.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Construção Teórica	18
Figura 2 – Estética como uma das Abordagens Sociomateriais	33
Figura 3 – Etapas da Análise de Narrativa	50
Figura 4 – Print da Tela de Tratamento dos dados com o MAXQDA®	51
Figura 5 – Passo a passo da Criação de Mapas no VOSviewes®	53
Figura 6 – Rede de Citações de Artigos da Revisão Integrativa	55
Figura 7 – Mapa de Artigos por com mais número de citações	57
Figura 8 – Rede de Autores	59
Figura 9 – Países que mais publicam sobre Estética Organizacional	60
Figura 10 – Periódicos que publicam Estética Organizacional	62
Figura 11 – Pesquisador na Experiência Estética	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Antecedentes de Acontecimentos nos Estudos Organizacionais para Abordagem Estética nas Organizações	20
Quadro 2 – Abordagens Tradicionais nos Estudos Baseados em Prática.....	25
Quadro 3 – Abordagens Tradicionais nos Estudos da Estética Organizacional.....	26
Quadro 4 – Tradicionais Categorias Estéticas	29
Quadro 5 – Componentes da Compreensão Empática da Organização	36
Quadro 6 – Processo de Análise de Dados da Interpretação Participativa	38
Quadro 7 – Fluxo das Etapas Iniciais de Seleção da Revisão Integrativa.....	45
Quadro 8 – Entrevistas Narrativas.....	48
Quadro 9 – Conjunto de Análises Disponíveis no VOSviewer®.....	52
Quadro 10 – Evolução Temporal das Publicações em 30 anos (1992-2021).....	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de Artigos Publicados por Ano	54
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Artigos por com mais número de citações.....	56
Tabela 2 – Quantidade de artigos publicados por periódicos	61

LISTA DE SIGLAS

EBP – Estudos Baseados em Prática

CASP – Critical Appraisal Skills Programme

EGOS – European Group For Organizational Studies

EOR – Estudos Organizacionais

QDAS – Qualitative Data Analysis Software

RUCOLA – Research Unit on Communication, Organizational Learning and Aesthetics

TAR – Teoria Ator-Rede

TFD – Teoria Fundamento nos Dados

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos	16
1.1.1 Geral	16
1.1.2 Específicos	16
1.2 Justificativa e Contribuições Teórico-Methodológicas	16
2 ESTÉTICA E ORGANIZAÇÕES	18
2.1 Das Origens Filosóficas aos Estudos Organizacionais	19
2.2 Abordagens Tradicionais nos Estudos da Estética Organizacional	26
2.3 As Categorias Estéticas como Representações do Juízo Estético	28
2.4 Os artefatos na perspectiva da estética organizacional	32
2.5 O corpo na perspectiva da estética organizacional	34
2.6 Questões Metodológicas da Estética Organizacional nos Estudos Organizacionais ..	35
2.6.1 Compreensão Empática	36
2.6.2 Interpretação Participativa na Análise dos Dados	38
2.6.3 Shadowing	39
2.6.4 Zooming In Zooming Out	40
2.6.5 Entrevista Narrativa com Foto-Elicitação (EFE)	41
3 TRILHA METODOLÓGICA	43
3.1 Das escolhas Ontológicas, Epistemológicas e Metodológicas	43
3.2 Revisão Integrativa	44
3.3 Entrevistas Narrativas	47
3.4 Análise de Narrativa	48
4 CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA ABORDAGEM ESTÉTICA ORGANIZACIONAL NOS EOR	52
4.1 Análise Descritiva da Revisão Integrativa da Literatura	52
4.2 Análise Crítica da Revisão Integrativa da Literatura	63
4.2.1 Primeiros passos: a estética organizacional como um caminho possível para compreensão da vida organizacional	64
4.2.2 Estética Organizacional como uma Abordagem (ainda?) Alternativa aos EOR	69
4.2.2.1 Estética e Relações de Trabalho	71
4.2.2.2 Estética entre Espaço, Design e Arquitetura	73
4.2.2.3 Estética e Liderança	75
4.2.2.4 A abordagem estética como caminho de articulação com outras abordagens negligenciadas nos EOR	76

<i>4.2.3 Para Além do Belo na Estética Organizacional: pesquisas contemporâneas</i>	77
<i>4.2.3.1 Estética e Criatividade</i>	78
<i>4.2.3.2 Estética, Ética e Sustentabilidade</i>	78
<i>4.2.3.3 Proposições de novas articulações</i>	79
5 NARRATIVAS DE PESQUISADORES DE ESTÉTICA ORGANIZACIONAL NOS EOR	81
5.1 “Isso é Administração?”: do Estranhamento ao Encantamento no Encontro com a Estética Organizacional	81
5.2 Sentindo o Corpo na Pesquisa	86
5.3 O Fazer Pesquisa Estética Organizacional	91
6 À GUIA DE CONCLUSÃO	97
6.1 Minha Experiência Estética	99
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE I – Roteiro de Entrevista	125
APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	126
APÊNDICE III – Artigos Selecionados para Revisão Integrativa	127

1 INTRODUÇÃO

Ao fazer pesquisa científica, deparamo-nos com questões iniciais que vão desde a escolha do objeto, dos pressupostos teóricos, percurso metodológico de modo a ter um alinhamento no encontro entre a pesquisa e o desenho do projeto que esteja de acordo com os pressupostos ontológicos e epistemológicos para contribuir com a relevância ao campo social e de estudo.

O fazer pesquisa requer por parte do pesquisador que a propõe, a preocupação com o alinhamento entre os aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos (ABDALLA *et al.*, 2018; CUNHA; REGO, 2019; LUKOSEVICIUS 2018; SILVA; NOVA, 2018; SILVA, RUSSO, OLIVEIRA, 2018). Não obstante, tem ocorrido o debate em torno dos pressupostos ontológicos e epistemológicos nas pesquisas em ciências da administração no Brasil, sendo apresentado uma pluralidade de posicionamentos (PAULA, 2016; SERVA, 2013; 2017; SOUZA; COSTA; PEREIRA, 2015).

Neste ambiente, somos inseridos em diversas possibilidades de realização e nos deparamos com dilemas como: “Qual caminho devo seguir?” ou “Quais percursos podem ser explorados, baseados em escolhas teórico-metodológicas?”

Cavalcanti (2017) disserta sobre este dilema nas pesquisas qualitativas em torno das controvérsias presentes nos estudos. Silva, Russo e Oliveira (2018) chamam a atenção sobre a problemática das escolhas e os posicionamentos dos pesquisadores sociais, diante dos fenômenos de investigação para evitar erros no trajeto.

Na área de Estudos Organizacionais (EOR), entre as diversas abordagens, temos a filosofia da estética organizacional como um caminho possível para a compreensão de fenômenos organizacionais (GAGLIARDI, 2009; LEAL, 2000; 2003; 2004; STRATI, 1992; 2007a; 2014c; WOOD JR; CSILLAG; 2001). A teoria se encontra sob o escopo dos Estudos Baseados em Prática (EBP) que, em conjunto a outras perspectivas teóricas, convergem a pesquisa para um ponto central: o olhar para a prática (BISPO, 2013a; GHERARDI, 2000; 2014; NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003; RECKWITZ, 2002). Sendo ainda reconhecida como uma das abordagens sociomateriais, por dar atenção aos artefatos organizacionais (MOURA; BISPO, 2019).

Nos EOR brasileiro, Wood Jr e Csillag (2001) apresentaram a filosofia da estética organizacional como um caminho possível para a compreensão de fenômenos organizacionais. A atenção inicial é a experiência estética em organizacionais criativas (CSILLAG, 2003), como elemento para a compreensão da criatividade nas organizações (LEAL; 2007), a exemplo dos

estudos mais recentes que têm contemplado um olhar às práticas culinárias (LOPES; SOUZA; IPIRAGA, 2014; IPIRANGA; LOPES; SOUZA, 2016; SOARES; BISPO, 2014; 2017). Revisões de estudos recentes no cenário brasileiro (ANJO; BRITO; BRITO, 2022 e internacional (BALDESSARELLI; STIGLIANI; ELSBACH; 2022) apresentam as singularidades de pesquisa pelo prisma da estética organizacional.

Portanto, ao pensar nas escolhas que norteariam este trabalho, encontram-se muitas sugestões para a adoção de estratégias e técnicas qualitativas nos EOR (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2012; MELLO; 2014), nos EBP (PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018) e, particularmente, quanto aos desafios metodológicos, em pesquisa estética (HANCOCK, 2005; STRATI, 2014d; TAYLOR; HANSEN, 2005; WARREN, 2002; 2008; 2012).

Apesar das indicações de autores que realizam pesquisas nos EBP, a atenção maior tem sido dada às estratégias metodológicas já consolidadas nos trabalhos (DE MOLLI, 2021). Assim, a etnografia é o método mais valorizado nos estudos (MARINS, DAVEL 2020), enquanto a Compreensão Empática, método defendido como específico para a investigação da experiência estética, ainda não se encontra difundido nos estudos como caminho possível (LOPES; IPIRANGA; SILVA JÚNIOR, 2017), bem como as Metodologias Visuais (WARREN, 2002; 2009). Esta última tem ainda sido negligenciada pelos pesquisadores em EOR (BOXENBAUM et al., 2018; IPIRANGA; RIBEIRO, 2020; RIOS; COSTA; MENDES, 2016).

Ao caminhar por esta trilha, nota-se que as técnicas e procedimento de coleta e produção de material empírico e de análise dos dados também são ignoradas, uma vez que são tradicionalmente utilizadas a observação participante e as entrevistas. De Molli (2021) ressalta que, em estudos de pesquisa estética, métodos tradicionais não levam em conta totalmente as percepções estéticas de forma plural e coletiva do fenômeno organizacional investigado, algo que seria essencial a uma pesquisa estética como apontado por Strati (2007b; 2014d).

As pesquisas, à luz da estética organizacional, vislumbram pela compreensão da sua dimensão performativa e reflexiva dos sentidos, no contexto social das organizações, o que recai na percepção e implicações das ações individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos na vida organizacional. De Molli (2021) alega que os métodos analíticos tradicionais se limitam a uma compreensão parcial. Diante do exposto, temos a seguinte questão-problema da pesquisa: **como foi construído e como têm sido conduzidas as pesquisas que seguem a abordagem teórica da estética organizacional nos EOR?**

Perante esta contextualização e problemática, na sequência, apresento os objetivos gerais e específicos desta pesquisa, bem como a justificativa e a sua relevância.

1.1 Objetivos

Para responder a questão-problema desta pesquisa, são expostos a seguir os objetivos formulados.

1.1.1 Geral

Investigar e compreender a construção da abordagem Estética Organizacional enquanto campo de pesquisa nos EOR.

1.1.2 Específicos

- Realizar uma revisão integrativa e mapear os trabalhos que se apropriaram da teoria da estética como uma referência analítica nos EOR.
- Compreender a partir das narrativas de pesquisadores a experiência no fazer pesquisa estética nos EOR.
- Discutir as potencialidades e desafios do fazer pesquisa estética nos EOR.

1.2 Justificativa e Contribuições Teórico-Methodológicas

Ao oferecer caminhos e procedimentos metodológicos qualitativos em pesquisas estéticas, a intenção é que este estudo contribua com a abertura de novos olhares, relativos aos fenômenos organizacionais e às possibilidades de investigações alternativas aos pesquisadores que resolverem trilhar pelo caminho da dimensão estética na vida organizacional. O trabalho se atém ao fazer pesquisa sob a lente da estética organizacional, na expectativa de incentivar e auxiliar pesquisadores interessados na abordagem estética pelo percurso qualitativo.

A relevância do estudo proposto é explicitada pelo potencial de contribuição para os pesquisadores da abordagem estética nos EOR, diante da intenção de mapeamento do campo, a partir das pesquisas empíricas desenvolvidas. Além do mais, pode despertar o interesse de novos pesquisadores para a área e auxiliar nos estudos e no desenvolvimento de pesquisas, já que as subjetividades presentes nas organizações são negligenciadas ou ainda banalizadas.

Quanto às contribuições teórico-metodológicas, práticas e sociais deste trabalho, a produção científica sobre estética organizacional nos EOR, alinhada à abordagem construcionista-realista, espera-se proporcionar uma contribuição para abordagem qualitativa, já que discuti caminhos da pesquisa estética qualitativa no cotidiano organizacional.

1.3 Estrutura da Tese

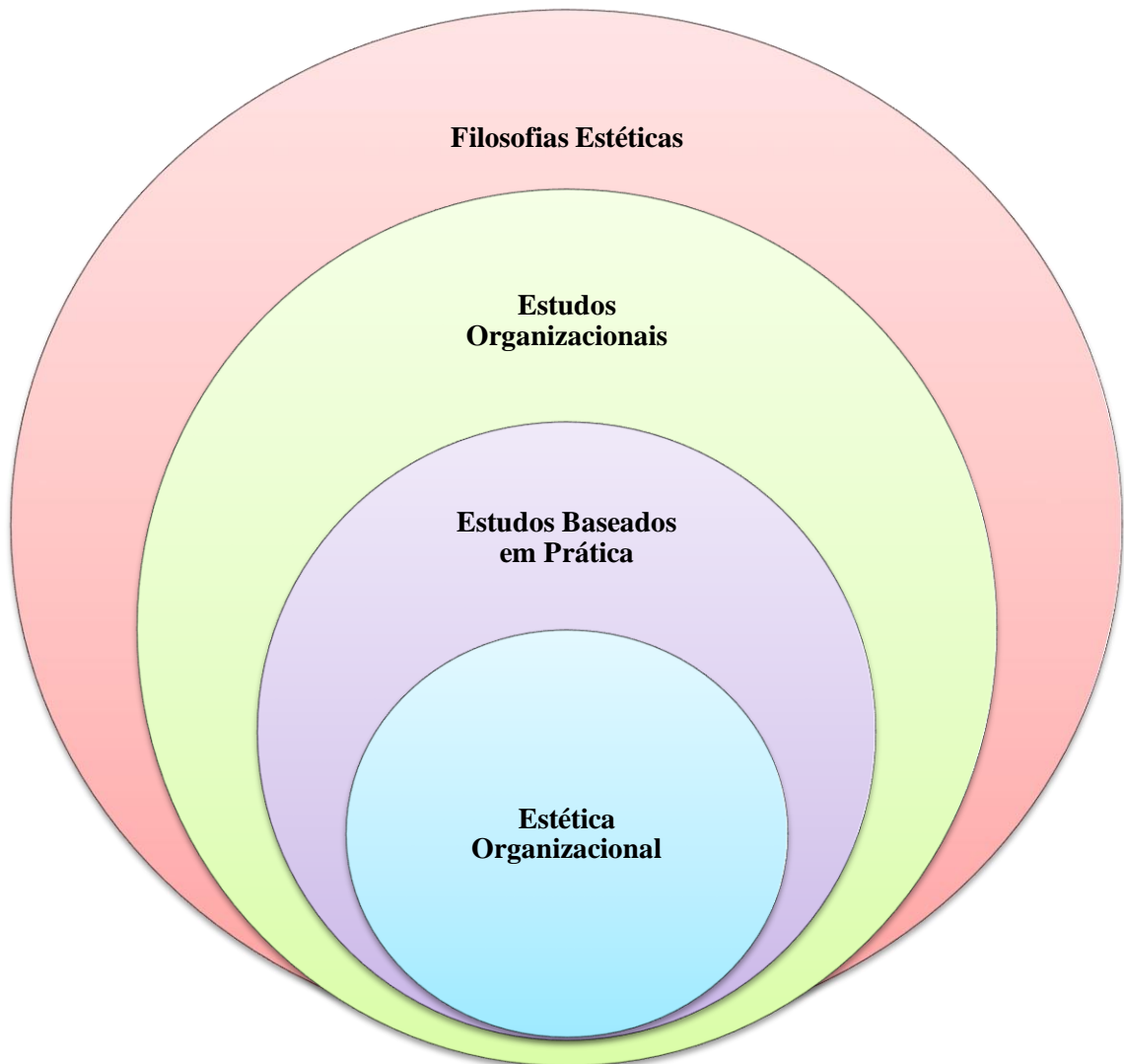
Para além desta seção introdutória, este projeto apresenta na sequência, a revisão de literatura narrativa, em que se discutem as bases teóricas, as quais propiciam a sustentação ao estudo, com atenção a uma narrativa teórica do campo de pesquisa da abordagem estética. Em seguida, apresenta-se a proposta metodológica, que trata das escolhas e dos procedimentos metodológicos, de coleta e análise dos dados da pesquisa.

Os resultados e discussão são apresentados na revisão integrativa e as narrativas dos pesquisadores estéticos. E, por fim, são feitas as considerações finais, as referências citadas são creditadas, além de apêndices que constam o roteiro de entrevista utilizado, TCLE e a lista de artigos selecionados na revisão integrativa.

2 ESTÉTICA E ORGANIZAÇÕES

Neste tópico, apresento uma revisão narrativa de literatura, com a intenção de esboçar um panorama do estado da arte da abordagem estética nos EOR. O primeiro subtópico discute as origens filosóficas e a aproximação dos estudos de estética com os EOR. Posteriormente, são apontadas as abordagens tradicionais, categorias estéticas e dimensões teóricas e temáticas recentes na perspectiva estética. A Figura 1 propicia uma visualização da construção teórica, na qual o estudo toma como base.

Figura 1 – Construção Teórica



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

2.1 Das Origens Filosóficas aos Estudos Organizacionais

Não pretendo desenvolver aqui uma “história da estética”, mas buscar compreender os caminhos que levaram ao encontro teórico da “estética” com o conceito de “organização”. E sendo um termo polissêmico e de disputa de campos teóricos distintos; a estética só alcança o status de disciplina, de ciência na Modernidade (EAGLETON, 1993; ROSENFELD, 2009).

[...] nunca houve dificuldade em definir a Estética: tradicionalmente e sobretudo nas épocas “clássicas”, a Estética era definida como a “Filosofia do Belo”, e o Belo era propriedade do objeto, propriedade que, no objeto e como modo do ser, era captado e estudado (SUASSUNA, 2018, p. 27)

Os pensadores clássicos já começavam a dividir o campo estético para além do Belo. Kant apresentava o Sublime; Aristóteles, o Cômico. Daí, o questionamento sobre o fator limitante à categoria do Belo. A Estética deveria ser reconhecida como a Ciência do Estético. (SUASSUNA, 2018). Enquanto ciência, o campo estético ampliou olhares para os objetos, com o interesse em novas categorias: Trágico, Sublime, Gracioso, Risível, Feio, ainda que muito concentrado no mundo das artes clássicas.

O pensamento sobre estética tem origem no campo filosófico, ainda no período da Grécia Antiga, a partir de estudos preliminares de filósofos como Aristóteles e Platão, cujas discussões giram em torno da arte e da contemplação da beleza (HANCOCK, 2005; IPIRANGA; LOPES; SOUZA, 2016; STRATI, 1992; SUASSUNA, 2018; WOOD JR; CSILLAG, 2001).

Suassuna (2018), ao retomar as origens da estética, destaca a preocupação quanto ao belo no mundo das artes, ao considerar que o julgamento estético de uma obra de arte vai pôr em discussão os aspectos referentes ao conceito de beleza. Além dos filósofos gregos antigos, mais tarde, a estética também foi discutida pelos filósofos Hume, Kant e Hegel. Mais recentemente, ainda se destacam a obra de Humberto Eco em “História da Beleza” e Mikel Dufrenne por “Estética e Filosofia”, pois ambos os autores exploram o conceito do belo nos estudos filosóficos.

Não há uma filosofia única por trás da pesquisa em estética organizacional, pelo contrário. São diversas as filosofias que constituem a base teórica para pesquisar a dimensão estética da vida organizacional (STRATI, 2016; 2019).

Strati (2019) retorna às origens das filosofias estéticas e apresenta três sensibilidades filosóficas, que juntas caracterizam a dimensão estética nas organizações: a sensibilidade hermenêutica, a sensibilidade estética e a sensibilidade performativa. Ambas as sensibilidades

representam discursos estéticos. Em meio à pluralidade de lentes filosóficas, Strati (2019) situa-se e ampara-se na filosofia italiana do século XVIII e na sociologia estética de George Simmel.

O olhar mais subjetivo dos pesquisadores organizacionais, os quais ainda possuem a objetividade como marca dos estudos, sem levar em consideração a importância da ação humana, os sentidos e suas experiências vividas nas organizações como objeto de estudo (LEAL, 2005). Leal (2005) resgata a partir de Kant, a noção de três funções essenciais da ação humana: (1) o prático, (2) o teórico e o (3) estético. Com atenção à função relativa ao campo estético, o mesmo autor reitera que: humana, os sentidos e suas experiências vividas nas organizações como objeto de estudo (LEAL, 2005). Leal (2005) resgata a partir de Kant, a noção de três funções essenciais da ação humana: (1) o prático, (2) o teórico e o (3) estético. Com atenção a função estético, o mesmo autor a reitera que:

Pode-se evidenciar a presença necessária da atitude estética na criação teórica ou científica, sendo que mesmo as atividades práticas, que não podem ser designadas como de criação, mas antes como repetitivas do hábito, mostram por vezes traços evidentes da presença do estético. Dada a sua onipresença, o “estético” é, portanto, um fator presente e influenciador do cotidiano organizacional, dimensão subjetiva do agir organizacional (LEAL, 2005, p. 72).

O entendimento do conceito estético de Kant favorece a inevitabilidade de considerar a subjetividade presente nas organizações, enquanto elemento de análise organizacional. Mesmo considerando a objetividade como elemento central de estudos anteriores, é possível caracterizar a presença da subjetividade, como um caminho possível de investigação, a partir de experiências estéticas no cotidiano das organizações (GAGLIARDI, 1996; LEAL, 2005; STRATI, 1992; 1999). O Quadro 1 detalha de forma temporal os antecedentes de acontecimentos iniciais na construção do campo da estética organizacional nos EOR.

Quadro 1 – Antecedentes de Acontecimentos nos Estudos Organizacionais para Abordagem Estética nas Organizações

ANO	ACONTECIMENTO	IMPORTÂNCIA
-----	---------------	-------------

1985	II Standing Conference on Organizational Studies (SCOS), organizada por Vicent Degòt	A temática sobre imagem empresarial trouxe trabalhos que versavam sobre questões como a identidade organizacional transmitida graficamente pela organização (COSTA, 1986), transmitida a partir das imagens que circulam no interior (BOLOGNINI, 1986) e exterior (SCHNEIDER e POWLEY, 1985) da organização e que representam importantes eventos organizacionais no que diz respeito à identidade e identificação com a organização e sobre a desconstrução do discurso organizacional oficial (GRAFTON-SMALL e LINSTED, 1985).
1987	Edição especial da revista Dragon (v. 2, n. 3), editada por Pierre-Jean Benghozi	Compilação das pesquisas mais relevantes apresentadas na SCOS de 1985.
1987	III Standing Conference on Organizational Studies (SCOS), em Milão, Itália	Com a temática “The Symbolics of Corporate Artifacts”, foram apresentadas pesquisas que articulavam temas como a criatividade com a qual os indivíduos trabalham na organização, a gestão de organizações que realizam atividades ligadas à arte, bem como as práticas cotidianas que se relacionam com a arte.
1987	Edição da revista Dragon (v. 2, n. 4) editada por Pierre-Jean Benghozi	Reuniu alguns trabalhos que apresentaram diferentes abordagens do estudo da estética nas organizações, analisando aspectos que não estavam relacionados apenas à estrutura física. Destacaram-se os estudos que: <ul style="list-style-type: none"> • Compararam as práticas de gestão às produções artísticas, cuja qualidade pode ser julgada esteticamente, pois utilizar apenas a lente dos negócios para examinar tais práticas não permite enxergar seu significado completo (DEGÒT, 1987); • Alegaram que as corporações podem ser consideradas bonitas ou elegantes tanto pelas pessoas internas como externas à organização, bem como são um adequado objeto de estudo e avaliação em termos estéticos (RAMIREZ, 1987a); • Enfatizaram o fato de que os teóricos são muito mais inclinados a devotar sua atenção para a imagem corporativa e o impacto nas pessoas em torno dela do que para a própria organização (RAMIREZ, 1987b); • Exploraram a forma como as decisões sobre a estética das cerimônias ilumina a construção social da comunicação organizacional (RUSTED, 1987).
1990	Lançamento da coletânea Symbols and artifacts: views of the corporate landscape , organizada por Pasquale Gagliardi	Trouxe, além de outros trabalhos, as pesquisas publicadas tanto na SCOS de 1985 como na Dragon (v. 2, n. 3).
1992	Edição especial do periódico Academy of Management Review (v. 17, n. 3), dedicada às abordagens emergentes nos Estudos Organizacionais.	Nessa edição foi publicado o trabalho de Antônio Strati, membro fundador da SCOS, que abordava a estética como o caminho para a compreensão da vida organizacional. No estudo, Strati (1992) realizou uma discussão epistemológica onde apresentou a estética como uma forma legítima para compreender as organizações por meio de uma abordagem que não enquadre “a

	Os editores na ocasião eram Linda Smircich; Marta Calás e Gareth Morgan	estética dentro das várias caixas onde a vida organizacional é estudada”, pois o conhecimento gerado pelo exame da experiência estética é rico e plausível.
1996	Edição especial da revista Organization (v. 3, n. 2), dedicada à temática da estética	Dentre os trabalhos publicados destacam-se aqueles que: • Compreenderam a estética como uma importante forma de conhecimento organizacional (STRATI, 1996); • Salientaram sua pertinência para o estudo das organizações por fornecer uma visão a respeito da beleza – elemento constitutivo da vida organizacional (WHITE, 1996); • Compreenderam a forma – arquitetura, design, entre outros – da organização como um artefato que oferece aos atores organizacionais uma experiência sensorial direta (RAMIREZ, 1996).
1996	Publicação do Handbook of organizational studies (v. 2), com um capítulo dedicado aos artefatos organizacionais, elaborado por Pasquale Gagliardi	Nesse capítulo, a discussão sobre os artefatos organizacionais e a forma como são percebidos pelos sentidos foi levantada, afirmando que as organizações estão repletas de conhecimento sensorial (GAGLIARDI, 2009).
1999	Publicação da obra Organization and aesthetics, de Antônio Strati	O livro promoveu o que pode ser chamado de virada estética, compreendendo esta como uma lente em potencial para entender as organizações. No Brasil, a obra foi traduzida e publicada em 2007.
2002	Edição especial da revista Human Relations (v. 55, n. 7)	A edição foi dedicada à exploração da vida organizacional a partir de abordagens estéticas, tanto em investigações teóricas como empíricas. Tal feito preconiza a adoção de um estilo dialógico que permita várias interpretações que não incorram nas dicotomias teóricas como, por exemplo, mente e corpo, belo e feio, entre outros. Destacam-se nessa edição os trabalhos de: <ul style="list-style-type: none"> • Martin (2002), que descortinou a noção de “espírito de lugar” ao explorar como estava organizada a experiência estética em um abrigo para pessoas idosas no Reino Unido, por meio do exame das sensações dos residentes; • Pelzer (2002), que explorou a categoria do nojo, interpretando-o como uma forma de conhecimento. De acordo com o autor, seu trabalho foi capaz de demonstrar o poder da teoria estética para a obtenção do conhecimento nas organizações; Taylor (2002), que investigou a incapacidade de expressar a experiência estética. O autor chamou isso de mudez estética e inferiu que suas causas podem ser a ameaças à harmonia, eficiência e imagens de poder e eficácia existentes na organização.
2007	Lançamento do projeto Aesthesis	The Aesthesis Project foi lançado em janeiro de 2007 como um projeto de pesquisa para investigar a arte e a estética na gestão e nos contextos organizacionais, trazendo artistas, designers, consultores de negócios e professores de gestão. Isso estendeu a estética organizacional para um campo interdisciplinar

2007	Lançamento da revista Aesthesis, International Journal of Art and Aesthetic in Management and Organizational Life	, International Journal of Art and Aesthetic in Management and Organizational Life Publicada em 6 volumes, a revista foi parte do projeto Aesthesis, no entanto, não era uma publicação rotineira da academia. Nos 6 volumes publicados, o periódico trouxe uma série de questões relativas à abordagem estética
2012	Lançamento do periódico Organizational Aesthetics, atualmente editado por Steven S. Taylor	revista do projeto Aesthesis foi continuada como o periódico Organizational Aesthetics. A revista almeja chegar a lugares até agora não explorados pela literatura, a partir de tópicos como o uso de métodos baseados em arte nas organizações, a divulgação de fenômenos estéticos nas organizações e a arte que existe subjacente ou na própria organização.
2013	Lançamento do livro Experiencing organizations: new aesthetic perspectives, editado por Jonathan Vickery e Ian King	O lançamento desse livro foi o resultado mais recente do projeto Aesthesis e foi lançado na Copenhagen Business School, em 3 de maio de 2013.

Fonte: Adaptado de Lopes, Ipiranga e Silva Júnior (2017, p. 835-837).

Strati (2016) indica uma direção futura da pesquisa em estética organizacional para estabelecer um diálogo entre as teorias organizacional e filosófica. Para se obter uma maior consciência filosófica na administração, o debate deve se estender além dos limites da teoria organizacional, a fim de ilustrar as implicações filosóficas da estética organizacional e os métodos de pesquisa utilizados. Para o autor, é preciso construir uma maior consciência por parte dos pesquisadores de estética organizacional.

Strati (2019) volta a defender a importância da estética filosófica nos estudos da dimensão estética na vida organizacional, algo já elaborado em outros trabalhos (STRATI, 1992; 2007), mas que o autor destaca a atenção dos estudiosos da área do campo organizacional. Com base na experiência adquirida através de práticas de pesquisa, é preciso ir além do envolvimento das questões filosóficas, sendo necessário não apenas conhecer, mas também se envolver com os temas e questões debatidas nos múltiplos campos estéticos.

2.2 Estética Organizacional como parte do “Guarda-Chuva” dos Estudos Baseados em Prática

Passado o período inicial, perpassa pelos campos teóricos da Comunicação, Sociologia, Psicologia, entre outros. A estética é reconhecida como uma das abordagens que fazem parte do arcabouço dos EBP, que colaborou para o movimento de retomada das teorias da prática.

As teorias da prática são tomadas, com base nas contribuições das tradições epistemológicas de Wittgenstein, do marxismo, fenomenologia, interacionismo simbólico (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003; BISPO, 2013a).

Sua retomada se dá a partir das contribuições das novas abordagens teóricas provocadas por Martin Heidegger, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Bruno Latour, entre outros (BISPO, 2013; CORRADI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010; GHERARDI, 2006; NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003; RECKWITZ, 2002).

Destas influências, tem-se a noção da prática, tomando como referência as ideias de como os indivíduos concretizam o cotidiano (práxis); das atividades para a formação do cotidiano, imbricadas simultaneamente nas ações (prática), em que, dessas ações, o dualismo tradicional passa a ser questionado ao se considerar o entendimento da relação entre os sujeitos e objetos nas práticas (NICOLINI, GHERARDI, YANOW, 2003). Esse movimento se configura como a “virada da prática”, uma retomada ao conceito de prática para a análise profunda do social (SCHATZKI, 2001a). Assim, a EBP se apresenta como uma nova abordagem que confronta as teorias sociais clássicas ao se debruçar sobre os fenômenos da vida cotidiana organizacional (RECKWITZ, 2002; BISPO, 2013a). Os crescentes estudos acabam por promover um marco no campo organizacional, daí a necessidade de abarcá-los em termo ‘guarda-chuva’ (GHERARDI, 2006; BISPO, 2013).

Sob a perspectiva das teorias da prática e assumindo que a realidade é socialmente construída, considera-se que a vida social emerge de forma contínua nas ações cotidianas e, não sendo independentes, os fenômenos sociais são investigados por essa relação recursiva e reflexiva entre as ações (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011; NICOLINI, 2013). Os estudos seguem em direção a uma análise entre a estrutura e agentes que constituem mutuamente os fenômenos imersos nesse contexto social coletivo, o que induz toda a prática a ser social (RECKWITZ, 2002).

O social está abarcado nas práticas, dessa maneira, nas práticas sociais, não se deve considerar o social apenas como estruturas (mentais, discurso) e sim na interação entre os atores, pois os fenômenos sociais estão imersos no mundo da prática (SCHATZKI, 2001a; RECKWITZ, 2002).

Dessas conexões estabelecidas, no campo das práticas sociais, considera-se a união de vários elementos, que são humanos (corpo e mente) e não humanos (objetos, conhecimento) para a constituição das ações, sendo necessários tais elementos para a realização da prática (RECKWITZ, 2002). Assim, as práticas são constituídas sociomaterialmente (ORLIKOWSKI, 2007).

Quadro 2 – Abordagens Tradicionais nos Estudos Baseados em Prática

Abordagem	Base teórica	Principais autores
Cultural Interpretativa	Julgamento estético/ Transmissão cultural	Yanow e Antonio Strati
Comunidades de prática	Interacionismo simbólico/ <i>habitus</i>	Wenger e Gomez; Bouty e DruckerGodard
Teoria da atividade cultural e histórica	Psicologia cultural de Vygostsky/ Praxis de Marx / elementos do interacionismo simbólico	Engeström, Puonti e Seppänen; Blackler, Crump e McDonald
Sociologia da translação/ Teoria ator-rede	Combina elementos das outras abordagens com a distribuição do poder de Foucault e a construção de significado de Wittgenstein	Law, Singleton e Suchman; Gherardi e Nicolini
Estudos no local de trabalho (<i>workplace studies</i>)	Relação da tecnologia na constituição do ambiente de trabalho/ tecnologia como uma prática social	Suchman e Borzeix

Fonte: Elaborada com base em Bispo e Godoy, 2012; Bispo (2013a), Gherardi e Strati (2014), Nicolini, Gherardi e Yanow (2003).

Como enfatizado por Nicolini, Gherardi e Yanow (2003), não há uma delimitação de espaço e de representatividade entre as abordagens tradicionais. Desta forma, convém compreender e observar, as principais contribuições para a formação e a estruturação dos EBP (BISPO, GODOY, 2012; BISPO; 2013a). No entanto, ainda cabe mencionar as abordagens tradicionais nos Estudos da Estética Organizacional no subtópico a seguir.

2.2 Abordagens Tradicionais nos Estudos da Estética Organizacional

No que diz respeito ao tipo de pesquisa sob a dimensão da estética organizacional, existem quatro abordagens tradicionais como trilhas para interesse dos pesquisadores organizacionais: (1) Arqueológica; (2) Empático-Lógica; (3) Empático-Estética ou Estética e (4) Artística (STRATI, 2000a; 2014; STRATI; MONToux, 2002).

As três primeiras abordagens surgiram concomitantemente entre os anos finais da década 80 e dos anos iniciais da década de 90 do século passado no que diz respeito às fortes discussões em torno da temática da Cultura Organizacional. Mais tardiamente, nos anos 2000, surgiu o quarto estilo de pesquisa: estética estimulada articular interdisciplinar nos EO com os Estudos das Artes. Strati (2000; 2014a) destaca algumas características particulares de cada abordagem quanto à condução e a atenção da pesquisa proposta (ver Quadro 2), no qual o próprio autor se põe como representante de uma das abordagens.

Quadro 3 – Abordagens Tradicionais nos Estudos da Estética Organizacional

ABORDAGEM	AUTORES	ÊNFASE	POTENCIALIDADE	LIMITAÇÕES
Arqueológica	Per Olof Berg	Simbolismo artístico na vida organizacional	A representatividade da simbologia na cultura organizacional	Estética cerceada ao Simbolismo
Empático-lógica	Pasquale Gagliardi	Artefatos organizacionais	Relação entre o conhecimento pré-cognitivo moderado pelo controle de acordo <i>pathos</i> dos artefatos	Representação de modo descritivo e lógico-analítico
Estética	Antonio Strati	O organizar coletivo da vida cotidiana organizacional	A interação do pesquisador com a materialidade e os atores humanos	A necessidade de perícia do objeto de pesquisa como praticante do campo
Artística	Pierre Guillet de Monthoux	Processo criativo das interações organizacionais	Atenção à performance do processo criativo	Estética como prisioneira do mundo das artes

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Strati e Montoux (2002) e Strati (2010; 2014, p. 184).

A abordagem Arqueológica tem inspiração nas práticas de investigação de um arqueólogo e/ou historiador artístico. A intenção da pesquisa está na análise de símbolos voltados para a caracterização e a interpretação da cultura de determinado grupo organizacional. O pesquisador, orientado por esta abordagem, precisa ativar suas habilidades perceptivas norteadas por um juízo estético para explorar os achados da pesquisa (STRATI; 2010;2014).

Pasquale Gagliardi é o autor representante da abordagem Empático-lógica, que defende um estilo de pesquisa em que o pesquisador faz uso, tanto da coleta e produção de conhecimento empático, quanto de uma análise e compreensão lógico-racional (STRATI, 2010; 2014). Gagliardi (2009) dá atenção especial aos aspectos materiais e imateriais na vida organizacional, sobretudo dos artefatos organizacionais. Nesta abordagem, a investigação é delineada por três estágios: (1) observação e (2) interpretação; ambas contam com a atenção ao conhecimento empático e (3) análise, a qual elimina o caráter empático anterior por um rigor lógico-analítico na interpretação do estudo.

Antonio Strati, em *Estética ou Empático-Estética*, valoriza uma linguagem narrativa mais poética, uso de metáforas, com o sentido de provocar o imaginário do pesquisador, de modo que ele possa reviver as experiências (STRATI, 2007a, 2010; STRATI; MONToux, 2002). Como exemplo de estudo desta abordagem, citamos o trabalho seminal de campo de Strati (1992), realizado no escritório de um diretor e uma secretária, a partir do ambiente organizacional. O gosto da temática escolhida pelo pesquisador é levado em consideração, pois será a partir dos sentidos e do julgamento estético que ele irá estabelecer uma compreensão empática (STRATI, 2007a).

A quarta e última vertente de abordagem estética, a Artística, é cunhada por Pierre Guillet de Monthoux. A atenção do estilo é voltada para a experiência artística. A compreensão dos processos criativos, em ambientes artísticos-culturais, permite o entendimento da fluidez no organizar, a partir do mundo das artes, com atenção especial ao potencial criativo, em ambientes artísticos, a qual limita a escolha da abordagem (STRATI; 2010;2014).

É preciso frisar que, ao apresentar as quatro tipologias tradicionais, não há a intenção de encaixotá-las, pelo contrário, o intuito é o reconhecimento do campo de investigação para o desenvolvimento e o incentivo de inovação e escolhas teórico-metodológicas, de acordo com os objetivos e interesses de pesquisadores (STRATI, 2014).

2.3 As Categorias Estéticas como Representações do Juízo Estético

As categorias estéticas estão intrinsecamente ligadas ao juízo estético, a partir do qual o indivíduo na organização vai constituindo e estabelecendo uma linguagem simbólica, a qual representa práticas organizacionais. A representação, criada pelo juízo estético, que é particular a cada indivíduo, leva-o a uma categoria estética (STRATI, 2007). No cotidiano da vida organizacional, os artefatos são julgados esteticamente e apontados, tanto como belos, quanto feios. Portanto, as categorias estéticas são entendidas como representações das experiências vivenciadas pelos sujeitos (TAYLOR; HANSEN, 2005; STRATI, 2007b) e figuram como caminhos alternativos para o entendimento da vida organizacional (STRATI 2000b).

Tais categorias se solidificam no campo teórico com a consolidação da filosofia estética entre as teorias das artes, ainda no século XVIII, em meio à ruptura conceitual da categoria Belo, vista como sinônimo de estética (STRATI, 1992; 20017).

Apesar de Strati (1992) apontar ser possível identificar até 64 categorias estéticas, o autor frisa que há possibilidade de o pesquisador estético se deparar com inúmeras categorias, no campo empírico de sua investigação, e que ainda assim é notada a constância de nove categorias estéticas nos estudos (STRATI, 1996; 2007a), a saber: Belo; Agógicas, Trágico, Feio, Cômico, Sagrado, Pitoresco, Gracioso e Sublime.

Tratam-se de categorias estéticas tradicionais mais presentes na vida organizacional, as quais são descritas no Quadro 3. Entre as categorias, é notória, como destaca Strati (2007a), a atenção pela beleza na vida organizacional. A categoria Belo, que gerava confusão conceitual sobre a estética, inicialmente, é a que apresenta maior relevância e destaque por parte dos trabalhos (2007a). Diante de uma pluralidade e inexistência de um conceito aceito universalmente, temos dificuldade de conceituar o que é o Belo. Strati (2000) ressalta, com base nos fundamentos de Emmanuel Kant, que a beleza é um princípio absoluto que remete àquilo compreendido como a verdade, a Deus. Está ligada ao objeto de prazer do ser humano. Strati (1996) nos alerta, também, que não deve a beleza ser apenas privilegiada na abordagem estética, sendo preciso ativar os sentidos para além do belo.

Quadro 4 – Tradicionais Categorias Estéticas

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	TERMOS-CHAVE
Belo	A mais presente na linguagem do juízo estético. Provoca a sensação de sentimentos agradáveis. A admiração pode refletir em linguagem verbal e ou não verbal. A beleza simboliza a força e a capacidade de atrair e enganar.	Admiração; Prazer; Contemplação; Bonito; Desejado.
Agógicas	Corresponde às ações voltadas para o ritmo das atividades realizadas no cotidiano organizacional. O tempo é artefato observado, no que tange à interrupção inesperada, à pausa desejada, à pressa para a realização da tarefa e à espera de uma fila assim como a rapidez de um atendimento.	Ritmo; Fluxo; Movimento; Variação; Dinâmico.
Trágico	Relaciona-se a paixões pessoais e de grupo na organização provocada por situações críticas em que atos desafiam a criatividade e heroísmo. Destaca a possibilidade de a alegria ser encontrada no sofrimento.	Heroico; Prazer-Sufrimento; Drama; Paixão.
Feio	Categoria estética autônoma e diferente do Belo. Diz respeito àquilo que não é desejado pela organização, mas que está presente nos traços culturais da organização e que é desagradável ao ambiente. Estão presentes a artificialidade e o narcisismo em detrimento de um aspecto dessacralizador.	Chocante; Monstruoso; Impuro; Desagradável; Repugnante.
Cômico	Intrinsecamente próxima à categoria Feio pela dessacralização presente, mas isenta de aspectos negativos. Refere-se ao senso de humor no espaço organizacional. Ela ressalta as brincadeiras, nas relações entre as pessoas, os apelidos ligados a características da personalidade.	Grotresco; Ridículo; Brincadeiras; Ironia; Sarcasmo.
Sagrado	Relativo ao incomum e incompreendido na vida organizacional. Ao se afastar a racionalidade organizacional, permite abertura para a imaginação e compreensão daquilo que é fantasioso, misterioso a ponto de ser adorado e apreciado com respeito e devoção.	Divino; Inexplicável; Incomum; Mágico; Adoração.
Pitoresco	Tem relação contrária à experiência estética da vida organizacional com o seu processo evocativo. Há busca pelo incomum que pode ser apreciado por uns e ignorado pela maioria de um grupo social, mas que gera emoções.	Exótico; Curioso; Inusitado; Bizarro; Rústico.
Gracioso	Ligada à qualidade da vida organizacional, no que tange às perspectivas estratégicas da organização, às relações interpessoais. Há atenção especial para o visual e auditivo diante do encanto com as	Elegância; Conforto; Bem-estar; Encantador; Agradável.

	<p>peças e ou artefatos no cotidiano organizacional e que ainda envolve o social.</p>	
Sublime	<p>A mais próxima da categoria Belo. Corresponde ao <i>pathos</i> do sentimento estético que leva ao “êxtase” de uma relação mais densa que vai além dos aspectos visuais e cognitivos, uma vez que leva ao prazer de estado, ao prazer espiritual e eleva o status de grandeza.</p>	<p><i>Pathos</i>; Grandeza; Prazer; Hedonismo; Dignidade.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de Strati (2007a).

Outro aspecto destacado por Strati (2007a) aponta que cada categoria estética não pode limitar o conhecimento advindo do contexto organizacional analisado. Pelo contrário, a partir das categorias, há uma abertura para novos caminhos e compreensões da vida organizacional. Desse entendimento, Lopes, Souza e Ipiranga (2013) veem as categorias estéticas, como teia de entrelaçamentos entre as categorias, pois não há hierarquia entre elas pelo fato de organizar estar em constante mudança entre as ações realizadas pelos atores envolvidos no cotidiano organizacional.

Na busca por desvelar as categorias estéticas, no organizar de um pequeno restaurante, Lopes, Souza e Ipiranga (2014) identificaram um tipo de manifestação da qual o juízo estético expressa, com o cruzamento das práticas de trabalho, bem como das categorias estéticas. Os autores observaram cinco categorias estéticas, a saber: do Sagrado, do Belo, do Pitoresco, do Sublime e do Agógico. Destaca-se, como apontado por Strati (2007a), não ser possível estabelecer um grau hierárquico de predominância de uma categoria sobre as outras na vida organizacional, mas uma “teia” de ligação entre as categorias diante das ações e dos arranjos das organizações, sendo exercidos pelos atores organizacionais.

Ipiranga, Lopes e Souza (2016) avançam na análise interpretativa do estudo anterior e ampliam categorias estéticas, da relação entre o Belo e o Sublime, o Kitsch, o Feio, o Grandioso, o Grotesco, o Pitoresco, o Gracioso e o Sagrado. As autoras destacam que as categorias não esgotam o conhecimento sensível da organização pesquisada. Enquanto Soares e Bispo (2017) pesquisaram dois restaurantes regionais, em uma capital da região Nordeste do Brasil, a categoria Pitoresco posicionou-se quanto à preocupação com a ambientação de um dos restaurantes. Os autores destacam que a ausência do Sagrado se dá por se tratar da prática de cozinhar de uma comida regional, algo que poderia fortalecer a representação e a construção social.

Souza (2019) testemunha, em sua autoetnografia, a presença das categorias estéticas na prática de degustação de vinhos, ao longo da jornada de aprendizagem de formação de

Sommelier profissional. Há ausência das categorias Trágico, Cômico e Sagrado. O referido autor endossa a manifestação das demais categorias estéticas tradicionais, ao longo do processo de aprendizagem e como elas colaboram para a identificação dos resultados.

A metateoria feita por Soares e Bispo (2014) reforçam as contribuições da estética organizacional para a pesquisa em organizações gastronômicas, como os estudos empíricos desenvolvidos por Lopes, Souza e Ipiranga (2014), Ipiranga, Lopes e Souza (2016), Soares e Bispo (2017) e Souza (2019). Ambos os trabalhos empíricos revelam o potencial das organizações gastronômicas para a investigação do fenômeno da estética na vida organizacional.

Nota-se uma atenção particular para organizações gastronômicas em estudos de campo realizados Brasil. Ainda assim, é possível destacar estudos realizados em outros cenários organizacionais, como o de Narducci (2016), que conduziu sua investigação no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das quais emergiram as categorias da Tristeza e Indizível, que refletem na cultura organizacional a partir do conhecimento e do juízo estético dos servidores da instituição pública.

Por sua vez, Ferreira (2018) tem sua experiência estética desvelada, em um comércio de flores, na cidade de Vitória/ES, na qual evidencia Agógicas, Belo, Feio, Cômico, Sagrado, Pitoresco e Gracioso, os quais estão presentes no conhecimento do processo organizacional pesquisado, à medida que a autora exercitou a compreensão empática para a linguagem do feirante, ao demonstrar a possibilidade do juízo estético dos atores organizacionais nas diversidades de representações de categorias estéticas, que mostram que há beleza e tantas outras representações na vida organizacional.

A compreensão da vida organizacional, por meio da identificação das categorias estéticas, permite que o pesquisador compreenda como o indivíduo está conectado à organização, uma vez que ela revela as experiências sensíveis vividas (STRATI, 2007a). Dessa forma, vemos como as categorias estéticas são tão essenciais para a compreensão da estética na vida organizacional.

Estudos teórico-empíricos têm feito articulação entre a aprendizagem e a estética organizacional na temática de workplace studies (GHERARDI, 2006). A estética organizacional tem contribuído para os avanços sob a perspectiva sociológica da aprendizagem organizacional (DURANTE et al., 2019; GHERARDI, 2009). A aproximação aos EBP colabora para o distanciamento das perspectivas tradicionais dos estudos de aprendizagem organizacional, com atenção à perspectiva cognitivista (AZEVEDO, 2013; BISPO, 2013b). Outros estudos também exemplificam a mesma abordagem (ver AZAMBUJA; ANTONELLO,

2014; BISPO, 2014; FLACH; ANTONELLO, 2011; VASCOCELOS; CAVALCANTI; SILVA JÚNIOR, 2017; WILLERDING; KRAUSE; LAPOLLI, 2016). Em contrapartida, a seguir destaque outras duas temáticas, que por serem negligenciadas, se tornam emergentes para a discussão no campo da estética organizacional: os artefatos e a corporeidade na dimensão estética.

2.4 Os artefatos na perspectiva da estética organizacional

Dentro da perspectiva da estética organizacional, uma prática social é constituída no cotidiano por processos materiais, corporais e de aprendizagem, para além dos aspectos cognitivos (STRATI, 2007a). Ao ponto de estabelecer que o conhecimento sensível é socialmente construído, essa construção ocorre em meio à troca de relações, entre indivíduos, seus corpos e artefatos; daí temos a formação do gosto e do julgamento estético (STRATI, 2007a; GHERARDI, 2009).

As concepções descritas levam a uma abordagem que rompe com as dicotomias duais (sujeito/objeto, mente/corpo, indivíduo/organização) (RECKWITZ, 2002). Ela coloca em evidência a materialidade, a corporeidade e a aprendizagem organizacional como dimensões para a compreensão do conhecimento (BERTOLIN; CAPPELLE; BRITO, 2014; BISPO, 2016a; GHERARDI, 2012; MOURA; BISPO; 2019; SOARES; BISPO; 2017).

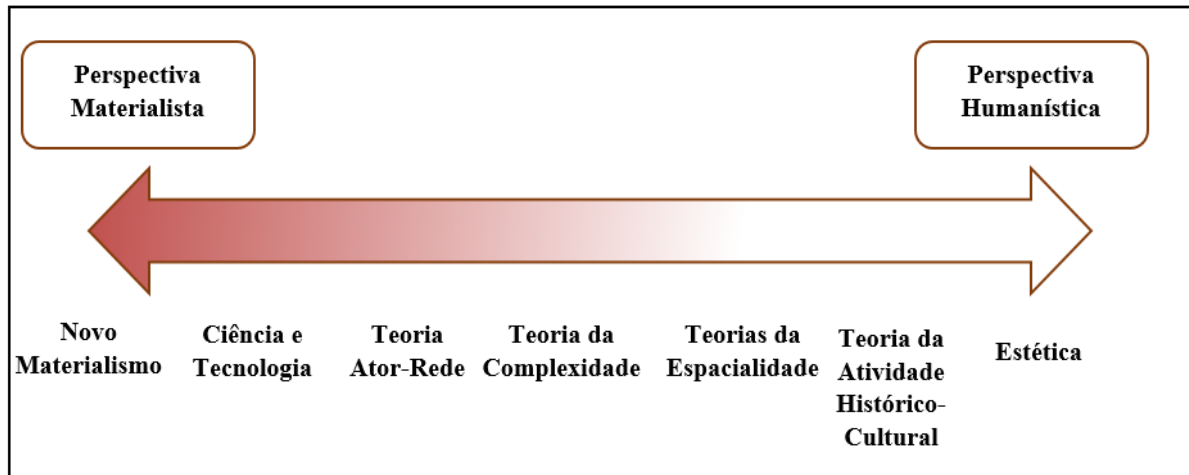
Por considerar os elementos não-humanos na análise social e não somente como elementos da prática, os EBP se colocam como um campo com perspectiva pós-estruturalista e pós-humanista (SCHATZKI, 2001a). Sendo os elementos materiais e as pessoas constituintes do mundo social, há aqui uma desconstrução das relações sociais, que implica novos olhares à formação dos processos organizacionais, pois objetos e artefatos estão presentes nas práticas organizativas (SCHATZKI, 2001a; 2001b; 2002; 2006).

Dentro das abordagens da EBP, tem ocorrido um movimento para a compreensão de fenômenos sociais, diante de uma maior atenção e relevância dos elementos materiais (elementos não-humanos), e perante as interações nas ações estabelecidas com os humanos. Este movimento tem sido tema de pesquisa no campo organizacional (LATOURET, 2012; ORLIKOWSKI, 2007).

As ações dos atores sociais (humanos e não-humanos) estruturam e reestruturam, ao longo do tempo, no campo das práticas em que está situado o mundo social (GHERARDI, 2006; 2009). Moura e Bispo (2019) apresentam a estética organizacional como uma abordagem sociomaterial (ver Figura 2), haja vista que os artefatos materiais são expressões, representações

da vida organizacional (STRATI, 2007a). Ao seguir uma perspectiva sociomaterial para a dimensão estética, existe a possibilidade de fortalecer o entendimento da relação imbricada entre atores não humanos (objetos, artefatos), na formação do conhecimento sensível junto às ações dos atores humanos, para a construção cultural, social e material.

Figura 2 – Estética como uma das Abordagens Sociomateriais



Fonte: Adaptado de Moura e Bispo (2019).

Com atenção ao olhar material na dimensão estética, constatamos alguns esforços de pesquisadores ao reconhecer os artefatos como relevantes em práticas estéticas. Citamos aqui, nos EOR brasileiros, o trabalho de Soares e Bispo (2017) em que o processo de aprender a cozinhar está imbricado na prática culinária, na ação de artefatos materiais, nos diversos utensílios no preparo.

O trabalho de Gagliardi (2009) abordou com atenção especial a discussão sobre os artefatos organizacionais e a forma como são percebidos pelos sentidos. No estudo, o autor afirma que o cotidiano das organizações está repleto de conhecimento sensorial.

Ao considerar os elementos materiais e as pessoas constituintes do mundo social, há aqui uma desconstrução das relações sociais, que implica novos olhares à formação dos processos organizacionais, pois objetos e artefatos estão presentes nas práticas organizativas (SCHATZKI, 2001a).

Moura e Bispo (2019) apresentam a estética organizacional como uma abordagem sociomaterial, haja vista que os artefatos materiais são expressões, representações da vida organizacional (STRATI, 2007a).

2.5 O corpo na perspectiva da estética organizacional

Mediante aos avanços teórico-empíricos da perspectiva estética na área da aprendizagem organizacional, apresento também a corporeidade como dimensão analítica dos estudos de estética organizacional (BERTOLIN; CAPPELLE; BRITO, 2014; BISPO; GHERARDI, 2019; COLET; MOZZATO, 2019). Com base nos estudos do fenomenologista e filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, Strati (2014d, p. 68-69) argumenta que o conhecimento sensível é adquirido pela corporeidade.

[...] são as pessoas que criam, inventam e desempenham a organização, fazendo-o não como “mentes” individuais ainda que inter-relacionadas, mas por meio de sua corporeidade – que lhes permite adquirir conhecimento sensível, bem como se envolver em raciocínio intelectual – e sempre em relação aos elementos não humanos que compõem o espaço organizacional.

Strati (2007a), ao considerar o juízo estético como um “sexto sentido”, reitera que esse é expresso por meio das ações percebidas pelos corpos dos indivíduos com o mundo social. A formação e refinamento do julgamento, sobre o que considerar como Belo ou Grotesco, Bom ou Ruim, ocorre quando o corpo está envolvido no cotidiano das práticas sociais. Haja visto, sensível está presente no corpo, nos sentidos, nas práticas sociais (STRATI, 2014d), o que será melhor discutido no subtópico a seguir.

Ao discutirem os desafios da corporeidade na pesquisa para a construção do conhecimento, Flores-Pereira, Davel e Almeida (2017) apontam para a interação do pesquisador com o campo como um dos desafios, o que requer dos pesquisadores maior sensibilidade no envolvimento com o conhecimento empírico, algo que é também fundamental nas pesquisas em estética organizacional (DE MOLLI, 2020).

No entanto, a perspectiva do embodiment não tem tido a devida atenção nos estudos de estética (BERTOLIN; CAPPELLE; BRITO, 2014; FLORES-PEREIRA, 2010). Flores-Pereira (2010) assenta certa negligência às pesquisas da área estética por entender que eles têm maior interesse na formação do conhecimento sensível e do juízo estético no conjunto dos analítico dos cinco sentidos. A centralidade analítica baseada no corpo é pouco adotada nos estudos, dado que o conhecimento é evidenciado pelos cinco sentidos corporais (STRATI, 2014b).

Colet e Mozzato (2019) diminuem essa lacuna ao realizarem um estudo de caso múltiplo em duas organizações de grande porte, em que evidenciaram nas práticas cotidianas investigadas, os processos de aprender, os quais abrangem não só os aspectos multissensoriais, mas também materiais e corporais. O juízo estético dos envolvidos nas duas organizações são

contatados por meio das relações cotidianas, bem como do corpo, como salientado por Strati (2007a; 2014b) e Bertolin, Cappelle e Brito (2014).

No entanto, pouco é explorado e evidenciado sobre a relevância de nosso corpo enquanto pesquisadores no processo de produção e interpretação (BISPO, 2017). Para Bispo e Gherardi (2019), os corpos dos pesquisadores podem não somente serem usados e/ou observados, mas também interpretados na pesquisa qualitativa nos EOR.

2.6 Questões Metodológicas da Estética Organizacional nos Estudos Organizacionais

Foi a partir das inquietações de jovens e aspirantes pesquisadores, seus questionamentos e inquietações comuns, ao se fazer pesquisas, que este estudo se pautou. Ao pensar nas escolhas, muitas são as sugestões para a adoção de técnicas de pesquisas às estratégias metodológicas e métodos qualitativos nos EOR (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2010; MELLO; 2014), nos EBP (PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018), nas abordagens sociomateriais (MOURA; BISPO, 2019), e particularmente, quanto aos desafios metodológicos, em pesquisa estética (HANCOCK, 2005; STRATI, 2014d; TAYLOR; HANSEN, 2005; WARREN, 2002; 2008; 2012).

Apesar das indicações de autores que realizam pesquisas nos EBP, a atenção maior tem sido dada às estratégias metodológicas já consolidadas nos trabalhos (DE MOLLI, 2020). Temos a etnografia como método mais valorizado nos estudos (ver DAVEL; MARINS, 2020a), enquanto a Compreensão Empática, método defendido como específico para a investigação da experiência estética ainda não se encontra difundido nos estudos como caminho possível (ver LOPES; IPIRANGA; SILVA JÚNIOR, 2017) e Metodologias Visuais (WARREN, 2002; 2009). Esta última sendo ainda negligenciada pelos pesquisadores em EOR (BOXENBAUM et al., 2018; IPIRANGA; RIBEIRO, 2020).

Nota-se que técnicas e procedimento de coleta, produção de material empírico e de análise dos dados também são ignorados, uma vez que são tradicionalmente utilizadas a observação participante e as entrevistas. De Molli (2020) ressalta que, nos estudos do campo Estético, os métodos tradicionais não levam em conta totalmente as percepções estéticas de forma plural e coletiva do fenômeno organizacional investigado, algo que seria essencial para uma pesquisa estética como apontado por Strati (2007b; 2014d).

Diante da lacuna em torno de técnicas de coleta e análise em Estética Organizacional e dos desafios para os pesquisadores, frente às escolhas metodológicas, apresento, de forma sucinta, técnicas e procedimentos de pesquisa em Estética Organizacional as quais, apesar de serem recomendadas, ainda são pouco utilizadas por pesquisas empíricas.

2.6.1 Compreensão Empática

Strati (2007a) nos apresenta a compreensão empática como método alternativo para o desenvolvimento de estudos da estética organizacional. A metodologia utilizada pelo autor se fundamenta no desafio dos pesquisadores captarem a dimensão estética, a partir de estratégias metodológicas tradicionais nas pesquisas qualitativas, por terem base racional e ou cognitiva. A empatia traz à tona a influência dos sentidos e o caráter multissetorial no decorrer da realização da pesquisa (STRATI, 2007a). O Quadro 5 detalha os pressupostos e os aspectos para a utilização da compreensão metodológica como método de pesquisa em estética organizacional.

Quadro 5 – Componentes da Compreensão Empática da Organização

Pressupostos	Aspectos
1. Disposição do pesquisador para se colocar no lugar do ator organizacional	Imersão no contexto organizacional que se deseja estudar
	Ativação das faculdades perceptivas e sensoriais do pesquisador
2. Métodos de coleta do conhecimento específicos da empatia	Auto-observação: trata da necessidade de o pesquisador observar a si mesmo enquanto se coloca no lugar do outro
	Intuição: pesquisador deve ativar suas capacidades intuitivas a fim de assumir o papel do ator organizacional
	Analogia: possibilita que o pesquisador estabeleça uma relação dinâmica com o que pensa e sente o ator organizacional
	Reviver a experiência na imaginação: pesquisador utiliza suas faculdades intuitivas, emprega a analogia, ou confia numa combinação dos dois métodos para se pôr no lugar de outrem
3. Definições da situação de empatia	Verificação de suposições: o pesquisador verifica quais são os motivos que podem explicar a ação dos sujeitos.
	Compartilhamento da experiência: Empatia é realizada em analogia com as experiências vividas pelo pesquisador ao longo da vida
	Observação participante imaginativa: A imaginação do pesquisador permite que ele assuma a aparência do outro, sem efetivamente realizar a ação.
4. Arquitetura e o estilo da descrição	Texto aberto: Processo contínuo de revisão, releitura, recompreensão e reargumentação
	Cognitivo: Foco nos estados cognitivos do ator organizacional.
	Estético: Foco nos estados estéticos que o ator organizacional expressa
	Emocional: Foco nos estados emocionais dos sujeitos.
5. característica dominante no processo de conhecimento	Cognitivo: tudo que é conhecido empaticamente é posto em relação com o pensamento.
	Estético: faculdades sensoriais, os juízos e sentimentos estéticos são parte integrante da produção de conhecimento

	Emocional: o pesquisador se coloca no lugar de alguém a fim de empatizar com os estados emocionais do ator organizacional
--	--

Fonte: Adaptado de Strati (2007a, p. 84-93), Lopes, Ipiranga e Silva (2017, p. 838-841) e Ferreira, Fantinel e Amaro (2021, p. 9).

Ao adentrar no campo do objeto de pesquisa, o pesquisador necessita “ativar” suas faculdades sensoriais e estéticas. Colocar-se no papel do “Outro” exige uma postura frente ao fenômeno de investigação, ao obter um olhar do ator organizacional. Para tanto, o pesquisador precisa definir em qual situação empática e estilo de arquitetura ele pode adotar em campo, para a coleta de dados, a partir das técnicas de auto-observação, intuição, analogia, experiência vivida para a elaboração da análise de construção do processo de conhecimento (STRATI, 2007a).

Strati (2007a) enfatiza a liberdade de escolha nas estratégias do pesquisador, o qual não deve ficar preso a uma sequência de procedimentos lineares, ao escolher caminhar pela compreensão empática, como método de estratégia para a pesquisa estética. No entanto, o autor reitera a atenção dos pesquisadores para as situações de conhecimento empático e do processo de construção do conhecimento, pois são possibilidades que implicam em posicionamentos não só em relação aos aspectos metodológicos, mas como postura ética do pesquisador, frente à pesquisa (ver LOPES; IPIRANGA; SILVA, 2017; FERREIRA; FANTINEL; AMARO, 2021).

Ao seguir este caminho metodológico, os pesquisadores não apenas revivem suas ações com o campo e o objeto de pesquisa, a partir de suas experiências interiores, mas também são colocados à prova em desenvolverem a capacidade imaginativa de se colocar no lugar do outro (STRATI, 2007a; LOPES; IPIRANGA; SILVA, 2017; MARINS; DAVEL, 2020; FERREIRA; FANTINEL; AMARO, 2021). Sendo assim, a compreensão empática dá relevância à subjetividade no processo de condução de pesquisa em estética organizacional.

É um método centrado no fato de que o dilema entre uma objetivação baseada na causalidade, de um lado, e o reviver da experiência do ator organizacional, de outro, está longe de ter sido resolvido. É a significação e a força desse dilema que constitui o motor da compreensão estética da vida organizacional. [...] essa compreensão está muito distante – e até mesmo se opõe a ela – da compreensão causal e do *pathos* da objetivação tão próprios das análises da ação intencional (STRATI, 2007a, p. 93)

O posicionamento adotado por Strati (2007a) aponta o desafio de seguir o percurso teórico-metodológico aqui apresentado, uma vez que o dilema entre o caráter objetivo e subjetivo das pesquisas nas teorias organizacionais é algo presente na discussão nos EOR e que

numa tentativa de integração dessas dimensões (LEAL, 2005), a estética organizacional se coloca como corrente que busca autonomia para a compreensão do sensível na vida organizacional, dado que a compreensão empática conecta com a ação intencional dos sujeitos presentes na construção do conhecimento estético nas ações organizacionais (STRATI, 2007a).

2.6.2 *Interpretação Participativa na Análise dos Dados*

Com a atenção voltada para a abordagem estética, pouca atenção tem sido dada às técnicas de análise dos dados (DE MOLLI, 2020). Como forma de superar os desafios analíticos na pesquisa em Estética Organizacional, De Molli (2020) propõe a Interpretação Participativa como técnica de análise de dados. A proposta vai de encontro às necessidades e anseios das limitações de interpretação dos dados apontados pelos pesquisadores.

A Interpretação Participativa proposta como um método analítico em pesquisa à luz da Estética Organizacional vislumbra a compreensão da sua dimensão performativa no todo, o que recai na percepção e implicações das ações individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos na vida organizacional. De Molli (2020) alega que os demais métodos analíticos se limitam a uma compreensão parcial. A autora recomenda que a realização da Interpretação Participativa deva ser realizada em duas etapas: (1) Envolvimento analítico dos atores e (2) Análise autorreflexiva pelos atores de suas compreensões estéticas. No Quadro 6, esboçam-se os dois estágios da análise.

Quadro 6 – Processo de Análise de Dados da Interpretação Participativa

ESTÁGIO DA ANÁLISE	DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO	PROCESSO DE ANÁLISE	RESULTADOS POTENCIAIS
ESTÁGIO 1	Envolvimento analítico dos atores.	Visualização em conjunto das fotografias e vídeos e outros artefatos organizacionais para interpretação coletiva; Leitura de trechos das notas de campo, de entrevistas para os atores fornecerem suas próprias interpretações.	Redução das próprias interpretações do pesquisador; Valorização da polifonia dos atores nas interpretações das representações estéticas.
ESTÁGIO 2	Análise autorreflexiva pelos atores suas compreensões estéticas	Convite aos atores participantes da pesquisa a refletirem sobre eles próprios percepções estéticas, e na relação entre essas percepções e próprias e coletivas.	Compreensão da dimensão performativa da estética explorada através da qual as percepções individuais afetam o indivíduo e ação coletiva.

Fonte: Adaptado (DE MOLLI, 2020).

Apesar de o procedimento de análise ser apresentado em dois estágios, a autora ressalta que eles não devem ser vistos de forma separada, pois o processo interpretativo é dinâmico. Eles se sobrepõem, assim como deve se sobrepor ao processo de coleta e de produção de dados com o de análise. Em pesquisa de campo realizada em um festival, De Molli, Mengis, e Van Marrewijk (2019) ilustram situações semelhantes e ainda ressaltam pela especificidade da própria experiência estética entre o pesquisador, atores envolvidos e *locus* da pesquisa influenciar na condução da análise que gera diferentes representações estéticas.

Para evitar uma análise da dimensão estética, pelo próprio ponto de vista do pesquisador, é recomendado incorporar os “*insights*” iniciais que emergem no campo nos momentos das observações ou entrevistas, por exemplo. Para tanto, será preciso dialogar com os atores, a fim de que eles possam contribuir com suas interpretações, opiniões, sem deixar de respeitar as particularidades individuais e coletivas (DE MOLLI, 2020).

Os procedimentos de análise dos dados empíricos pedem uma reflexão sobre a experiência sensível, vivida no campo investigado. É preciso levar em consideração as particularidades das escolhas teórico-metodológicas que norteiam as pesquisas (BISPO, 2015), a fim de evitar ranhuras e críticas quanto aos aspectos metodológicos da pesquisa qualitativa e preservar o rigor e a elucidação da problemática frente ao fenômeno investigado (CORLEY; GIOIA, 2004).

Tais procedimentos metodológicos possibilitam que os pesquisadores possam, de forma mais intensificada, observar as ações dos atores em situações cotidianas, de modo a compreender e analisar como se constituem as práticas sociais em meio às relações entre os indivíduos e os artefatos envolvidos no processo de organizar.

2.6.3 *Shadowing*

Ao sugerir novas formas de estudar organizações, a partir do entendimento de que elas são móveis, dispersas e heterogêneas, Czarniawska (2007; 2008) nos apresenta a técnica *Shadowing* como possibilidade para a lente da prática. Trata-se de uma técnica de cunho qualitativo, que apesar de antiga, ainda é pouco recorrente nos EOR (POSSAS; MEDEIROS, 2017; PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018). A *Shadowing* constitui no seguir especificamente uma pessoa, ao longo de suas ações e atividades no dia a dia de seu organizar (CZARNIAWSKA, 2007; GILL; BARBOUR; DEAN, 2014). Ela é compreendida como uma variação da técnica de observação mais acentuada para “dentro” da prática situada, pois a intenção é coletar

informações que serão registradas em notas de campo, ou ainda em registros audiovisuais (VÁSQUEZ; BRUMMANS; GLOLEAU, 2012).

E como sugerido por McDonald (2005), o acompanhamento poderá vir a ser realizado em dias consecutivos. Por requerer certo período no acompanhar, pode-se encontrar dificuldades com a interação da pessoa por passar a ser sua “sombra” Assim, é desejada a realização da técnica, após uma relação estreita entre o “eu” como observador com a pessoa a ser observada. Apesar de comumente, nos estudos, ser realizado o acompanhamento de um único indivíduo, há a possibilidade de seguir mais de uma pessoa como a pesquisa realizada por Possas e Medeiros (2017) em um grupo de teatro, visto que a variação da técnica amplia as possibilidades de sua utilização em estudos em nível individual e de pequenos grupos.

Gill, Barbour e Dean (2014) orientam que as observações feitas devem ser registradas em um diário de campo com a seguinte formatação: cada página dividida em três colunas e que devem conter: (1) data, local e horário de início e fim do tempo em campo; (2) descrição densa do que fora observado; e (3) notas sobre as experiências vividas no cotidiano.

E diante dos desafios no campo da estética, a exemplo de caso empírico, temos o estudo de Ipiranga e Lopes (2017) que, no intuito de compreender e organizar de práticas cotidianas pela perspectiva da estética espacial em uma praça na cidade de Fortaleza/CE. Com a finalidade de compreender os significados estéticos nas apresentações festivas promovidas na “Festas dos Pretos”, na praça dos Leões. Em conjunto com outras técnicas (entrevistas e fotografias), as autoras revelam a escolha da técnica pela sua característica de ser “móvel” e adequada, frente à necessidade de deslocamento, para a realização da investigação e construção coletiva do estudo que tinha o desafio da sua realização em diferentes contextos no espaço-tempo que acontecia o organizar (CZARNIAWSKA, 2008).

2.6.4 Zooming In Zooming Out

Em razão da tensão inicial ao acessar o campo e a necessidade de ser “aceito” pelo campo e as inseguranças quanto à capacidade de poder analisar o fenômeno da prática a ser investigada, preocupado com essas questões metodológicas nos EBP, Nicolini (2009b) recomenda ser preciso, primeiro, identificar e compreender as práticas “de dentro” para só depois ir observar o contexto “de fora”. O movimento de ajuste de foco, para o observar das práticas cotidianas que o autor convencionou chamar de *zooming in* e *zooming out*. A técnica já tem sido adotada por pesquisadores do EBP, sendo sua utilização considerada relevante para a produção de dados (MOURA; BISPO, 2019; PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018).

Zooming in corresponde ao momento de aumentar a lente de aproximação do pesquisador com a prática, o que o leva a um olhar mais analítico e minucioso do registro de ocorrência de determinada prática, levando em consideração a interação da ação com outras atividades (próximas ou distantes). Já *Zooming out* leva ao aumento da projeção da observação, entre as práticas e seus desdobramentos no cotidiano (NICOLINI, 2009b).

Em meio à possibilidade de permitir uma investigação mais orgânica e dinâmica, alternando-se entre *zooming in* e *zooming out*, entre o efeito local e mais amplo da prática (NICOLINI, 2009b) que Soares e Bispo (2017) realizaram a construção dos dados empíricos, por meio da *zooming in* e *zooming out* em dois restaurantes regionais de uma capital da região Nordeste do Brasil. Por intermédio da técnica, os autores conseguiram realizar uma articulação das relações entre as atividades que eram identificadas nos dois estabelecimentos. A fim de compreender o processo de aprender a cozinhar, os dados revelaram estar imbricados na prática culinária, a ação de artefatos materiais, da corporeidade, do conhecimento sensível e do juízo estético.

2.6.5 Entrevista Narrativa com Foto-Elicitação (EFE)

A utilização das entrevistas mostra-se pertinente para a produção de dados nas pesquisas qualitativas (MELLO, 2014). Na entrevista narrativa, a pessoa entrevistada é incentivada a falar sobre suas atividades cotidianas relativas ao fenômeno investigado de forma livre e sem roteiro (JOVCHELOVICH; BAUER, 2002; MUYLAERT *et al.*, 2014). Apesar de não ser realizada como uma entrevista estruturada, a partir de um roteiro pré-estabelecido, Jovchelovich e Bauer (2002) apresentam uma estrutura com base na proposta do sociólogo alemão Fritz Schütze. São cinco fases durante o processo: a obtenção das entrevistas narrativas: (1) Preparação; (2) Iniciação; (3) Narração central; (4) Fase de perguntas e (5) Fala conclusiva.

Nos momentos de realização das entrevistas, é preciso contar com um ambiente calmo e confortável para o entrevistado e disposição de tempo livre, além da necessidade do uso do gravador já com prévia autorização para a gravação de áudio para posterior de gravação na íntegra. Ressalta-se ainda que, em outros momentos, quando oportuno, serão realizadas entrevistas sem roteiro padronizado, que ocorrerão de forma livre (GODOI; MATOS, 2006), conforme a análise de viabilidade, à medida que for surgindo a necessidade de esclarecimentos de dúvidas e confirmação de informações.

Para tanto, a entrevista narrativa poder ser associada à foto-elicitação. A utilização da técnica diz respeito à procura pela compreensão da significação de imagens associadas aos

aspectos sociais, culturais e representacionais de uma pessoa, grupo ou organização, a depender do contexto do fenômeno de investigação (HARPER, 2002; LAPENTA, 2011).

Temos o caso do estudo de Miyazaki, Hanashiro e Ipiranga (2018), o qual na busca de compreender a cultura organizacional da escola de equitação de um clube hípico paulista, lançaram mão da técnica EFE em conjunto à entrevista para melhor entendimento dos aspectos estéticos e culturais da escola. De Molli (2020) ressalta a valiosa contribuição da técnica por ter auxiliado para uma maior participação e interação com o envolvimento dos entrevistados com as fotografias utilizadas, as quais se tornaram fonte de memória e representação de sentidos estéticos dos participantes do festival de música, no qual foi feita a pesquisa.

A junção entre as duas técnicas beneficia um maior aprofundamento das compreensões a respeito das representações dos atores, ao longo da vida organizacional (HARPER, 2002; LAPENTA, 2011; RICHARD; LAHMAN, 2015). Com isso, os dados produzidos pelas entrevistas, associados a outras formas de coleta de dados qualitativos escolhida, irão dar maior robustez e desejado rigor nos resultados obtidos na pesquisa.

Tendo apresentado esta revisão teórica que dá amparo ao presente trabalho, no próximo tópico, apresento a estratégia metodológica que delinear os caminhos da pesquisa realizada.

3 TRILHA METODOLÓGICA

Nesta seção são apresentados os caminhos e as escolhas relacionados aos aspectos ontológico, epistemológico e metodológico. Logo depois, as técnicas de produção e de coleta de dados, e por fim, sua análise e o cronograma das próximas etapas de realização da pesquisa.

3.1 Das escolhas Ontológicas, Epistemológicas e Metodológicas

Strati (2007a) reconhece que, para a compreensão estética da vida organizacional, é preciso evitar a busca por uma “ontologia forte” que seja capaz de propor um conhecimento para além dos conhecimentos já definidos. Ao considerar os aspectos subjetivos intrínsecos ao cotidiano organizacional (STRATI, 2007a), esta tese proposta se alinha por uma ontologia e epistemologia abordagem construcionista-realista (ELDER-VAAS 2012; BORGES *et al.*, 2016).

O livro “A Construção Social da Realidade”, de Peter Berger e Thomas Luckmann, que fora publicado, em primeira edição em 1966, é reconhecido como seminal para o campo de estudos da abordagem construcionista, na qual o conhecimento é resultado de uma construção social, isto é, o ser humano constrói teorias a partir da sua interação social com o mundo (BERGER; LUCKMANN, 2014; GERGEN, 1985).

Como uma epistemologia, a visão construcionista social colabora para a compreensão de que o conhecimento é construído no cotidiano de práticas sociais (GHERARDI, 2012; 2014). A abordagem socioconstrucionista ou construção social tem contribuído para o campo científico dos EOR (BÍSCOLI *et al.*, 2020; BORGES, *et al.*, 2016; DE PAULA, *et al.*, 2015; ROSA; TURETA; BRITO, 2006).

Os pressupostos filosóficos construcionista tem como base a defesa de uma ontologia relacional, pois o entendimento é de que os fenômenos são continuamente constituídos e (re)produzidos de forma relacional (HOSKING, 2011). A interação com a realidade vivida pelos sujeitos, presente no fenômeno investigado, pode, por exemplo, provocar alterações na linguagem discursiva, no corpo, nas práticas cotidianas (GERGEN, 1995). Sendo assim, nota-se que, para a compreensão da realidade organizacional do fenômeno a ser investigado, a partir da ótica ontoepistemológica do construcionismo social, é necessário um alinhamento também metodológico dos pesquisadores ao longo do estudo (TURNBULL, 2002).

Todavia, Elder-Vaas (2012) defende a necessidade de realização de um diálogo entre a abordagem do construcionismo social com ontologia social realista crítica, de modo a oferecer

uma abordagem coerente para o desenvolvimento de teoria social. O mesmo autor sugere a integração para melhor compreensão da dimensão objetiva da realidade e assim, depreender que o mundo material faz parte da construção social, pois “[...] o realista crítico, que reconhece as coisas do mundo, e o construcionista, que reconhece o papel dos agentes” (BORGES *et al.*, 2016). Sendo assim, temos um uma abordagem construcionista-realista ou realista-construcionista.

Se a experiência subjetiva da pesquisa proposta apresentar um caráter interpretativista, insere-se no paradigma interpretativo (BURREL; MORGAN, 1979; LINCOLN; GUBA, 2006; SACCOL, 2009). Enquanto abordagem metodológica, este estudo será direcionado a uma perspectiva qualitativa, caminho recomendado para pesquisas sobre Estética Organizacional (STRATI, 2007a) e nos EOR (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2012; MELO, 2014).

Ao considerar uma lente mais íntima sobre o social, a abordagem metodológica qualitativa demanda uma maior participação dos pesquisadores envolvidos no fenômeno social, que está imbricado nas relações cotidianas da vida organizacional, como pontuado nos estudos qualitativos em estética (STRATI, 2009; DAVEL; MARINS, 2020; WARREN, 2002; TAYLOR, 2005).

A escolha de uma abordagem qualitativa vai ao encontro da literatura internacional, quanto ao estudo de Estética Organizacional. E consoante aos pressupostos filosóficos, teóricos dos EBP, há uma atenção e preocupação com os caminhos metodológicos diante da natureza dos fenômenos investigados (GHERARDI, 2012). Razão pela qual há um incentivo para a criação de novas técnicas metodológicas, combinações e novas variações que fortalecem o rigor científico dos estudos (BISPO, 2015; PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018). Para isso, nos subtópicos, a seguir, são apresentadas as técnicas de coleta e análise de dados.

3.2 Revisão Integrativa

Para dar sequência à proposta metodológica, enveredei pela revisão integrativa como técnica de coleta (MENDES-DA-SILVA, 2019; TORRACO, 2005). Torraco (2005; 2016) reitera que, para a realização de uma revisão integrativa, é preciso ter feito uma coleta de dados imparcial, pois uma coleta de dados secundários não representativa constata um viés na pesquisa. Para tanto, é preciso ter acesso às bases de dados de periódicos para posterior seleção, visto que as publicações em bases indexadas são revisadas por pares e contam com um processo

mais rigoroso, antes da publicação, não tendo vieses de fins comerciais, livros, documentos governamentais e outros.

As bases selecionadas devem ter relevância para o campo de investigação. Torracco (2016) confirma que não é necessária uma validade exaustiva, mas encontrar um ponto de saturação de acordo com os objetivos traçados. Outro fator considerado pelo autor é o processo de filtragem de termos para limitar a seleção de artigos para a revisão da pesquisa. Com o levantamento de estudos, a coleta de dados, por meio da revisão integrativa, permite um reconhecimento do repertório teórico, em torno do fenômeno investigado, com a possibilidade de contribuir para o rigor da realização de uma fundamentação teórica (TORRACO, 2005; 2016; MENDES-DA-SILVA, 2019; WOLFSWINKEL; FURTMUELLER; WILDEROM, 2013).

Para isso, diversos são os protocolos de pesquisa que auxiliam no processo da revisão integrativa (TORRACO, 2016). Tempo, idioma, periódicos são filtros de seleção normalmente utilizadas nos estudos de revisão bibliográfica. As propostas se iniciam pelas escolhas da base de dados, mecanismo de busca, filtragem de artigos, com a leitura dos títulos, resumos e a completa revisão dos artigos para a sua posterior análise (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

Sendo a questão central de pesquisa, a revisão sistemática busca essencialmente identificar trabalhos científicos, por meio de uma *String* de busca, nas bases de dados; realização da filtragem dos artigos de acordo com as questões propostas para a revisão; o estabelecimento de critérios para a inclusão e a exclusão de trabalhos a uma futura seleção dos estudos para a análise e a interpretação dos dados (PRADO *et al.*, 2016). O Quadro 4 descreve o fluxo das etapas preliminares da coleta de dados de uma revisão sistemática proposta por Prado *et al.* (2016).

Quadro 7 – Fluxo das Etapas Iniciais de Seleção da Revisão Integrativa

Etapa	Descrição dos procedimentos de cada Etapa
1ª Operacionalização da pesquisa	1.1 Definir o campo científico e teórico do trabalho
	1.2 Delimitar os objetivos do trabalho
	1.3 Escolha das bases científicas ou periódicos
	1.4 Delimitação dos termos que representam o campo
	1.5 Delimitação de outros termos para apurar os resultados
2ª Procedimentos de busca (filtros)	2.1 Definir os termos de busca para localizar as referências
	2.2 Definir os operadores booleanos para uma pesquisa avançada
	2.3 Definir outros filtros de busca para refinamento
	3.1 Download das referências para <i>My EndNote Web</i>

3ª Procedimentos de seleção (Banco de dados)	3.2 Download das referências em formato planilha eletrônica
	3.3 Organização das referências no <i>My EndNote Web</i>
	3.4 Organização das matrizes de análise em planilha eletrônica
4ª Adequação e organização dos dados	4.1 Eliminação dos artigos duplicados no banco de dados
	4.2 Eliminação de artigos por meio de leitura flutuante
	4.3 Eliminação por meio da análise da polissemia dos termos
	4.1 Busca dos artigos completos em .pdf no <i>My EndNote Web</i>

Fonte: Adaptado de Prado *et al.* (2016).

Estratégias para nortear a seleção dos trabalhos que irão compor a revisão integrativa são necessárias. Quanto à escolha das **bases de dados**, temos a *Web of Science Database* (WoS), da *Clarivate Analytics* e *Scopus*, da *Elsevier*. A escolha dessas duas bases é respaldada pelo acesso digital permitido, via plataforma Periódicos CAPES; (b) as duas bases são representativas no escopo de pesquisa da área de EOR; (c) apresentam rigor na escolha de seus periódicos para a composição da base, mediante métricas de fator de impacto dos trabalhos. Para a elegibilidade dos trabalhos, farão parte do escopo de seleção artigos publicados em periódicos de cunho empírico, tendo em vista a procura pela compreensão da realidade do campo de estudos em estética organizacional. E, diante do reconhecimento da interdisciplinaridade de campo científico, a atenção de escolha será voltada aos estudos que estejam vinculados às discussões da estética no contexto dos EOR.

A **temporalidade** do campo científico é algo a ser delineado. O período da pesquisa foi definido entre janeiro de 1992 e dezembro de 2021, tendo como justificativa a publicação do trabalho seminal de Strati (1992), intitulado “*Aesthetic understanding of organizational life*”, que nos apresenta as possibilidades da dimensão estética na vida organizacional. Destaca-se, ainda, o *status* dos artigos como publicações em edição definitiva. Quanto ao **idioma**, foram inseridos apenas artigos disponíveis para leitura nos idiomas inglês e português.

Foi realizada uma seleção de artigos para a coleta e a análise inicial dos dados. Após teste e tentativas preliminares de busca, entre definições de palavras-chave e os caracteres booleanos, a *string* “**TS=(organi?ation* NEAR/1 aesthetic*)**”, para WoS e **TS=(organi?ation* W/1 aesthetic*)**, para *Scopus* é que melhor se adequam aos objetivos da pesquisa, com refinamento de busca feito pelos tópicos (de título, resumo palavra-chave). 94 artigos foram considerados para realização da revisão integrativa de literatura.

Com a preocupação de evitar o mínimo de vieses na realização da pesquisa, pois eles tendem a prejudicar a credibilidade dos achados do estudo, foi utilizado o protocolo recomendado por Torracco (2016). Trata-se de um *checklist* que fornece suporte para a realização de uma pesquisa qualitativa feita com rigor científico, sendo que a padronização e a orientação dão ao pesquisador maior segurança na condução do trabalho de investigação.

Torraco (2016) apresenta três itens, a saber: Item A – preparando-se para escrever a revisão integrativa da literatura; Item B – Organizando a revisão integrativa da literatura; e Item C – escrevendo a revisão integrativa da literatura. Tal estrutura é detalhada e descrita no subtópico de apresentação dos resultados.

3.3 Entrevistas Narrativas

A técnica de entrevista é considerada intersubjetiva, pois trata-se de um momento aberto para a discussão e a expressão dos envolvidos (CHERON; SALVAGNI; COLOMBY, 2022). E ao observar os tipos potenciais de entrevista, foi selecionada a do tipo narrativa como sendo a mais adequada para a realização do estudo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Fiz o esboço do roteiro semiestruturado (ver Apêndice A), mas considerando o caráter dinâmico e relacional da entrevista (CHERON; SALVAGNI; COLOMBY, 2022), o roteiro sofria modificações de estrutura e de ordem conforme a conversa com a pessoa entrevistada.

O caminho para encontrar os potenciais pesquisadores nacionais para convidá-los para participar das entrevistas foi através da busca de (a) autores com dissertações e teses publicadas sobre o tema de estética organizacional e (b) autores de artigos e de trabalhos publicados em periódicos com classificação no Qualis-Periódicos vigente. Com o levantamento dos nomes, contatos e das instituições vinculadas e os respectivos grupos de pesquisas, os convites foram feitos por e-mail.

A recepção dos aceites para a realização foi gradativa e bastante empática. Não os via como totais desconhecidos, pois alguns já havia tido contato pessoalmente; seja por ter estudado junto ou participado de eventos acadêmicos, mas também pela leitura dos trabalhos e o conhecimento de suas respectivas pesquisas. Tanto por e-mail, quanto na entrevista, muitos dos entrevistados questionavam como eu havia os encontrado e ficavam contentes pela colaboração na pesquisa e na expectativa de construção de uma rede futura de pesquisadores nacionais sobre a abordagem estética nos EOR.

Como forma de preservar a identificação dos pesquisadores e os aspectos éticos, nomes fictícios foram utilizados (ver Quadro 8). São nomes de deuses de diversas mitologias ligados à beleza, algo que aproxima da temática tradicional dos estudos de estética.

Entrevistei 13 pesquisadores, sendo 10 mulheres e três homens, com vínculos institucionais diversos, incluindo universidades estrangeiras, tempo de atuação (pesquisadores iniciantes a seniores) ou ainda em estágio de finalização de trabalhos; pesquisadores que atuam como professores nos cursos de graduação; professores orientadores no nível de pós-graduação;

além de pesquisadores *outsiders*, que realizaram pesquisas sobre estética organizacional, mas não atuam mais no campo. As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho e julho de 2022, conforme descrito no quadro abaixo, que traz a duração de cada entrevista.

Ao todo foram cerca de 17 horas o tempo total das entrevistas realizadas. Mediante aceite do convite e assinatura do TCLE, as entrevistas ocorreram entre 28 de junho a 22 de julho de 2022. Utilizei a plataforma de videochamada *Google Meet*® para realização das entrevistas. Esta plataforma permitia a gravação de vídeo e áudio da entrevista, o que foi bastante útil para posterior transcrição, considerando que foi autorizado pelo TCLE (Ver Apêndice B).

Quadro 8 – Entrevistas Narrativas

Nº	Nome Fictício	Tempo da Entrevista
1	Apolo	1h2m
2	Hathor	1h34m
3	Afrodite	1h05m
4	Vênus	1h36m
5	Astarte	1h04m
6	Narciso	1h58m
7	Lada	1h16m
8	Inanna	1h10m
9	Sri	54m
10	Freia	1h20m
11	Oxum	1h06m
12	Adônis	1h37m
13	Hedone	1h15m

Fonte: Elaborado pelo autor.

A utilização dessa ferramenta tornou um caminho possível de aproximação, mesmo que virtual com os entrevistados e também viável de realização, ao considerar que os pesquisadores estavam espalhados por diversas regiões do país e até fora do país, inclusive. Ainda assim, posso apresentar a distração por parte dos entrevistados como principal fator limitante da nesse formato virtual, seja com incômodos do ambiente externo e de outras tecnologias, por muitas vezes a pessoa entrevistada está no ambiente familiar ou horário de trabalho. Em apenas uma entrevista realizada ocorreram falhas de conexão com a internet e com isso, a entrevista precisou ser pausada algumas vezes. Em outras, ocorreram pequenas falhas de conexão e/ou ajustes com o microfone.

3.4 Análise de Narrativa

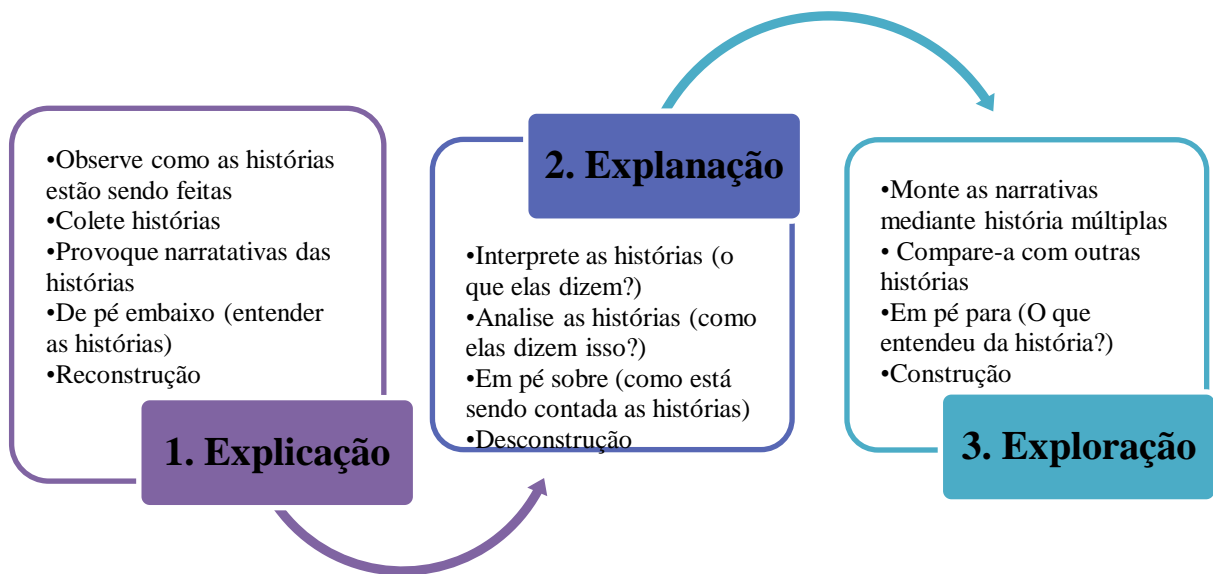
Ao pensar nas escolhas, para a análise dos dados, muitas são as possibilidades e sugestões que encontramos nos manuais de pesquisas qualitativas (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2012). Pode-se citar como técnicas de análise qualitativa tradicionais nos EOR brasileiros: análise de conteúdo, análise de discurso (MELLO, 2014).

Superando as tradicionais escolhas e com atenção ao alinhamento ontoepistemológico e metodológico da pesquisa, a escolha pela análise de narrativa é condicente aos pressupostos dos estudos socioconstrucionistas (ZACCARELLI; GODOY, 2013), nos EOR (NUNES; COELHO, 2021), na Estética Organizacional (ARAÚJO; DAVEL; RENTSCHLER, 2020; BECKER; CAMPOS; ANTONELLO, 2021), pois como reitera Strati (2007a) ao trabalhar com textos abertos, a interpretação traz uma descrição analítica da dimensão estética na experiência vivida no cotidiano organizacional. Saraiva (2007) e Zaccarelli e Godoy (2013) estimularam a aproximação e a possibilidade de análise narrativa ampliar os caminhos metodológicos nos estudos nas Ciências da Administração no contexto brasileiro, consoantes à virada narrativa (*narrative turn*) nos EOR (CZARNIAWSKA, 2004).

Ao apresentarem um panorama brasileiro do uso da referida técnica nas ciências administrativas, Nunes e Coelho (2021) revelam um expressivo crescimento de trabalhos que optam pela análise narrativa e, dentre as modalidades, a do tipo temática se sobressai. Na análise narrativa, o conteúdo do discurso enunciado torna-se o significado principal.

Dentre as quatro perspectivas narrativas apresentadas por Rantakari e Vaara (2017), a saber: (1) Representação narrativa, (2) Construção narrativa, (3) Desconstrução narrativa e (4) Agência narrativa, a segunda vai ao encontro teórico-metodológico desta tese. Pois a partir de tal perspectiva, as narrativas são entendidas como construções sociais. Diante do exposto, opto pela escolha da técnica de análise narrativa do tipo temática. Sendo assim, enquanto técnica metodológica de análise, entendo a narrativa de acordo com os preceitos de Czarniawska (2004), visto que as narrativas são construídas e utilizadas para darem sentidos e significados à realidade social. Com isso, segui o tratamento dos dados construídos pelas recomendações de Czarniawska (2004), no processo de construção das narrativas. A seguir, apresento o resumo descritivo das fases de análise e a construção das narrativas na Figura 3.

Figura 3 – Etapas da Análise de Narrativa



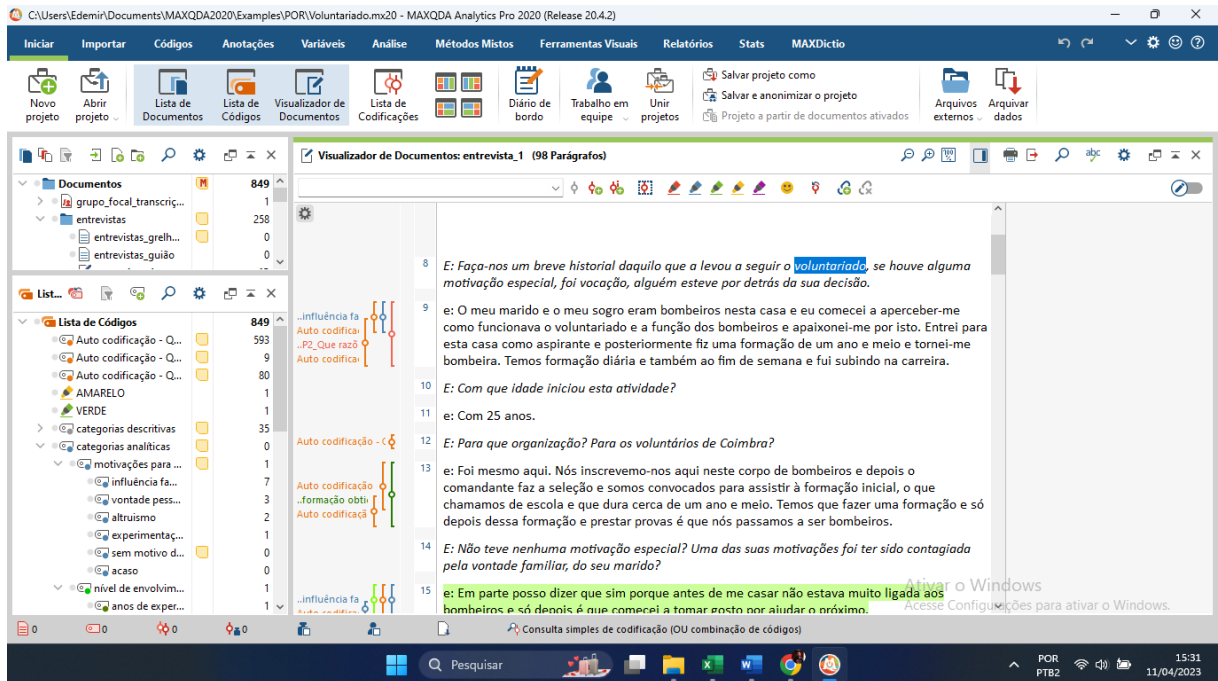
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Czarniawska (2004, p.15).

Segui todas as etapas e, sendo assim, as narrativas das entrevistas em profundidade foram reconstruídas com a realização das conversas, em seguida das gravações e posteriormente, a categorização por temas. No segundo momento, ocorreu o processo de interpretação, que se refere à fase da exploração para a desconstrução da narrativa, antes reconstruída. Por fim, na última etapa da tríade hermenêutica, fiz a construção de uma outra narrativa, após o processo analítico de comparar e contrastar com as falas anteriores.

Czarniawska (2000) disserta que, para a realização da análise de narrativa, o investigador deve encontrar os encadeamentos do discurso construído, presentes entre os elementos que o integram. Com isso, a autora sugere que devemos analisar nas narrativas aquilo que é visto como comum, pois é o que dará legitimidade à narrativa organizacional, e não pelo que é atípico. Visto que as narrativas descrevem o cotidiano dos sujeitos, no espaço e no tempo demarcados; e ao mesmo tempo em que a memória individual é descrita, a memória coletiva

emerge com a capacidade de estruturar e construir ligações com o cotidiano (SARAIVA, 2007). Destaco que tais dados foram tratados com o auxílio do software MAXQDA®.

Figura 4 – Print da Tela de Tratamento dos dados com o MAXQDA®



Fonte: MAXQDA®

Fiz uso do *software* mencionado, por causa da análise de dados qualitativos ou *Qualitative Data Analysis Software (QDAS)*, tendo em vista a potencialidade com relação ao rigor e à qualidade da pesquisa a ser realizada com o programa (BANDEIRA-DE-MELO, 2012; SOUZA NETO *et al.*, 2019). Entre os softwares mais recomendados que podem auxiliar como suporte, para a análise interpretativa de dados qualitativos, em formato de texto, áudio, foto e vídeo, temos: NVivo® (MOZZATO; GRZYBOVSKI ; TEIXEIRA, 2016), MAXQDA® (OLIVEIRA *et al.*, 2016) e ATLAS.ti® (COSTA; ITEL VINO, 2018). O uso do QDAS permitiu a criação de um banco de dados integrado para a análise.

4 CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA ABORDAGEM ESTÉTICA ORGANIZACIONAL NOS EOR

Neste tópico apresento os resultados oriundos da análise descritiva e analítica da revisão integrativa. A literatura sobre estética organizacional que embasa esta revisão integrativa foi dividida em duas partes, dada a intenção de deixar uma estrutura e escrita mais nítida e concisa, como sugerido por Torracco (2016).

4.1 Análise Descritiva da Revisão Integrativa da Literatura

Após atender aos itens A (preparar) e B (organizar), Torracco (2016), nos aconselha sobre a forma de escrever a revisão integrativa de literatura. Antes de iniciar a análise crítica da literatura, escolhi sistematizar as publicações selecionadas sob uma perspectiva bibliométrica com o intuito de detalhar, com mais rigor, o mapeamento da produção científica sobre a Estética Organizacional (BOTELHO, CUNHA; MACEDO, 2011; PRADO *et al.*, 2016).

Para além do editor de planilhas *Excel*®, empreguei o uso do *software VOSViewer*®, que de acordo com Moraes e Kafure (2020) apresenta mapas e gráficos de rede de produção científica selecionada, sendo capaz de exigir os dados e as informações por meio de mapas e gráficos de redes de autores, trabalhos mais citados, além de observar redes de palavras-chave, países que mais publicam sobre o tema, organizações; países, rede de citações de autores, conforme quadro abaixo.

Quadro 9 – Conjunto de Análises Disponíveis no VOSviewer®

Tipo	Unidades de Análise	Descrição
Co-autoria	Autores; Organizações; Países	Relação dos itens é determinada com base na coautoria de documento.
Co-ocorrência	Todas as palavras-chave da rede; Palavras-chave do autor; Keywords Plus	Relação dos itens é determinada com base no número de documentos nos quais eles ocorrem juntos.
Citação	Documentos; Fontes; Autores; Organizações; Países	Relação dos itens é determinada com base no número de vezes que eles se citam nos documentos.

Pares bibliográficos	documentos; Fontes; Autores; Organizações; Países	Relação dos itens é determinada com base no número de referências que eles compartilham nos documentos.
Cocitação	Referências citadas; Fontes citadas; Autores citados	Relação dos itens é determinada com base no número de vezes que são citados em conjunto nos documentos.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de Moraes e Kafure (2020).

A figura a seguir detalha o passo a passo da criação de mapas no *VOSviews*®.

Figura 5 – Passo a passo da Criação de Mapas no *VOSviews*®

The figure displays four sequential screenshots of the 'Create Map' wizard in VOSviews®:

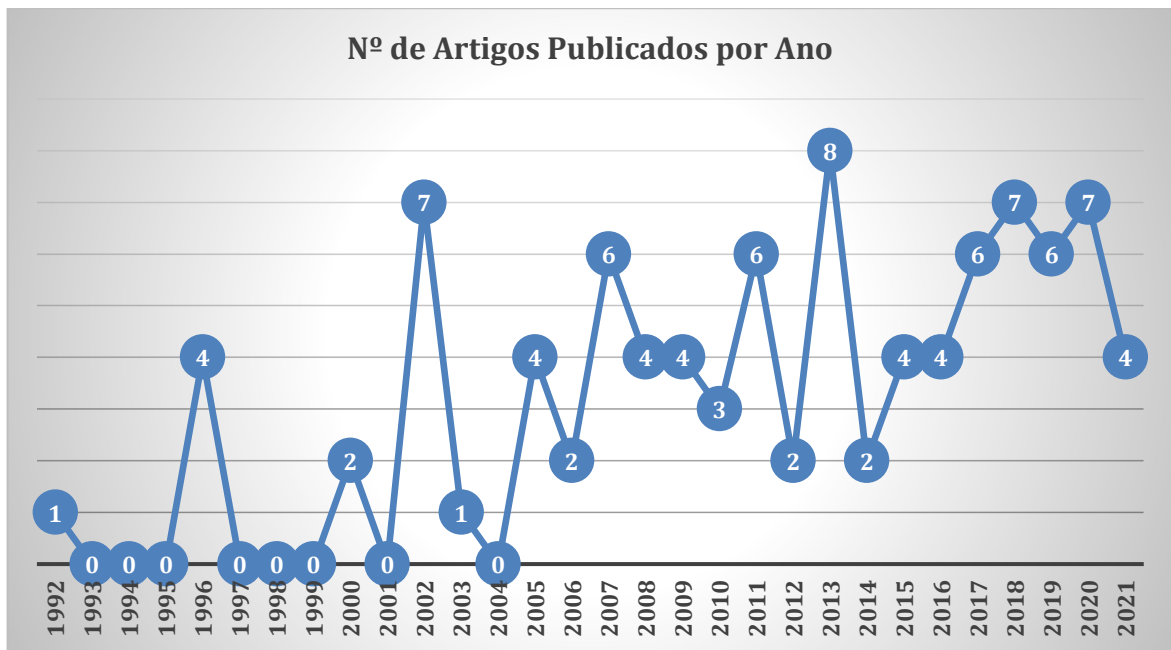
- 1. Escolha do Tipo de Dado (Choose type of data):** Shows three options: 'Create a map based on network data', 'Create a map based on bibliographic data' (selected), and 'Create a map based on text data'.
- 2. Escolha a Fonte de Dados (Choose data source):** Shows three options: 'Read data from bibliographic database files' (selected), 'Read data from reference manager files', and 'Download data through API'.
- 3. Seleção da Base de Dados (Select files):** Shows a file selection interface with tabs for 'Web of Science', 'Scopus', 'Dimensions', 'Lens', and 'PubMed'. A file named 'rted_1 - Cópia.txt' is selected.
- 4. Escolha do Objeto de Análise (Choose type of analysis and counting method):** Shows settings for 'Type of analysis' (Co-authorship), 'Unit of analysis' (Authors), 'Counting method' (Full counting), and 'Ignore documents with a large number of authors' (checked).

Fonte: *VOSviews*®

A começar pela a análise descritiva da evolução temporal das publicações selecionadas, o Gráfico 1 traz o número de artigos por ano (1992-2021). Entre 1992 e 2001, temos

inicialmente apenas 7 artigos publicados em períodos de relevância científica. Há, no entanto, uma progressão de publicações entre o 2002 e 2011 com 37 artigos e entre 2012 e 2021 com 50 artigos, dando o somatório total de 94 artigos selecionados nesta revisão. Os resultados evidenciam um crescimento exponencial de trabalhos sobre a estética organizacional no cenário de publicações com alto fator de impacto.

Gráfico 1 – Número de Artigos Publicados por Ano

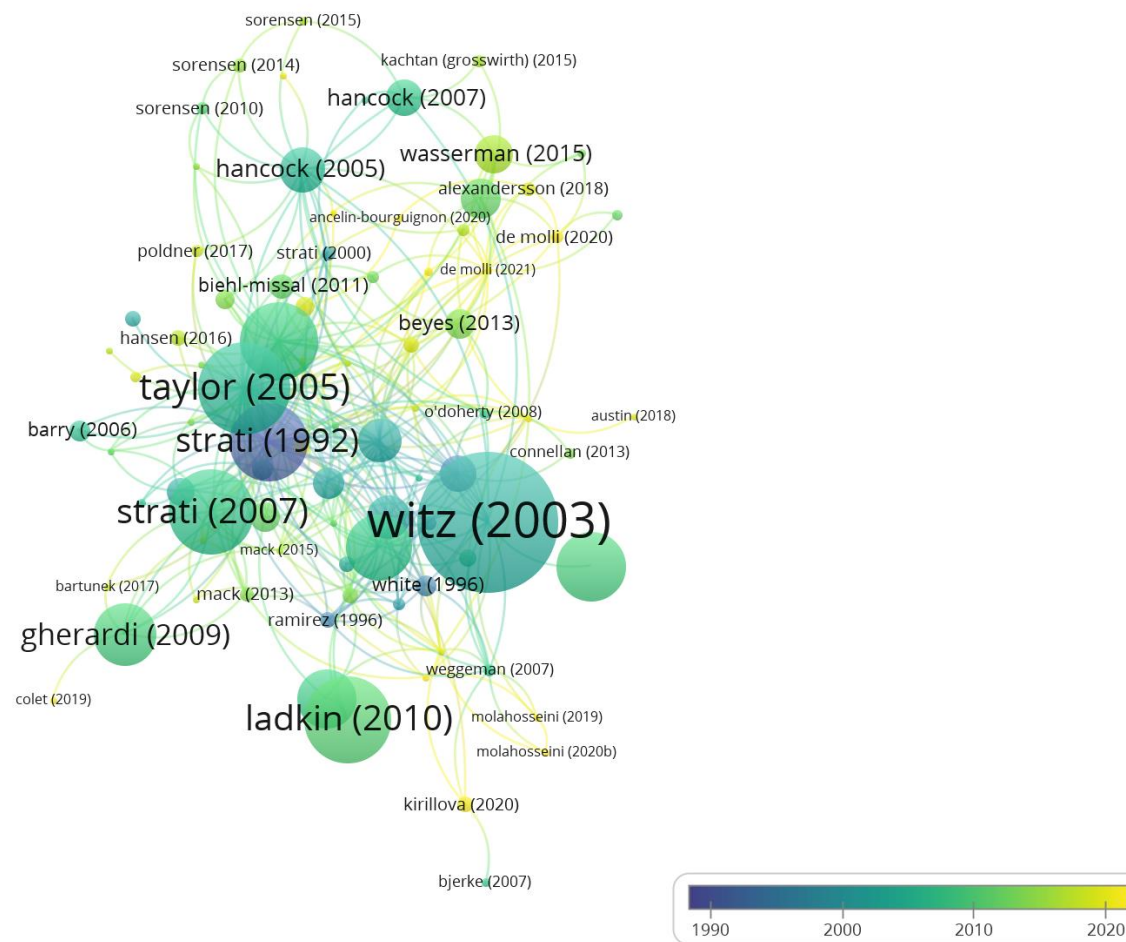


Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com dados da pesquisa.

É preciso pontuar o impacto da edição especial da revista *Organization* (v. 3, n. 2) e da edição especial da revista *Human Relations* (v. 55, n. 7), ambas dedicadas à temática da Estética Organizacional (LOPES; IPIRANGA; SILVA JÚNIOR, 2017). Cabe ressaltar, ainda, a falta de publicações entre os anos 1993, 1994, 1995, 1997, 1998, 1999, 2001 e 2004. Destacando-se o ano de 2013 com o total de 8 publicações.

Na criação de rede de análise de citação por documentos, utilizou-se o valor máximo de 94 artigos no *VOSviewer*®. A Figura 6 apresenta a configuração da rede de citações, com destaque às produções por décadas. Nos anos 90, o destaque de produção mais citado é o artigo seminal de Strati (1992). Mas o destaque e o volume de artigos mais citados ocorrem entre os anos de 2000 a 2010,: Witz, Warhurst e Nickson (2003), Taylor e Hansen (2005), Ladkin e Taylor (2010), Strati (2007), Warren (2008), Warhurst e Nickson (2009), Hansen, Ropo e Sauer (2007), Gherardi (2009), Ladkin (2008). Wasserman (2015) é o artigo ao qual se destaca como um trabalho recente com maior número de citações.

Figura 6 – Rede de Citações de Artigos da Revisão Integrativa



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Na Tabela 1 é apresentada a lista dos 10 artigos mais citados com a indicação dos autores e o ano da publicação, divulgados em periódicos com alto fator de impacto. Com exceção de Strati (1992), publicado nos anos 90, os demais artigos foram publicados entre 2003 e 2010. O autor Antonio Strati se destaca por ter dois trabalhos assinados individualmente. Steven Taylor e Donna Ladkin também apresentam dois artigos, cada, entre os mais citados. No entanto, o trabalho que apresenta o maior número de citações é Witz, Warhurst e Nickson (2003).

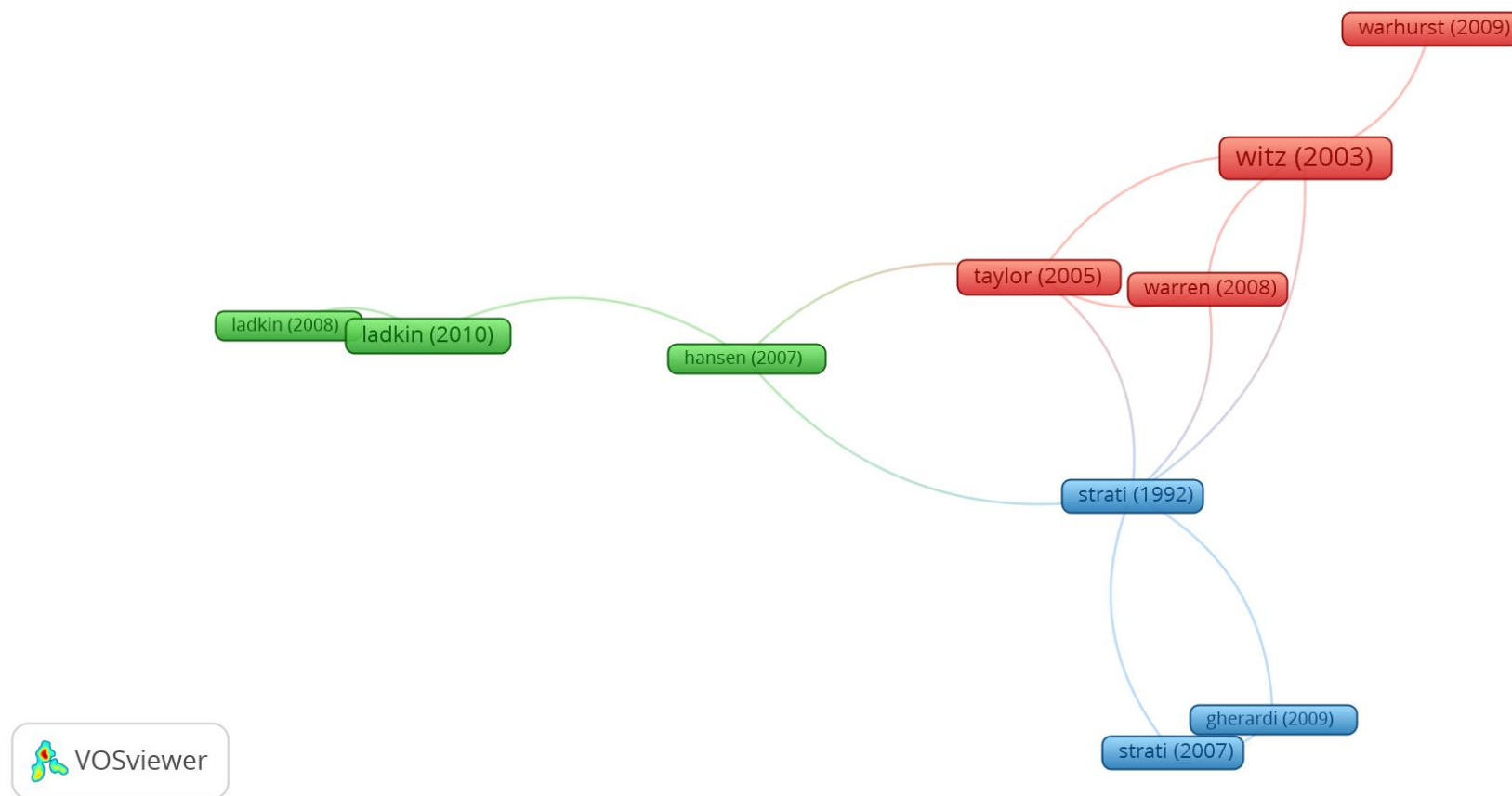
Tabela 1 – Artigos por com mais número de citações

Colocação	Autores dos Artigo	Nº de Citações
1º	Witz, Warhurst e Nickson (2003)	335
2º	Taylor e Hansen (2005)	198
3º	Ladkin e Taylor (2010)	185
4º	Strati (2007)	180
5º	Strati (1992)	162
6º	Warren (2008)	162
7º	Warhurst e Nickson (2009)	140
8º	Hansen, Ropo e Sauer (2007)	132
9º	Gherardi (2009)	122
10º	Ladkin (2008)	115

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A figura 7 traz o mapa dos 10 artigos com o maior número de citações, tendo a configuração de 3 *clusters*. Strati (1992; 2007) e Gherardi (2009) formam 1 *cluster*, o que evidencia a relevância do autor Antonio Strati na abordagem Estética Organizacional. Um segundo *cluster* é formado Hansen, Ropo e Sauer (2007), e Ladkin e Taylor (2010) e Ladkin (2008), tendo aqui os 2 trabalhos de Donna Ladkin, mas como Hans Hansen realizando o elo da rede com Antonio Strati e com o terceiro e último *cluster*, dos quais se destacam quatro trabalhos: Taylor e Hansen (2005), Warren (2008), Witz, Warhurst e Nickson (2003) e Warhurst e Nickson (2009). Steven Taylor e Samantha Warren como autores que realizam uma ligação com os demais autores.

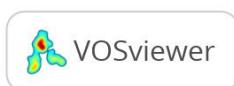
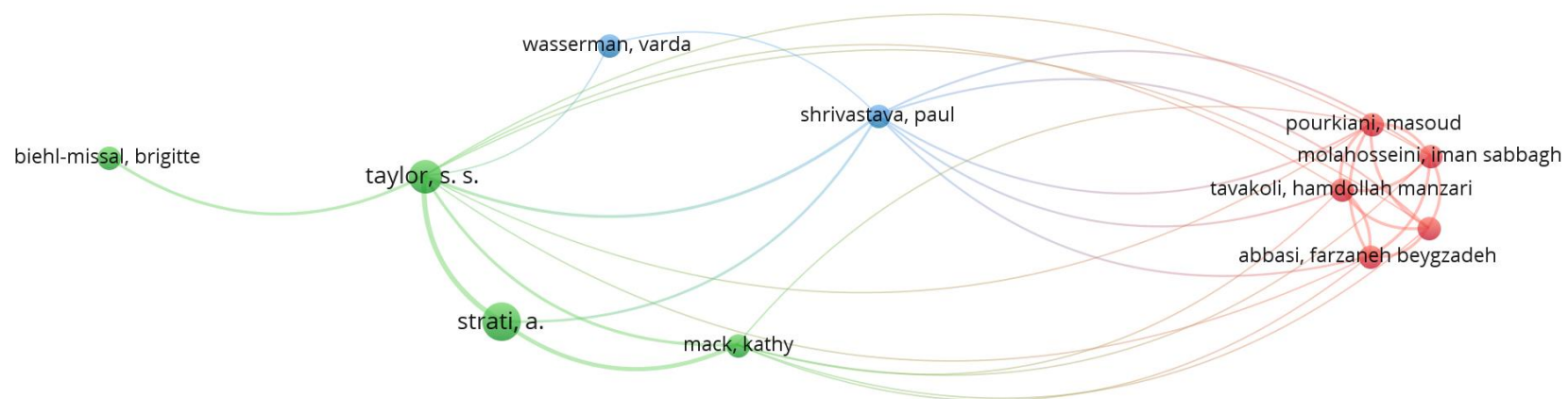
Figura 7 – Mapa de Artigos por com mais número de citações



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

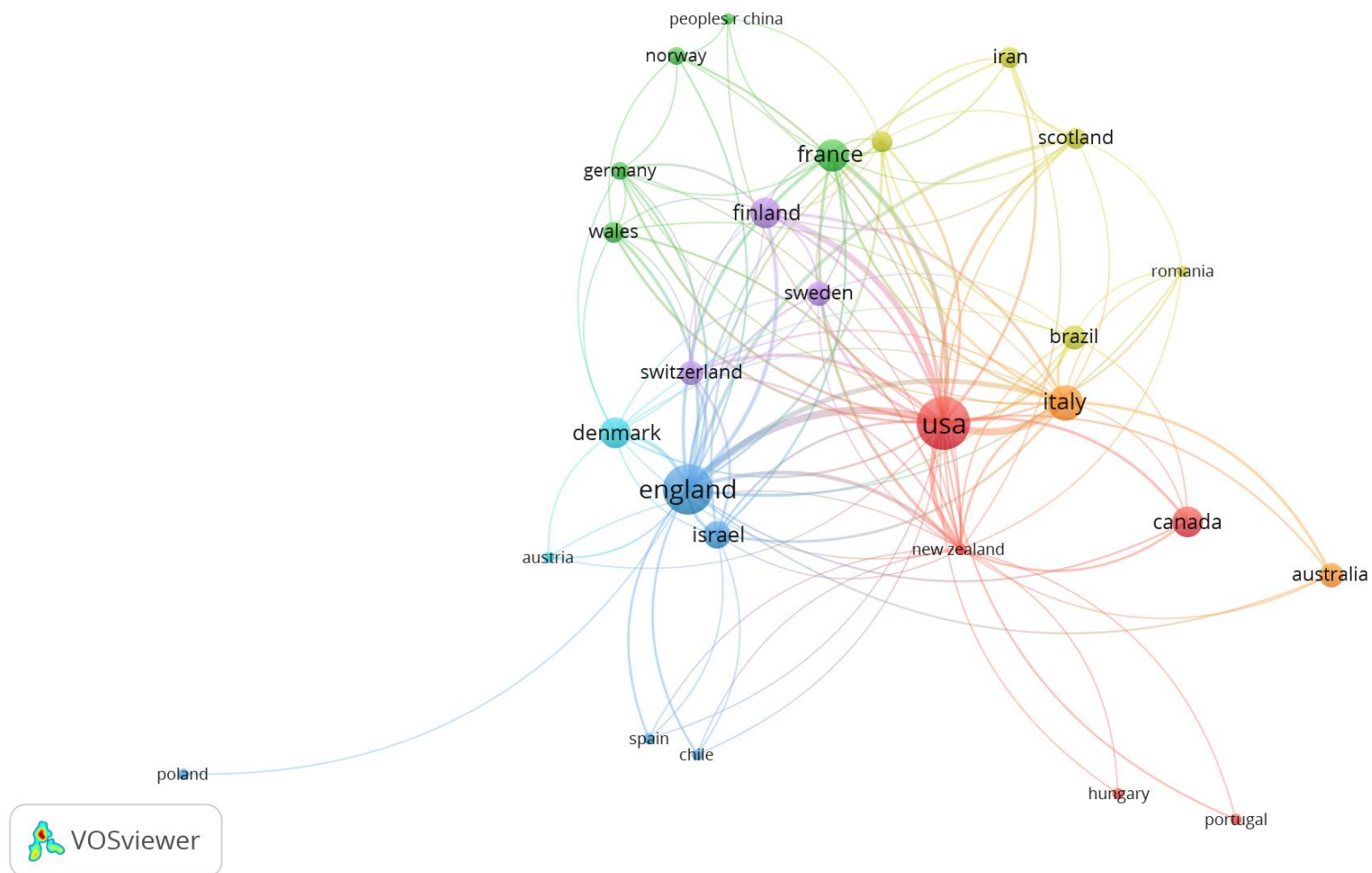
Ao analisar a rede de autores desta revisão, tem-se um total de 127 pesquisadores. Antonio Strati aparece novamente com destaque pela correlação entre o número de artigos publicados e as citações, com 8 e 475, respectivamente. Em terceiro, temos Varda Wasserman, com 3 artigos e 155 citações. A Figura 8 traz a configuração da rede dos principais autores. Já em relação aos países que publicaram artigos que trazem em seus conteúdos, o conceito de Estética Organizacional, a Figura 9 exibe 28 países e 7 *clusters*, com destaque para os Estados Unidos da América, Canadá, Brasil (Américas do Norte e do Sul); Inglaterra, Itália, Finlândia, França, Suíça, Suécia, Dinamarca (Europa), Israel (Ásia) e Austrália (Oceania).

Figura 8 – Rede de Autores



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Figura 9 – Países que mais publicam sobre Estética Organizacional



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quanto à rede de citação das fontes, entre os 94 artigos que compreendem esta revisão, têm-se 41 revistas, das quais há conexão com 35 e 10 clusters, conforme Figura 10. A Tabela 2 traz os 5 periódicos com o maior número de publicações. O destaque fica para o periódico *Organizacion Studies*, *Organization* e *Human Relations* e *Managemente Learning*, ambos da editora *SAGE Journals*. Já *Culture and Organization* do grupo editorial *Taylor & Francis*.

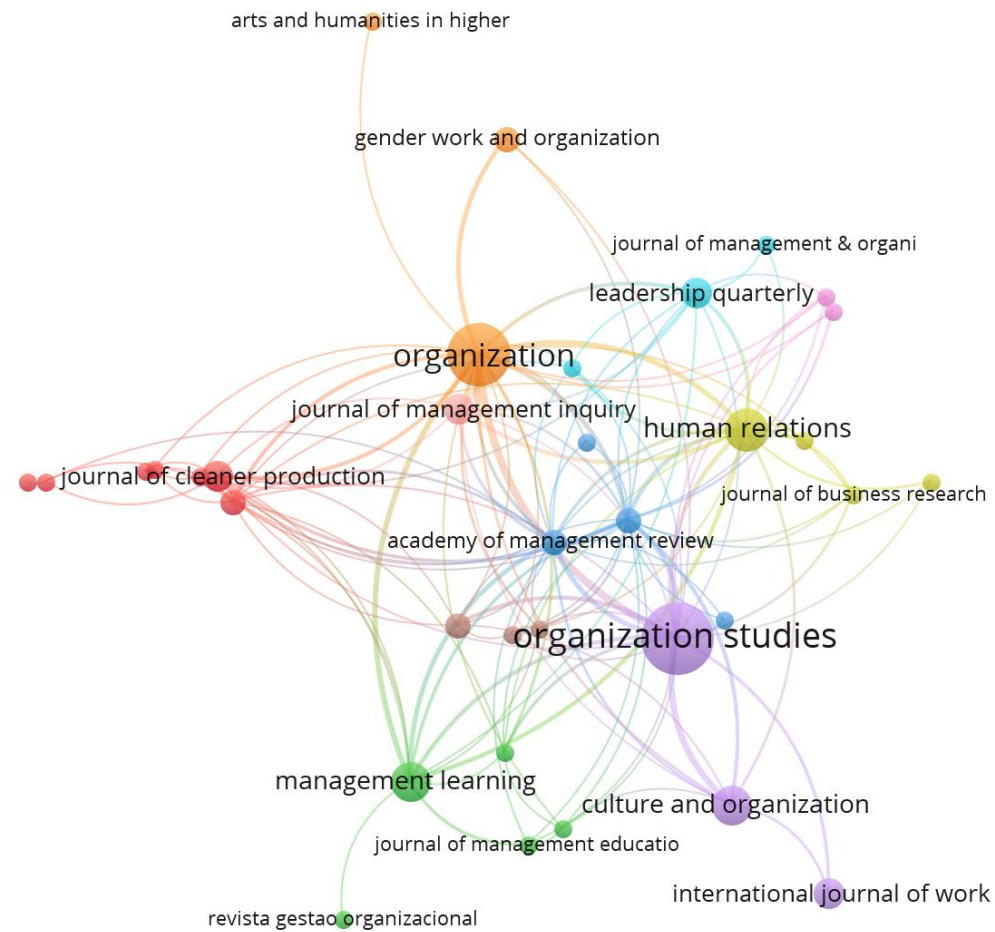
Tabela 2 – Quantidade de artigos publicados por periódicos

Nº	PERIÓDICO	Nº DE ARTIGOS
1	Organization Studies	16
2	Organization	12
3	Human Relations	6
4	Managemente Learning	5
5	Culture and Organization	5

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A seguir, apresentamos o segundo tópico da revisão integrativa que traz a análise crítica da revisão integrativa da literatura.

Figura 10 – Periódicos que publicam Estética Organizacional



VOSviewer

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

4.2 Análise Crítica da Revisão Integrativa da Literatura

Após a descrição dos artigos selecionados, a revisão integrativa segue orientada nos subtópicos a seguir com uma estrutura temporal, e partir dela, subdivido a organização da revisão pela estrutura temática (TORRACO, 2016). Ao trazer a forma de estrutura tendo como base, a revisão integrativa, observei que nos três marcos temporais definidos, conforme o Quadro 10, temos o primeiro marco (1992-2001) indicado pela temática conceitual, em que os autores buscaram apresentar os aspectos teórico-conceituais da Teoria Estética para a Ciência da Administração. No segundo marco (2002-2011), as pesquisas empíricas realizadas e propostas temáticas são apresentadas. Já no terceiro e último marco temporal (2012-2021), são demonstrados os avanços teóricos, metodológicos e empíricos nos trabalhos selecionados.

Quadro 10 – Evolução Temporal das Publicações em 30 anos (1992-2021)

Período	1992 -2001	2002-2011	2012-2021
Artigos	Strati (1992), Ottensmeyer (1996), Ramirez (1996), Strati (1996), White (1996), Strati (2000), Taylor (2000)	Cains (2002), Martin (2002), Pelzer (2002), Steyaert e Hjorth (2002), Strati e De Montoux (2002), Taylor (2002), Taylor, Fisher e Dufresne (2002), Witz, Warhurst e Nickson (2003), Cox e Minahan (2005), Hancock (2005), Strati (2005), Taylor e Hansen (2005), Barry e Rerup (2006), White (2006), Bjerke, Ind e De Paoli (2007), Hancock e Tyler (2007), Hansen, Ropo e Sauer (2007), Richard e James (2007), Strati (2007), Weggeman, Lammers e Akkermans (2007), Ladkin (2008), O'Doherty (2008), Ropo e Sauer (2008), Warren (2008), Bathurst (2009), Doherty (2009), Gherardi (2009), Warhurst e Nickson (2009), Fraiberg (2010), Ladkin e Taylor (2010), Sorensen (2010), Biehl-Missal (2011), Griffiths e Mack (2011), Hujala e Rissanen (2011), Koivunen e Wennes (2011), Wasserman (2011), Wasserman e Frenkel (2011)	Biehl-Missal (2012), Wasserman (2012), Beyes e Steyaert (2012), Biehl-Missal(2013), Connellan (2013), Mack (2013), Murphy e Courtel (2013), Paquette e Lacassagne (2013), Strandvad (2013), Taylor (2013), Sorensen (2014), Weiskopf (2014), Kachtan e Wasserman (2015), Mack (2015), Sorensen e Villadsen (2015), Wasserman e Frenkel (2015), Hansen e Trank (2016), Siciliano (2016), Waistell (2016), Zsolnai e Wilson (2016), Gherardi e Strati(2017), Crichton e Shrivastava (2017), Poldner, Shrivastava e Branzei (2017), Ratiu (2017), Reinhold (2017), Strati (2017), Alexandersson e Kalonaityte (2018), Austin, Hjorth e Hessel (2018), Ivanaj, Shrivastava e Ivanaj (2018), Linstead (2018), Sorsa <i>et al.</i> (2018), Stigliani e Ravasi (2018), Thompson (2018), Biehl-missal (2019), Colet e Mozzato (2019), Gonzalez-Suhr <i>et al.</i> (2019), Molahosseini <i>et al.</i> (2019), Poprawski (2019), Strati (2019), Ancelin-Bourguignon, Dorsett e Azambuja (2020), Creed, Taylor e Hudson (2020), De Molli, Mengis e van Marrewijk (2020), Kirillova, Fu e Kucuksta (2020), Molahosseini <i>et al.</i> (2020a), Molahosseini <i>et al.</i> (2020b), Tureta e Américo (2020),

			De Molli (2021), Ferreira, Fantinel e Amaro (2021), Louisgrand e Islam (2021) e Mack (2021)
Nº de artigos	7	37	50

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com dados da pesquisa.

Na primeira década (1992-2001), temos 7 artigos publicados, dos quais todos são de autoria de um único autor, com destaque para Strati (1992, 1996 e 2000) com seus trabalhos semanais. Na segunda década (2002-2011), há um aumento considerável de artigos publicados, mas já com colaborações entre 2 autores e raros com 3 autores. Enquanto que na terceira década (2012-2021), os números de artigos se mantêm crescentes ao longo dos anos, assim como surgem trabalhos com mais de 3 autores, a exemplo dos artigos coletivos de Molahosseini et al. (2019, 2020b e 2020b).

4.2.1 Primeiros passos: a estética organizacional como um caminho possível para compreensão da vida organizacional

Apresento o movimento inicial da construção do campo da Estética Organizacional nos EOR com atenção à estrutura conceitual da abordagem. Os primeiros passos dados pelos autores semanais foram necessários para a compreensão do conceito estudado na tese, sob a lente teórica-analítica.

O cenário em que a abordagem Estética Organizacional se encontra hoje pode não ser mais recente, passado as três décadas do estudo seminal de Strati (1992), mas também não podemos ainda considerá-lo como um campo teórico consolidado nas Ciências da Administração, dado as características pragmáticas da área.

Ao apresentar a estética como caminho para fora da “caixa” tradicional, Strati (1992) inicia um processo árduo para legitimar o conceito como uma nova epistemologia para a administração. E para tanto, conceitos-chave são definidos pelo autor para fortalecer a abordagem. A começar pelo entendimento de estética no contexto organizacional, em que o pesquisador a define como um modo de conhecimento humano, o qual é disposto pelos sentidos do corpo, ou seja, pelas cinco faculdades perceptivas: audição, olfato, paladar, tato e visão; além da capacidade de construção do pensamento de um juízo estético.

Strati (1992) coloca a estética organizacional no embate para a discussão que vinha ocorrendo nos EOR sobre como as organizações eram vistas com um olhar puramente racional,

sendo ignorado os aspectos subjetivos, como os afetos e sentidos dos indivíduos no cotidiano organizacional. A Estética Organizacional, então, participa do movimento de virada da perspectiva positivista-funcionalista para a perspectiva crítico-interpretativista nos EOR (OTTENSMEYER, 1996).

A Estética Organizacional é colocada como uma lente teórica para a apreensão e a melhor compreensão do cotidiano da vida organizacional (STRATI, 1992; 1996). Ottensmeyer (1996) já advertia não ser mais possível ignorar as experiências estéticas no processo da construção social da realidade nas organizações e Strati (1992; 1996; 2000) defendia que a experiência estética seria capaz de produzir o conhecimento organizacional e assim, contribuir para os processos organizativos, independentemente do nível e do tamanho organizacional. Sobre a experiência estética, Taylor (2000) argumenta que se trata do todo e de algo que é de alguma forma fundamental para o entendimento do fenômeno investigado.

Com atenção às categorias estéticas, assim como ocorreu nos outros campos científicos, o Belo foi um conceito estudado pelos pesquisadores, ao refletirem sobre a estética nas organizações, dado o caráter de ter sido muitas vezes utilizada como sinônimo, apesar de equivocado, com a concepção de estética (STRATI, 1992;1996; 2000).

Strati (1996) traz orientações quanto às investigações de fenômenos organizacionais, a partir da Estética Organizacional. Para isso, Strati (1996) ilustra o caso da cadeira como algo que vai além da ideia de um artefato para sentar. Ao contrapor o paradigma dominante, temos a cadeira, a partir da estética organizacional como:

[...] um artefato linguístico, físico e conceitual da organização deve ser estudado abordando sua estética e não sua definição ontológica. A estética do artefato conduz ao conhecimento organizacional, e a cadeira é apreendida em sua essência organizacional. Agora vou um passo além. A estética não diz mais respeito ao artefato organizacional ou à organização como um todo, mas à maneira como a vida organizacional é abordada, estudada, compreendida. Em suma, **a estética é uma forma de conhecimento organizacional** (STRATI, 1996, p. 215, tradução nossa)

Ao concluir que a estética é uma forma de conhecimento organizacional, o autor nos traz um olhar ampliado da dimensão estética em uma organização. O conhecimento estético não pode ser fundamentado pelos paradigmas hegemônicos (funcionalistas/positivista) (STRATI, 2000). A estética transpassa a vida cotidiana de uma organização e, por meio dela, podemos compreender as organizações e não associar o caráter estético a algo somente racional, como valor ou desempenho organizacional. A interpretação e a análise estética nos apresentam dilemas dos fenômenos organizacionais, a partir da sensibilidade do indivíduo na construção

do conhecimento sensível como uma forma de construir o conhecimento organizacional (STRATI, 1996).

Ao inferir que todas organizações têm alguma forma, Ramirez (1996) nos convoca a descortinar o modo como a estrutura organizacional intervém nas nossas experiências e não paramos para observar tal dimensão nos fenômenos organizacionais. Nós criamos, reformamos e transformamos estruturas físicas e práticas de trabalho a todo instante; as organizações efetivam em seu cotidiano práticas informais a formais, como o uso de uniformes e formulários, por exemplo.

Tendo em vista tal acepção, o autor legitima como as diversas “formas” presentes nas organizações, não só as que se tornam tangíveis, táteis, como também as que implicam em compreender como valorizamos as formas das coisas e damos sentido a elas, a partir de um senso de beleza, de julgamento estético. São formas carregadas de símbolos, que dão sentido e significado às formas, e por esse motivo, faz-se necessário a apreensão da estética da forma organizacional para ser observada e sentida (RAMIREZ, 1996). No entanto, a experiência estética no cotidiano da vida organizacional é posta como um desafio.

Ramirez (1996) reconhece a dificuldade que temos em vivenciar esteticamente as nossas relações de trabalho, dado o caráter e o sentido que damos à ocupação, para assim podermos nos afastar do aspecto do trabalho como algo belo. Como destacou Strati (1996), os artefatos podem ser bonitos, mas a organização e o trabalho não. Por isso, ao observar o fenômeno organizacional pela ótica da Estética Organizacional não podemos considerar somente a categoria do Belo, mas também analisar a Feiura, o Grotesco ou o Kitsch no cotidiano organizacional. Assim dar sentido ao trabalho e à organização como algo voltado apenas para a produção, não faz tanto sentido, porque nem tudo no cotidiano da vida organizacional tem a finalidade de ser voltada, exclusivamente, para a produção de algo de valor monetário (STRATI, 2000).

Por outro lado, as implicações em novas formas de desenhos organizacionais podem aproximar a atenção da formação do gosto, da apreensão estética. Ramirez (1996) ainda pontua que ainda limitamos a experiência estética quanto aos aspectos espaciais e temporais. Organizações e eventos culturais e esportivos, têm suas formas esteticamente estabelecidas num tempo-espço que é curto para a apreensão estética.

White (1996) faz reflexões filosóficas entre a estética e a teoria das organizações. O autor traz suas inquietações teóricas para a seguinte discussão: a estética seria apropriada ou relevante para a teoria da organização? Por que falar de estética nas organizações? A partir das

indagações, o autor parte para a compreensão da aproximação e do distanciamento inicial de termos conceitos presentes na Teoria Estética.

White (1996) traz a noção de “harmonia”, ao conceituá-la no sentido de estabelecer a coerência entre as partes de um todo de uma obra de arte como objeto de investigação. A mesma acepção poderia ser aplicada às organizações, pois uma organização com harmonia equivale ao significado de uma estrutura processual entre toda a estrutura organizacional. E em ambos os contextos, uma obra de arte ou uma organização poderiam ser observadas e analisadas como boa, caso tivesse harmonia ou ruim, caso não tivessem harmonia. Os conceitos estéticos poderiam contribuir para a teoria estética por meio de insights para o desenvolvimento do elemento constitutivo de uma abordagem teórica organizacional. White (1996), ainda sublinha a necessidade da precisão teórica sobre a estética por parte dos pesquisadores organizacionais para que o rigor teórico seja mantido.

Quanto ao potencial da estética enquanto Teoria Organizacional, White (1996) delinea a posição sobre a natureza da beleza desenvolvida por Immanuel Kant, na obra *Crítica do Juízo*. A questão da beleza é colocada como discussão, sendo mencionados os esforços de Strati (1992) sobre os possíveis caminhos para observar, sentir e expressar a beleza nas organizações. É possível também, alinhar o entendimento de Weick (1969), em que as organizações estão sempre mudando, estão sempre em processo. Com isso, White (1996) nos apresenta uma visão tradicional das teorias filosóficas tradicionais ao direcionar o olhar da categoria do Belo nas organizações. As tentativas de aproximação da estética à Teoria Organizacional, mostra que o autor a coloca como subalterna ou à margem das teorias que predominam, originalmente, do campo organizacional.

Com base em um relato pessoal, como um estudo de compreensão estético-empática, Strati (2000) reflete até que ponto o seu lado artístico (pessoa?) de fotógrafo se mistura com o papel de pesquisador acadêmico (profissional?). Em seus dilemas, o autor faz uso teórico-metodológico da compreensão empática para chegar à constatação relevante de que ao longo do processo, entre a falta de distanciamento entre o Antonio fotógrafo e o Antonio pesquisador, está a construção de seu conhecimento sensível, a partir de suas próprias percepções sensoriais e de seu julgamento estético, seja enquanto observa os visitantes de uma exposição fotográfica de sua autoria, seja quando ele está observando um fenômeno de pesquisa, como o caso supracitado em seu livro sobre trabalhadores de telhados (ver STRATI, 2007a).

Taylor (2000) olhou para o lugar do saber estético dentro da academia. Em seu conflito sobre o processo de teorização intelectual no contexto acadêmico, o autor destaca como colocar o trabalho analítico e racional dos trabalhos acadêmicos, os quais reduzem a experiência da

produção do conhecimento em si; daí a necessidade de os pesquisadores considerarem o conhecimento estético no processo de produção de saberes, pois a experiência do fazer ciência deve ser movida pela paixão. O autor destaca que

[...] A **teorização intelectual** enfatiza algumas partes ou aspectos de nossa experiência em detrimento de outros. [...] A **teorização estética** pode nos dar um sentido do todo ou de algo que pode estar faltando na teorização intelectual, mas é uma parte muito importante de nossa experiência do mundo (TAYLOR, 2000, p. 308, tradução nossa, grifo nosso).

Com isso, Taylor (2000) nos provoca sobre o impacto de considerar a sua paixão pelos estudos e como a estética pode “quebrar” o modelo tradicional de escrita acadêmica, pois o conhecimento estético o faz questionar as estruturas e as formas de produção e de apresentação de trabalhos científicos. O pesquisador aponta como exemplo suas paixões ao associar sua experiência de escrever, ensaiar e representar peças teatrais com sua vida acadêmica. Ambas são experiências estéticas, tal como o objeto de estudo quanto elemento essencial do processo de pesquisa.

A teorização intelectual trabalha rigorosamente para reduzir nossa experiência à sua essência analítica. Com demasiada frequência, essa redução elimina o significado sentido de nossa experiência - as próprias razões que provavelmente nos motivaram a fazer o trabalho analítico em primeiro lugar. O conhecimento estético é sobre o significado sentido do todo que envolve a teorização intelectual. Não é um substituto para a teorização intelectual, mas sim um parceiro dela. O conhecimento estético fornece a conexão e fundamentação para o todo e a teorização intelectual, e então analisa as construções e as relações entre elas dentro desse todo. A estética da obra comunica a paixão (TAYLOR, 2000, p. 310, tradução nossa).

No primeiro movimento temporal de estudos sobre Estética Organizacional, os autores apresentam e caracterizam as contribuições das filosofias estéticas para as teorias organizacionais (STRATI, 1992; 1996; OTTENSMEYER, 1996). Strati (1996) vai defender a estética como uma forma de conhecimento organizacional, a partir da construção do conhecimento sensível na vida cotidiana. Ramirez (1996) conduz a discussão a partir da beleza organizacional, da estética filosófica tradicional, assim como White (1996). E para tanto, para se tornar uma escolha teórica no campo organizacional, a estética organizacional necessita ainda de desenvolvimento de trabalhos empíricos e estratégias metodológicas que distanciem da pesquisa social empírica positivista tradicional (RAMIREZ, 1996).

4.2.2 Estética Organizacional como uma Abordagem (ainda?) Alternativa aos EOR

Diante do movimento inicial no campo estético nos EOR, Strati e De Montoux (2002) já apontam a dimensão estética da vida organizacional como parte da Teoria Organizacional; haja vista os trabalhos e as articulações entre os pesquisadores (chamadas especiais em periódicos, eventos acadêmicos) como apresentação e convite aos saberes estéticos. Para além de uma nova abordagem teórica para a investigação de análise organizacional, a estética organizacional vem contraditar pressupostos teóricos já legitimados nas ciências da administração, como a forma de conhecimento ser influenciada pelo juízo estético; o estilo de escrita, produção de dados, análise e apresentação dos dados e a postura dos pesquisadores com a pesquisa científica. (STRATI; DE MONToux, 2002; TAYLOR; HANSEN, 2005).

Após ter contato com a abordagem estética nos anos 2000, em um evento na Itália, Martin (2002), até então se via como uma etnógrafa positivista. A pesquisadora resgatou dados de um estudo empírico realizado entre as décadas de 70 e 80 em um lar para idosos, a fim de reconhecer que **“Eu me deixei – minha estética julgamentos e sensações corporais – fora da história”** (MARTIN, 2002, p. 862, tradução nossa, grifo nosso). A autora também desconsiderou as experiências e os julgamentos estéticos dos demais sujeitos envolvidos (funcionários e residentes), assim como a relação destes com os artefatos nos espaços organizacionais do estudo desenvolvido. Ao fazer a constatação de sua postura como pesquisadora, frente à construção e à análise dos dados, Martin (2002) destaca que, embora suas sensações corporais estivessem presentes no campo de pesquisa, tais relatos sobre julgamentos estéticos daquele lugar, por exemplo, não eram descritos nos cadernos de campo.

Com atenção particular aos sentidos do olfato, visão, tato e audição, Martin (2002) identificou uma “bagunça corporal” presente no cotidiano organizacional, ao qual havia feito pesquisa de campo tempos atrás. Pois a depender do espaço investigado, certos sentidos se intensificavam ou alteravam a sua sensação, como o olfato que ora poderia ser cheiroso ou fétido, por exemplo. A reconstrução dos dados a fez se posicionar, enquanto uma pesquisadora estética, que se encontra e reconhece seu corpo, conhecimentos, sentidos e julgamentos estéticos do lado de “dentro” em vez de “fora” do campo de pesquisa. Ou seja, o corpo do pesquisador também é usado, observado e interpretado na pesquisa estética organizacional, como já destacado por Bispo e Gherardi (2019). Para organizar e pesquisar esteticamente, Bathurst (2009), destaca ser preciso uma atenção às sensações e percepções internas e que “[...] sejam sensíveis e receptivos tanto aos seus próprios processos estéticos quanto aos de seus colegas e comunidade” (BATHURST, 2009, p. 73, tradução nossa).

Richard e James (2007) sugerem uma estética pragmatista para superar a divisão sujeito-objeto que é pauta de discussão no campo da abordagem estética organizacional (TAYLOR; HANSEN, 2005) e que para eles, prejudica o próprio avanço da Teoria Estética. No conflito entre a incorporação e a desincorporação na teorização no campo organizacional, é preciso uma abordagem teórica que nos leve a pensar a organização de forma crítica sob nossas percepções corporais (O'DOHERTY, 2008).

A partir das provocações feitas no estudo de Martin (2002), Hujala e Rissanen (2011), também vão ao mundo estético das casas de repouso para com o objetivo de analisar as dimensões materiais da gestão em enfermagem. As autoras constatarem como as questões do espaço e do corpo provocam efeitos nas atividades práticas de gestão e como os aspectos estéticos vão além da discussão sobre beleza. Sobre o espaço, a falta de ambientes físicos foi algo notado como intencional pelo desprestígio do trabalho realizado na casa de repouso. A dimensão material fora testemunhada pelo desleixo com os quais, os equipamentos e os materiais de trabalho, além da dimensão corpórea não ser desconsiderada no trabalho de gestão. As afirmações feitas por Hujala e Rissanen (2011), evidenciam como a dimensão estética pode contribuir para tornar percebido no trabalho cotidiano, o espaço-tempo, o corpo e a materialidade nas práticas de gestão.

Podemos ter nojo de aspectos organizacionais ou de uma própria organização como um todo? A que trabalhamos, por exemplo? Pelzer (2002) trouxe sua inquietação a despeito do sentido de nojo e de outras sensações que foram vivenciadas e ou observadas por ele ao longo de suas experiências no cotidiano organizacional e na Teoria Estética para adquirir o conhecimento sobre as organizações. O Nojo, assim como a categoria do Feio foi renegada pela teoria estética em detrimento do Belo (PELZER, 2002).

Steyaert e Hjorth (2002) arquitetura da escrita, possíveis formas de 'performe-se como a abordagem estética pode tornar um texto científico "mais belo" aos leitores. A estrutura do texto é provocativa. Além de um prólogo, Steyaert e Hjorth (2002) trazem o texto em forma de roteiro com a intencionalidade provocativa de uma performance estética, na qual não se busca somente discutir sobre o conceito, mas também ter uma experiência, uma fruição, haja vista que não há estética sem política.

Taylor (2002) chama a atenção para o debate entre a mudez estética nas organizações e como os pesquisadores a traduzem ou a tentam ignorar. Com isso, o autor traz como pauta de debate como a estética nas organizações deve ser explorada, tendo a preocupação com os aspectos metodológicos, mas sobretudo, da linguagem, de como o pesquisador organizacional interpreta a experiência estética do ponto de vista dos sujeitos que a experimentam, devendo o

próprio pesquisador estar incluso nessa análise; e assim traduzir e apresentar a dimensão estética na vida organizacional.

Dentre as formas de apresentação, a estética pode contribuir para a compreensão de narrativas gerenciais. A forma em contar o vivido no cotidiano organizacional, a partir da perspectiva estética potencializa o processo de aprendizagem, pois traz uma compreensão dinâmica dos fenômenos organizacionais. Sejam boas ou ruins, as histórias contadas, a partir de uma narrativa estética, temos uma diversidade de histórias presentes nas organizações que podem influenciar, inclusive, a narrativa de um líder organizacional (TAYLOR; FISHER; DUFRESNE, 2002).

4.2.2.1 Estética e Relações de Trabalho

Dentro do contexto histórico das relações de trabalho, é insuficiente a atenção dada às percepções ou aos sentimentos dos trabalhadores (DOHERTY, 2009). No que tange às organizações de serviço, Witz, Warhurst e Nickson (2003) apontam certa falta de atenção aos estudos de estética organizacional, quanto ao **trabalho estético**.

A pesquisa empírica produzida pelos autores trata de um estudo de caso realizado em um hotel, o qual explorou as vivências de clientes e funcionários pela arquitetura da rede hoteleira com outros serviços em conjunto (cafés, restaurantes, boutiques, etc). Segundo os autores, a identidade organizacional pode ser sentida e observada pelos aspectos corpóreos do trabalho estético, o que recupera o caráter sensível do trabalho em organizações de serviços. Sendo assim, é evidenciado o **trabalho estético como trabalho corporificado**, que materializa a estética da organização.

[...]os funcionários são cada vez mais vistos não apenas como 'software', mas como 'hardware', no sentido de que eles também podem ser moldados corporativamente para retratar a estética organizacional de maneira semelhante à maneira como a identidade de uma organização é retratada por meio de seu material de marketing, design de produto e ambiente físico (WITZ; WARHURST; NICKSON, 2003, p.35, tradução nossa)

Os trabalhadores do hotel são “produzidos” esteticamente ao longo do processo de contratação (corte de cabelo, penteado, barba, vestimenta, linguagem, etc) (WITZ; WARHURST; NICKSON, 2003). Assim, para Witz, Warhurst e Nickson (2003), o trabalho estético pode ser compreendido como um elemento constituinte da relação entre a organização e a estética, no que tange ao conceito de cultura material ou paisagem corporativa, argumentado

por Gagliardi (1996). E ainda sobre as questões sobre a aparência dos funcionários no local de trabalho, Warhurst e Nickson (2009) discutem os aspectos da sexualização do corpo. Estética e sexualidade no trabalho são os conceitos articulados por Warhurst e Nickson (2009). Em virtude do trabalho estético, os autores identificam o processo intencional de organizações sobre a mercantilização do corpo dos trabalhadores.

[...] a corporeidade do funcionário é analiticamente retirada, de modo que os sentimentos substituem a aparência, [...] a corporeidade do funcionário é exibida por meio de comportamento, vestimenta e linguagem para criar uma aparência sexualizada (WARHURST; NICKSON, 2009, p. 398, tradução nossa).

Questões de gênero também são apreciadas no cenário do trabalho estético. Hancock e Tyler (2007) argumentam que as distinções de sexo e gênero em performatividade paisagística, interpretado em anúncios de recrutamento, a partir da noção de paisagismo estético (GAGLIARDI, 1996; 2009) como descreve a teoria da performatividade de gênero de Judith Butler. Hancock e Tyler (2007) constatam que o gênero é evidenciado como uma dimensão estética, sendo construída e reconstruída como pathos organizacional, ou seja, os corpos dos trabalhadores são vistos como materiais regulamentados pelas organizações, pertencentes a uma identidade corporativa.

Nesse contexto de relações de trabalho, Bjerke, Ind e De Paoli (2007) voltam a atenção para o impacto da estética na satisfação e na motivação dos funcionários, com articulação teórica entre a Teoria da Cultura Organizacional e a Teoria da Estética Organizacional. O estudo empírico de Bjerke, Ind e De Paoli (2007) interpreta as reações dos funcionários no ambiente de trabalho, uma empresa norueguesa de telecomunicações, e constata como a arte, o design e a arquitetura afetam os processos organizacionais e como esses aspectos estão intrinsecamente relacionados pela experiência estética com aspectos subjetivos dos funcionários (motivação, satisfação, identidade).

Fraiberg (2010), faz uso da abordagem estética organizacional para explorar o conteúdo presente na construção de poesias que retratam a vida organizacional. A autora critica o fato de os estudos de gestão não darem mais atenção à estrutura do que o conteúdo, os aspectos subjetivos de uma poesia e ao interpretar o conhecimento evocativo no texto poético, há uma abertura para compreender para além do Belo, os sentimentos de raiva e de desespero no contexto de trabalho. Notado o conteúdo descrito, Fraiberg (2010) faz um alerta para a

negligência em ignorar o conhecimento sensível presente nas organizações (STRATI, 2007a), pois a poesia seria um canal de comunicação dos trabalhadores expressarem seus sentimentos sobre o cotidiano organizacional.

No cenário da arte renascentista, Sorensen (2010), trata da subjetividade do trabalhador orientado pela abordagem crítica da Estética Organizacional. O autor busca avançar na dimensão do paisagismo estético, discorrido por Gagliardi (1996; 2009). Sorensen (2010, p. 308, tradução nossa), compara as duas versões da Conversão de São Paulo (1600/1601) em como as organizações são produzidas pela arte. Tais representações artísticas evidenciam a noção da “arte como negócio”, em que favorece uma dicotomia da realidade em favorecimento do capital. Contudo, a arte também produz caminhos para a subjetividade e a emancipação.

4.2.2.2 Estética entre Espaço, Design e Arquitetura

Cairns (2002) aponta a estética organizacional como uma abordagem alternativa, considerando-a como uma possibilidade para a compreensão da natureza e do papel do ambiente físico de trabalho. Ao pensar o local físico de trabalho como um espaço com interpretações dicotômicas sobre aspectos racionalizados para o controle da força de trabalho, dominação em oposição às ideias de liberdade e flexibilidade nos espaço-tempo, no contexto organizacional. O autor traz à tona a discussão da relação de pessoas e de organizações com o espaço organizacional ao longo do tempo.

O mesmo autor indica a escolha pela abordagem estética, a partir de Strati (1992) como uma alternativa para a discussão entre a realidade física e a social do espaço-tempo organizacional. Cairns (2002) destaca a relevância do experimento de Hawthorne para o que descreve como “**Estética do Físico**”, mas que foram poucos os estudos que deram sequência à discussão, colocando em maior evidência o social em detrimento do físico, sem, no entanto, fazer uma articulação entre a relação física e a social no contexto organizacional.

Discutir o papel da estética do físico e sua relação com a estética do social, torna visível as diferentes percepções da estética do local de trabalho. No entanto, o autor faz menção à corporeidade como uma forma de quebrar a dicotomia presente nos trabalhos, ao destacar a noção de: “[...] corpo-ris lido como relacionado ao “corpo corporativo” – a organização como unidade e não como uma coleção de indivíduos” (CAIRNS, 2002, p. 816, tradução nossa, grifo nosso). A estética organizacional possibilita a observação do corpo corporativo para a compreensão da relação intrínseca entre o espaço físico-social das organizações.

Cox e Minahan (2005) argumentam que a decoração tem recebido pouca atenção nos EOR, com certo interesse, de forma mais direta, para àqueles que estudam artefatos organizacionais. Sendo assim, os autores argumentam que tanto a Teoria Estética, quanto nas Teorias Organizacionais, a decoração tem sido colocada à margem da discussão. A **Decoração Organizacional** poderia potencializar as discussões sobre os artefatos estéticos, em razão do papel atuante nas práticas organizacionais e do componente constitutivo de um fenômeno estético no cotidiano organizacional.

Próxima à discussão apresentada no parágrafo anterior, temos o **Design Estético**, proposto por Barry e Rerup (2006). Segundo os autores, os designers organizacionais prestam pouca atenção à estética. Ao aproximar os estudos sobre design com a abordagem da Estética Organizacional, as investigações tornam-se mais úteis para captar a dinâmica do julgamento estético, ao longo do processo criativo do Design Organizacional, diante do conjunto de categorias estéticas e reiterando a necessidade de observar as próprias reações estéticas, enquanto pesquisadores. Weggeman, Lammers e Akkermans (2007), ao propuserem ao campo da Estética Organizacional, uma abordagem orientada para o desempenho organizacional, tendo como foco a categoria beleza, os autores influenciam e impactam no desempenho organizacional. Porém é necessário, ainda, uma atenção de investigação no que tange à sensibilidade estética nos processos organizacionais.

Perspectiva semelhante abrange o trabalho de Griffiths e Mack (2011), os quais chamaram atenção para o olhar estético nos “ambientes construídos” ao que vão denominar de “memórias arquitetônicas sensorial-estéticas”, construídas socialmente, nas quais arquitetura e estética estão dispostas em um navio povoado de marinheiros. É de destacar o lócus de investigação, espaço organizacional distinto dos estudos convencionais de estética, que despertaram a atenção do mundo das artes. Entre a arquitetura física e as vivências sentidas pelos trabalhadores de um navio, Griffiths e Mack (2011, p. 747, tradução nossa) destacam o “vínculo estético” entre o marinheiro e o navio e que há “[...] “potencial estético” reside em “encontrar formas [de arte]” que os membros da organização já estão fazendo.” Os autores trazem à margem, o sentimento despertado pelo vínculo sensorial-estético, vivo na memória e na imaginação que formou o gosto pelos navios (STRATI, 2007a; WARREN, 2008; GHERARDI, 2009). Isso pode ser sentido no trecho:

[...] Nunca me senti mais feliz do que quando estava molhado, com frio, coberto de tinta, pegajoso com graxa de fricção de uma linha de reboque ou de vigia. Era um simples prazer porque o que me exigia não passava do próprio trabalho (GRIFFITHS; MACK, 2011, p. 747, tradução nossa).

Tal trabalho contribui para limitação do campo estético em construção observado por Taylor e Hansen (2005) e Strati (2007a), no qual os pesquisadores focam em ambientes, em organizações, no mundo das artes para estudar a Estética Organizacional e quando o conceito pode ser investigado em outros contextos organizacionais.

4.2.2.3 Estética e Liderança

Hansen, Ropo e Sauer (2007) apresentam a **liderança estética** como uma promissora abordagem nos estudos de liderança. Ao adotar uma abordagem estética organizacional, os autores defendem que os fenômenos de liderança são subjetivos, e com isso, a liderança estética ao ser incorporada na pesquisa, assume uma perspectiva relacional. Para eles, a liderança estética deve estar preocupada com os julgamentos estéticos na relação líder-seguidor.

A liderança estética é também uma prática corporificada. Os autores criticam a “falta de corpo” nas teorias sobre liderança, e dessa forma, a abordagem estética contribui para preencher uma lacuna. São feitos esforços nos aspectos teóricos e metodológicos para observar o fenômeno da liderança, a partir da lente da estética organizacional (HANSEN; ROPO; SAUER, 2007).

Por meio da metáfora artística da dança Ropo e Sauer (2008), desenvolvem o argumento para a compreensão do fenômeno da liderança, levando em conta os aspectos estéticos e corporais. Entre uma valsa e uma rave, os autores fazem uma comparação das interações sociais entre os líderes e seguidores, o que vai evidenciar a essência corpórea do fenômeno liderança, tendo uma experiência estética construída socialmente não apenas entre um líder e os seguidores, mas também entre um pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

A partir da categoria do Belo, Ladkin (2008) realizou um estudo de caso de um músico para explorar o que significa liderar com beleza. A autora apresenta evidências de como os líderes incorporam seu papel, tendo como resultados a maestria, a congruência entre a forma, o conteúdo e o propósito, como aspectos de uma liderança estética bela, como um fenômeno relacional e corporificado. Ladkin e Taylor (2010) retomam a discussão da liderança ao dialogar sobre os aspectos estéticos e corpóreos, em que uma liderança autêntica possibilita expressar o verdadeiro eu, necessita trazer à tona as emoções que podem ser colocadas em conflito no cotidiano organizacional. Seja entre o medo e o entusiasmo ou entre a esperança e a incerteza, o fenômeno da liderança deve expressar os sentimentos para ser verdadeiramente incorporada e autêntica.

Koivunen e Wennes (2011) complementam tais propostas sobre liderança estética com o estudo de campo feito em quatro orquestras sinfônicas, o que contribui para as pesquisas de liderança estética. O trabalho apresenta as dimensões de escuta relacional, julgamento estético e empatia cinestésica no processo de liderança estética que ocorre entre o maestro e os músicos, o que evidencia a influência dos elementos estéticos nas práticas de trabalho, no que tange à estética, à gestão e à liderança.

4.2.2.4 A abordagem estética como caminho de articulação com outras abordagens negligenciadas nos EOR

Wasserman (2011), faz uma aproximação teórica com o neo-institucionalismo isomorfismo estético nos espaços organizacionais, a partir de referencial teórico do filósofo francês Henri Lefebvre. A autora acredita que tal articulação teórica contribui para fundamentar um melhor entendimento do papel da estética nos processos institucionais. Entre o espaço concebido, o espaço percebido e o espaço vivido.

“[...] as organizações tendem a falar sobre estética de maneira semelhante (o espaço concebido) e podem se parecer (o espaço percebido), mas geralmente tendem a interpretar sua estética de maneira mais particular, para que ela se encaixe na identidade desejada” (WASSERMAN, 2011, p. 23, tradução nossa).

A abordagem estética permite uma compreensão mais nítida do espaço vivido, pois revela, a partir das experiências sentidas no cotidiano organizacional. Tal articulação também é adequada para os estudos de design e arquitetura organizacional (WASSERMAN, 2011). E para além das questões de identidade organizacional, a perspectiva ainda possibilita ampliar o debate sobre as dimensões de resistência, poder e controle de identidade institucional (WASSERMAN; FRENKEL, 2011).

White (2006) apresenta o conceito de estética, a partir de Strati (1992), em relação aos **sistemas operacionais e à pesquisa operacional**, ao considerar a estética como um processo de conhecimento e compreensão por meio dos sentidos. Para o autor, por ser uma área ainda subdesenvolvida no campo teórico de sistemas e operações, há uma emergência de estudos com interesse na relação entre estética e processos gerenciais.

White (2006) faz uma reflexão sobre as possibilidades da articulação teórica e prática. Ao fazer considerações sobre o espaço físico (CAIRNS, 2002) e o desenho dos processos, o autor demonstra como tais aspectos organizacionais são afetados pelos sentidos estéticos. O

autor ainda sugere como desafio aos estudiosos da área de sistema e operações, que os mesmos sigam orientados pela abordagem estética para constatar como a experiência estética em uma tomada de decisão, por exemplo, provoca mudanças nos aspectos emocionais e simbólicos da vida organizacional.

A abordagem estética pode contribuir também aos estudos teatrais no contexto organizacional. O estudo de Biehl-Missal (2011) faz uso da metáfora da “organização como teatro” para fornecer um diálogo da teoria de *performance*, ao analisar as apresentações gerenciais como um espetáculo, sendo elas uma experiência estética.

4.2.3 Para Além do Belo na Estética Organizacional: pesquisas contemporâneas

Nesta subseção me dedico a analisar, brevemente, a recente literatura revisada e com isso, apontar algumas reflexões sobre os avanços teóricos, metodológicos e empíricos encontrados no campo da Estética Organizacional. Discussões com artigos empíricos com temáticas abordadas anteriormente, ainda chegaram a serem discutidas de forma pontual como a Teoria Teatral (BIEHL-MISSAL, 2012), Estética Institucional (CREED; TAYLOR; HUDSON, 2020); design (MURPHY; COURTEL, 2013). Não há avanços no que tange à discussão da dimensão corpórea (ver COLET; MOZZATO, 2019), ainda que fique em segundo plano nas discussões, assim como as questões sobre artefatos e a estética como uma abordagem sociomaterial. Já o destaque continua a cargo da temática sobre espaço (ver BEYES; STYAERT, 2012; CONNELLAN, 2013; WASSERMAN, 2012; DE MOLLI; MENGIS; VAN MARREWIJK, 2020) e *workplace*.

No mundo do trabalho, a estética organizacional foi, ainda que bastante incipiente, lente de estudos sobre saúde mental (MOLAHOSSEINI et al., 2020a), retenção de funcionários (MOLAHOSSEINI et al., 2020a) e qualidade de vida e bem-estar (KIRILLOVA; FU; KUCUKSTA, 2020; MOLAHOSSEINI et al., 2020b), comprometimento organizacional e abordagem quantitativa (GONZALEZ-SURH et al., 2019).

Estudos com experiências empíricas sobre as relações de trabalho ocorreram mais notadamente em organizações culturais de setores da indústria criativa, conforme discussão no subtópico a seguir.

4.2.3.1 Estética e Criatividade

A articulação da estética com a criatividade e os artefatos foi algo que ganhou espaço de discussão, ainda que criatividade não seja uma discussão recente na administração, e não sendo a estética associada à categoria da beleza ou de apenas intervenções artísticas nos espaços organizacionais (ANCELIN-BOURGUIGNON; DORSETT; AZAMBUJA, 2020). Stigliani e Ravasi (2018) realizaram uma investigação numa equipe de trabalho da área de design, com o intuito de compreender o caráter colaborativo no processo de criação diante da construção do conhecimento sensível, haja vista a atenção estética de objetos, espaços e experiências por parte dos profissionais e da área de atuação.

Ainda sobre as percepções estéticas no local de trabalho, Siciliano (2016) enfatiza os aspectos materiais em uma organização de gravação de música dos Estados Unidos. Os artefatos corroboram para evidenciar não só o aspecto estético dos artefatos, mas também a criatividade na capacidade de expressar a criatividade na ocupação. Já Thompson (2018) realiza uma articulação entre criatividade organizacional, estética e filosofia da imaginação para a compreensão de interações criativas como um processo estético e relacional de imaginação compartilhada.

No contexto da indústria criativa, Louisgrand e Islam (2021) julgam o desafio de colaboração na construção do conhecimento sensível e do julgamento estético na alta gastronomia. A problematização da colaboração estética é potencializada nas relações de poder relacionadas aos aspectos culturais de cada sujeito, no julgamento do gosto; sinalizado pelos autores com a falta de discussões, provocando o impedimento de um debate mais amplo sobre a colaboração estética em “julgar” o gosto.

4.2.3.2 Estética, Ética e Sustentabilidade

Pode a estética organizacional estimular a sustentabilidade corporativa? Segundo Waistell (2016), apesar de os estudos filosóficos da estética e da arte do mundo natural, há um nítido distanciamento dos estudos sobre a sustentabilidade e a estética organizacional. O autor defende uma estética ambiental, pois acredita que a experiência estética em ambientes naturais provoca sensibilidade e empatia no local de trabalho, pois a natureza afeta todos os nossos sentidos. Aspectos éticos também são considerados na conversa proposta por Waistell (2016).

Sobre a arte e a estética relacionadas à sustentabilidade, Zsolnai e Wilson (2016) reiteram a lacuna por estudos que articulem arte (estética) e natureza (sustentabilidade), como

novas formas de conhecimentos e novos olhares para os fenômenos sociais e organizacionais. Com isso, Zsolnai e Wilson (2016) realizam um estudo multicaso; ambos ligados ao mundo das artes (uma empresa do ramo da gastronomia e outra do ramo da moda), que são reconhecidas por suas práticas sustentáveis. Com atenção ao conceito ainda clássico de estética, associada à categoria da beleza, os autores consideram que tal atenção ao belo potencializa o sentimento de paixão para a sustentabilidade, o que pode levar a um contexto de transformação ética, social e organizacional. Outros estudos propõem a mesma discussão.

Crichton e Shrivastava (2017), conduziram um estudo à parte de abordagem recente da sustentabilidade dos recursos humanos, no qual por meio de práticas estéticas no contexto organizacional, constataram que o conhecimento sensível (sensorial e emocional) melhoram as questões relacionadas à qualidade de vida no trabalho. Enquanto Poldner, Shrivastava e Branzei (2017) levantaram apontamentos sobre questões de gênero e empreendedorismo.

4.2.3.3 Proposições de novas articulações

Mack (2013; 2015) realiza uma investigação a partir da abordagem teórico-metodológica artístico-estética no processo de aprendizagem na educação gerencial. A corporeidade e materialidade são dimensões estéticas evidências na prática da educação gerencial. Logo, para autora, propostas pedagógicas, como a co-construção de artefatos colabora o processo de julgamento estético, o que amplifica o aprendizado no processo educacional. E ressalta:

Minha própria paixão pelo conhecimento (Gherardi *et al.*, 2007) sobre a estética organizacional influenciou meus estudos e agora minhas práticas de ensino. Embora não tenha entrado nesse projeto com a intenção de fazer pesquisa estética, comecei a reconhecer sua contribuição para a dimensão estética da aprendizagem (gerencial) (MACK, 2015, p. 170, tradução nossa).

Mack (2021) retoma a discussão de Gherardi e Strati (2017) sobre a formatividade estética da filosofia de Pareyson. A formatividade estética seria um processo dinâmico do “[...] “fazer/fazer” artístico se desdobra por meio de tentativa e erro, processos sociomateriais envolvendo invenção e produção simultâneas” (MACK, 2021, p. 889, tradução nossa). Por meio da educação gerencial em ateliê, Mack (2021) constata o potencial de espaços voltados para os processos criativos sociomateriais como benéficos para a educação gerencial, dado que a formatividade coloca a estética em ação na educação gerencial. Trata-se de um diálogo possível entre os aspectos pedagógicos, educacionais e culturais de modo que a Estética

Organizacional contribui com o processo de formação educacional e com a aprendizagem (ver POPRAWSKI, 2019).

Reinhold (2017) realiza uma articulação do campo da teoria estética nos EOR com o *Critical Management Studies* (CMS). Segundo a autora, o CMS pode contribuir em pelo menos 3 aspectos com o campo da estética organizacional como filosofia da arte: (1) suporte teórico; (2) metodologia de intervenção e (3) movimento de artistas críticos. O debate sobre a performatividade crítica ser também uma performance artística, pois a ação artística também é uma ação política corporificada, o qual permite que ambos os campos teóricos deixassem de ficar à margem das Teorias da Administração.

A pesquisa de campo feita por Reinhold (2017), uma intervenção de um grupo de artistas independentes em um banco de investimentos, argumenta que:

[...] o pesquisador deve estar mais atento ao que está acontecendo no mundo da arte e levar a sério os artistas contemporâneos e sua coragem. Acompanhar pessoas que geralmente não trabalham nem pertencem a nenhuma organização formal, mas que são muito conscientes da estreita ligação entre política e estética, abre novas possibilidades de pesquisa e uma compreensão sensata da vida organizacional (REINHOLD, 2017, p. 86, tradução nossa).

Em uma direção mais crítica Paquette e Lacassagne (2013), exploram a estética política da desterritorialização em um caminho que chamam de “estética do mundo subterrâneo”, a partir da dramaturgia de Jean-Marc Dalpé sobre processos espaciais da mineração. Os autores trouxeram evidências de uma estética do mundo subterrâneo, com destaque à dimensão corporal.

[...] seu rosto, suas mãos, e seu modo de falar expressava a identidade corpórea dos subalternos subterrâneos. A estética de sua atuação como garimpeiro apresenta o corpo e a postura comumente observados nas cidades mineiras; transmite bem os riscos ocupacionais comuns, seja através da execução de uma mão esmagada e trêmula ou de uma característica tosse de um mineiro tentando libertar seus pulmões de décadas de pó de mina (PAQUETTE; LACASSAGNE, 2013, p. 253, tradução nossa).

Alexandersson e Kalonaityte (2018) investigam o caráter lúdico no design de escritório, cuja pesquisa visa reforçar capacidades imaginativas e julgamentos estéticos entre o brincar e o trabalhar, entre trabalho e o lazer com a articulação dos estudos de Jacques Rancière sobre as condições de vida profissional no cotidiano organizacional.

5 NARRATIVAS DE PESQUISADORES DE ESTÉTICA ORGANIZACIONAL NOS EOR

Nesta seção são apresentadas, em cada subtópico, as narrativas temáticas em um diálogo com a construção do campo, a partir das experiências de pesquisas estéticas realizadas pelos pesquisadores entrevistados. Dividido em quatro subtópicos, o conjunto temático de narrativas dão forma à construção da abordagem estética de pesquisadores brasileiros nos EOR.

5.1 “Isso é Administração?”: do Estranhamento ao Encantamento no Encontro com a Estética Organizacional

Neste tópico propus contar a narrativa advinda do primeiro encontro ou reencontro com a teoria estética, por parte dos pesquisadores entrevistados. Uma vez que a abordagem estética procura capturar a experiência vivida no cotidiano (STRATI, 2007a), as entrevistas narrativas propiciaram um momento de resgate às vivências na condução de pesquisas estéticas. Sobre os primeiros encontros, os entrevistados narraram:

Não tinha conhecimento nenhum do assunto estética, nem tinha ouvido falar direito de estética, **sempre fui muito racional**, né, como [profissional da área de ciências exatas] lá que não nega suas origens, sempre fui muito racional, sempre fui muito... meu aprendizado estava sempre muito baseado no conhecimento explícito que você tem das coisas, que você pega livros, já tá em livros, já tá em vídeos, eu me utilizaria disso para estudar e aprender. Então não passava pela minha cabeça, embora ele esteja presente na nossa vida o tempo todo, **eu não me dava conta de que a gente aprende muito com os sentidos**, né? (Entrevista com Apolo, grifo nosso).

Eu já gostava de pesquisa e eu já gostava de descobrir **coisas novas em pesquisa**, e eu me lembro que uma das primeiras coisas que eu conheci com o [nome do orientador], né? sobre a pesquisa assim, ele falou: “*ah, como você faz [curso de ciências humanas], eu acho que tem uma coisa que você ia gostar que é a questão da estética organizacional*”, e como meu projeto estava indo para outra área assim, eu falei “*ah legal, mas vamos continuar aqui no que eu quero*” . [...] Então a gente estava conversando algumas coisas, mas assim, **a estética mesmo eu conhecia muito pouco**, né? Só a questão lá do conceito básico dos cinco sentidos e tal. Aí ele falou: “*faz o seguinte então vamos estudar estética*” e eu falei: “*vamos*”. (Entrevista com Hather, grifo nosso).

[...] No meu doutorado que eu cheguei nos **estudos baseados em prática**. Aí no doutorado eu já dei uma aprofundada um pouco mais no sentido de entender como que essa **dimensão estética é uma dimensão que nos conecta**, vai possibilitar a gente se organizar e tudo mais. Aí eu fui efetivamente pro

campo da arte, cultura, pra gente entender um pouco como é que se dá esses, como é a prática em si, **a prática ela produz a estética, a estética ela produz a prática**, como é que se dá essas relações, mas sobretudo como é que essas nossas maneiras de produzir o mundo tem essa dimensão estética, também é uma dimensão estética porque vai falar da nossa dimensão no mundo, desse estar no mundo, né de como que é o nosso **corpo**, as conexões que a gente produz, então foi mais ou menos nesse sentido que essas discussões elas vieram até a mim (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

O encontro dos pesquisadores evidencia o distanciamento presente da abordagem estética organizacional ainda evidente no campo organizacional no contexto brasileiro, pois tal perspectiva é apresentada somente em programas de pós-graduação em administração que tenham a linha de EOR. Mesmo sendo os entrevistados de outras formações iniciais, para além do bacharel em administração, o encontro só ocorre normalmente em nível da pós-graduação. Enquanto, Apolo revelou ter total desconhecimento por teorias estéticas por sua formação de caráter “racional”, Hathor evidenciou saber até então o conceito básico de estética. Já Hedone trouxe em sua vivência como pesquisadora, a abordagem estética a partir do arcabouço teórico dos EBP em nível de doutorado.

Os trechos das narrativas mostram caminhos diferentes, os quais levaram os pesquisadores a investigarem o cotidiano organizacional, a partir da abordagem estética. Caminhos trilhados no espaço-tempo, entre o encontro e o processo de realização da pesquisa, que são limitados, por mais que a dimensão estética seja notada posteriormente por quem a pesquisa, da compreensão do processo de aprendizagem ocorrer por meio dos sentidos, e deles estarem presentes no corpo e nas relações sociais como uma prática estética.

Para tanto, destaco ainda a narrativa de Sri:

[...] eu precisei em vários momentos recorrer a outras áreas do conhecimento científico, principalmente sociologia, filosofia, né. Não tem como a gente discutir a estética sem ir lá no Kant, entender o que da percepção dele, por exemplo do juízo, né, juízo estético. Então sim, eu precisei recorrer a essa necessidade de percorrer os campos da ciência. Inclusive... era... Foi algo que meus colegas apontavam muito, no sentido de **“isso é administração?”** Não sei se você já enfrentou esse questionamento **“é isso mesmo?” Vai enfrentar.** (Entrevista com Sri, grifo nosso).

Esse excerto da narrativa de Sri traz a primeira das críticas sofridas pela Estética Organizacional, fruto do estranhamento enquanto abordagem de ciência na administração. A necessidade apontada pela entrevistada em sua narrativa não deve ocorrer com abordagens teóricas já reconhecidas e consolidadas no campo teórico da Administração. O enfrentamento

por parte dos pesquisadores de Estética Organizacional foi algo já colocado como um dos desafios desta ceara, como destacado por White (1996) e Ramirez (1996).

Os pesquisadores narram, ainda, que ao abraçarem a Estética Organizacional, entram em conflito com a pesquisa funcionalista tradicional e predominante na Administração e no debate presente entre a racionalidade e a subjetividade na pesquisa de cunho social e interpretativista.

[...] dentro do meu programa foi um desafio muito grande porque nada eu conseguia me encontrar, desde as disciplinas, muitas vezes elas são focadas numa análise mais geral, sabe? [...] Quando eu entrei no doutorado eu até **procurei fazer disciplinas da sociologia para conseguir me encontrar**, porque assim, nas perspectivas teóricas que a gente usa para trabalhar estética organizacional muitas vezes ela foge completamente de uma linha ali do **positivismo** que é o que a maioria dos alunos trabalha, né? Do **estruturalismo, funcionalismo**, então você entra numa linha **interpretativa** ou numa linha **construtivista** que sai fora do que a maior parte dos alunos no programa trabalham (Entrevista com Vênus, grifo nosso).

Contudo, o embate teórico no campo organizacional é visto como desafio e ao mesmo tempo uma motivação por parte dos pesquisadores a seguirem pelo caminho da abordagem estética, como um espaço de ciência “para além da racionalidade”, como destacado no trecho da narrativa abaixo por Astarte. Sentir a subjetividade assim como sentir a racionalidade nos fenômenos presentes nas investigações do cotidiano organizacional (STRATI, 2007a), provoca os pesquisadores, também, a observar o fazer da pesquisa, a partir do conhecimento sensível, uma experiência organizacional (STRATI, 1996).

Me chamou muito atenção justamente isso do **sensível, do sensório. Do para além da racionalidade, né?! Porque eu achava que fazia muito sentido. Assim, quando eu comecei a estudar ali no doutorado eu entrei em contato com, digamos assim, outro tipo de ciência, né. Que eu até então meio que... Talvez eu desconhecesse assim por completo, uma ciência que pra mim fazia mais sentido pela forma que ela se desenvolvia, que ela se dava. E fazia sentido pra mim pela forma que a gente vive, né! **Eu achei que aquilo era coerente com as coisas que eu vivia.** E até então eu disse “Meu Deus! Isso aqui faz muito sentido! Eu acho que é por aqui que eu tenho que seguir”. [...] **Um sentido de ser mais sensível, de conseguir olhar pra subjetividade** (Entrevista com Astarte, grifo nosso).**

Ao defrontarem com o caráter mais racional nas pesquisas em Administração, os pesquisadores relataram a necessidade de recorrerem a diversos outros campos teóricos para sentirem segurança na condução de uma pesquisa pela abordagem estética organizacional nos EOR.

Há necessidade no meu entendimento da gente recorrer a outros campos teóricos. Que a gente, até nós mesmos questionamos, né. Mas sim pera ainda, né?! **Qual terreno que eu estou pisando?** Depois a gente vai se dar conta que essas **intersecções são inevitáveis, né. Eu não posso falar de gestão sem passar pela filosofia, sem passar pela sociologia, né.** A estética ela é meio que um guarda-chuva que abriga um pouco, né dessas discussões, então eu precisei recorrer. (Entrevista com Sri, grifo nosso)

Na verdade **eu tive um pouco de contato com a estética na filosofia**, mas quando se fala dos estudos da prática voltados pra organizações eu uso apenas o Strati, ainda é minha zona de conforto sabe, eu não me sinto ainda muito à vontade pra explorar, apesar de ler outros pensamentos mais a fundamentação mesmo que eu trago pros estudos é o dele (Entrevista com Afrodite, grifo nosso).

[...] **Eu comecei por meio do Strati**, né? Com aquela bíblia dele da estética, organização e esse estudo do Strati continua sendo a principal guia porque ele inclusive é o que nos orienta quando a gente sai um pouco do caminho, né? Eu tenho uma tendência de querer abraçar muita coisa e o professor [orientador] sempre me diz: " não, vamos focar aqui" é a partir do Strati eu comecei a ir para outras estéticas, estudar a estética artística e ver o ponto de vista da estética. Lógica é questão de hermenêutica, enfim... **Eu fui indo para outros campos da estética filosófica que me fascinou cada vez mais**, mas eu precisei definir ali um recorte para trabalhar (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

[...] Até mesmo as vezes quando você vai discutir isso em sala de aula, **você fala sozinho** porque acaba que a maior parte dos teus colegas não estão nessa perspectiva, nessa epistemologia, então você acaba ficando meio perdido, você não sabe se você está falando a coisa certa, então se você não tem uma orientação que trabalhe nesse viés ou que te apoie... Por exemplo, a minha **orientadora**, ela não trabalhava com a estética especificamente, mas ela foi atrás desse conhecimento pra gente construir junto isso, né? Não era uma linha de pesquisa que ela estava trabalhando, só que a gente resolveu pegar junto e ela me ajudou a (Entrevista com Vênus, grifo nosso).

O movimento aqui presente indica o caráter interdisciplinar presente na Teoria Estética, que apesar de ir além da Filosofia do Belo, os pesquisadores sentem a carência de uma fundamentação teórico-metodológica para a produção da pesquisa científica. A figura do(a) professor(a) orientador(a) foi uma narrativa recorrente nas entrevistas. Além do papel de relevância profissional que detinham, tais profissionais são responsáveis em grande parte pela apresentação do arcabouço teórico de teorias das práticas em disciplinas e seminários presentes nos Programas de Pós-graduação em Administração. O autor Antonio Strati também é lembrado como a leitura descrita nas narrativas abaixo:

E na disciplina **o professor apresentou pra gente um livro** que é administração na prática, na aprendizagem que fala muito de como é o sentir e ali eu **aprendi muito com Strati** como ver, com perceber e como relatar então a minha...vamos dizer assim, o meu contato com a estética foi ele. (Entrevista com Afrodite, grifo nosso).

[...] aí o [nome do orientador] que ficou como meu orientador e a gente conversando, trocando ideia e ele me falou da questão do [objeto de pesquisa], do conhecimento sensível, né? É uma forma diferente de você aprender, aprendizado via utilização dos seus sentidos, e eu achei que **fazia muito sentido** e como **eu gosto** de [objeto de pesquisa], então eu embarquei com o [orientador] nesse caminho (Entrevista com Apolo, grifo nosso).

O bom da pesquisa estética é que a gente entende o quanto as nossas subjetividades estão presentes nas nossas escolhas por mais que a gente não vê força isso. Por mais que a gente faça um estudo objetivo, a estética nos ensina que por trás daquela objetividade toda tem algumas das mais ocultas, que na verdade são aquele elefante branco que na verdade tá lá, não são nada ocultas, mas como a gente não tem essa afinidade com esse conhecimento estético, a gente acha que é uma questão puramente subjetiva, né?. Na verdade, **as nossas pesquisas elas são muito orientadas pelas nossas vivências, as nossas escolhas**. Sei que você pega um tema 'tô perdido'. "Ah, veio um professor com uma luz ali e você pode se identificar ou não", mas o amadurecimento vai trazendo essa "**vamos estudar o que a gente gosta**, o que a gente tem, né? Passado e tudo mais, né?" (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

O papel da orientação é apresentado como uma espécie de guia responsável para a realização das pesquisas. E a partir da construção de narrativas pude depreender como a formação do gosto ocorreu durante as primeiras impressões com as leituras, como a prática de fazer pesquisa é em si mais do que ser uma escolha ou algo que faça sentido ao pesquisador, é, antes de tudo, uma questão de gosto (GHERARDI, 2014).

[...] Quando eu me debruço sobre os estudos de Antônio Strati e que ele nos traz aquelas 60 e lá vai fumaça, categorias estéticas que não se resume ao belo, e quando você entende que a Estética ela toca diretamente nos seus sentidos e como que você percebe...e como que você pode fazer leituras a partir disso você já propõe um outro nível de inteligência para a gestão, porque sempre priorizamos a inteligência racional quando a organização demanda de uma inteligência emocional que somente a Estética pode nos trazer. Então a Estética ampliou o meu olhar do como, **a Estética a partir dessa minha pesquisa eu enxergo a Estética agora não como o fim mas como o meio, a Estética para mim é o meio, faz sentido?** (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

5.2 Sentindo o Corpo na Pesquisa

Nos EOR, o debate sobre a neutralidade do pesquisador é um aspecto que ainda se encontra em evidência na pesquisa estética, tal discussão deve ser superada, pois Strati (2007a) reitera a necessidade de os investigados estar disposto a se colocar no lugar do outro para a condução de uma pesquisa estética. Sobre a discussão, temos o excerto entrevista com Artarte que diz que

[...] o corpo ser produtor de dados quer dizer que você está implicado, né. Senão você já não seria neutro e você não poderia se envolver naquilo ali, e você não poderia nem assumir que seu corpo tá te gerando esses dados, essas informações.

Com isso, vemos como o corpo do pesquisador deve ganhar evidência na pesquisa estética (BISPO, 2017; BISPO; GHERARDI, 2019). O conjunto de trechos abaixo enunciam a prerrogativa do corpo do pesquisador estar presente na pesquisa estética.

[...] Essa coisa de que pesquisador é neutro, desculpa pra mim é... **No nosso tipo de pesquisa não existe.** [...] Se você não for ali uma pesquisadora que tá vendo uma situação que nem eu vi no meio da comunidade e aquilo não te abala. Bom, **você perdeu o coração.** [...] Essa pesquisadora neutra é difícil em determinados assuntos que se pesquisa e eu luto justamente pra isso, pra se desfazer essa visão de que existe uma neutralidade e que o pesquisador não é implicado no campo de pesquisa. Ele é, ele tem consciência e ele tem que reportar o que ele tá sentindo naqueles momentos e isso também faz parte da estética ao meu ver, né. Dá vazão aos sentidos, ao que se sente, ao sensório, enfim. [...] Eu vejo assim como uma luta, sabe. Eu acho que **esse tipo de pesquisa é meio que uma resistência dentro da ciência da forma que ela é vista hoje, com esse “C” maiúsculo, né?! (Entrevista com Astarte, grifo nosso).**

[...] Essa questão do pesquisador neutro, né, muito complexo, é um exercício de reflexão e abstração muito grande. Por quê?! [...] Foi um trabalho de construção de tese muito sentido, porque eu sentia, eu não conseguia dizer assim **“eu não sinto”** só que eu construí a tese quando eu tive isso na mente, que é uma coisa que eu acho que se puder contribuir com quem vai estudar teorias das práticas é dizer **“eu vou sentir, vou”**. [...] Então isso foi um exercício que a estética me permitiu aprender, me permitiu desenvolver. [...] Hoje eu me posiciono, sem puxar pra A ou pra B, mas dizendo o que eu penso (Entrevista com Afrodite, grifo nosso).

Ainda mais nesse contexto de COVID do isolamento a gente sentiu a necessidade... percebeu a necessidade de afeto, dos sentidos, do toque, do tato, de todos os sentidos, a pandemia provocou essa atenção para a gente, para o corpo. E tem uma coisa muito interessante porque a pandemia ela mexe com

a gente de uma forma muito curiosa porque ela vai para além da racionalidade. (Entrevista com Oxum).

O papel do pesquisador deve ser levado em consideração, bem como suas emoções sentidas no campo, uma vez que ativar suas faculdades perceptivas e sensoriais, não deixando de lado ou em segundo plano a sua racionalidade, para a interpretação dos dados (DE MOLLI, 2021). É importante enfatizar que, independente do fenômeno de investigação, as narrativas dos pesquisadores demonstram a atenção ao posicionamento do pesquisador na pesquisa estética.

A estética foi me possibilitando um outro olhar, então essa curiosidade de aguçar, então eu já gostava de social e eu gostava também das pessoas, então foi fazendo muito sentido para mim quando eu fui vendo também minhas experiências anteriores em relação a como eu aprendia e **como aquilo se passava pelo meu corpo, e como quando que eu usava o racional e também outras habilidades do meu corpo**. Porque a gente é um ser humano só, né? (Entrevista com Hathor, grifo nosso).

[...] O que eu me lembro é que em todas as fases, tanto parte das observações quanto parte das entrevistas eu sentia que...ah, alguma pessoa falava alguma coisa que era aquilo que eu esperava, **parecia que dava um tremor no corpo** - “Ah, isso aí. É isso aí que eu quero saber.” (Entrevista com Adônis, grifo nosso).

Essa interação do corpo é colocada, ainda como um desafio, quando o pesquisador é um *insider* do campo de sua investigação. Uma dificuldade notada e sentida pelos pesquisadores estaria no quanto aquela experiência não é mais nova para eles, pois a prática estética já se encontrava incorporada, por meio das relações do cotidiano, como destacado por Strati (2014b) e Bertolin, Cappelle e Brito (2014).

Eu tinha ideia do que aquilo tinha me causado e de como as pessoas iam reagir, [...] **“Será que eu imaginei isso? Será que realmente senti?”** [...] Esse tato com a pesquisa ele vem porque você tem essa sensibilidade de alguma forma aguçada ou trabalhada ou não reprimida. [...] Você falar sobre o corpo é uma coisa muito difícil. [...] Então você tem que ter uma compreensão da sua própria sensibilidade muito grande para você ter uma segurança para falar sobre isso (Entrevista com Adônis, grifo nosso).

É muito difícil porque boa parte do meu doutorado eu fiz e eu era gestora [do objeto de investigação]. Cada dia que eu estava no [objeto de pesquisa] **o meu corpo reagia do fio de cabelo ao dedão do pé**, [...] porque o lugar que você ocupa, ele determina toda a sua percepção, [...] então cada um de nós reage diferente a partir da posição que a gente ocupa, e a posição que a gente ocupa

não somente naquele momento, mas na vida. [...] **Meu olho procurava o meu técnico**, eu não queria mais saber o que estava acontecendo, eu procurava o meu técnico, eu fazia assim - “O que, o que é isso? Você não me falou que ia ter isso.” E aquela troca de olhares, então o meu corpo foi o corpo da gestora ali, acabou, a experiência que eu tive ali foi outra, e aí quando eu saio do [local] que falo com meus colegas - “Ah foi incrível, eu senti isso senti aquilo.” O que eu senti foi pânico do [local] estar explodindo, e ninguém estava me dizendo nada. Aí foi isso, **é o lugar que se ocupa**, a estética tem isso, onde você estava naquele momento? Onde você estava no 11 de Setembro? Isso muda a sua percepção (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

As narrativas acima demonstram ainda a necessidade de reconhecimento por parte dos próprios pesquisadores de como o conhecimento sensível é formado e refinado a partir do momento em que ele interage com o seu campo enquanto pesquisador, do lugar que o corpo do pesquisador ocupa, como destacado na narrativa de Oxum acima. A respeito de como o corpo do pesquisador é observado no campo e como ele, o corpo, afeta o fenômeno investigado.

[...] uma coisa que incomodava muito eles assim no começo é que eles tinham muita desconfiança do que eu tava julgando quando eu olhava para eles e **eu sentia que às vezes até o jeito que eu me vestia, ou o jeito que eu falava incomodava, sabe?** É porque assim, eles têm uma linguagem muito própria, o ambiente ali. [...] a forma como eu me expressava era uma coisa que eles me questionavam em todas as vezes que eu me apresentava (Entrevista com Vênus, grifo nosso).

[...] **Eu alterei esteticamente um lugar**, e eu alterar esteticamente o lugar tem a ver com a minha roupa, tem a ver com meu perfume, tem a ver com as minhas perguntas de conversas informais enquanto as pessoas estão trabalhando, né? Tem a ver com as respostas que as pessoas dão sobre o que elas estão fazendo, enquanto estão fazendo o trabalho delas (Entrevista com Hathor).

O destaque da fala acima fica mais intensificado com as primeiras experiências no campo, como enfatizado pela pesquisadora Hathor em entrevista, uma outsider em seu campo de pesquisa. A construção de seu julgamento estético ocorreu a partir da relação de seu corpo com “[...] as expressões, os gostos, o sentimento, o senso de pertencimento daquele lugar”. A pesquisadora continua com sua narrativa em que relata a sensibilidade de seu corpo com o campo e como ele precisou sentir-se confortável no cotidiano organizacional investigado.

[...] Tinha acabado de fazer as disciplinas, então aquela vida corrida, entregando coisa de final e tal, então assim, eu dormi pouco, acordei tarde, mal e não comi. Então quando eu chego no lugar ultra quente, né? E tô ali há menos de uma hora, duas vezes aconteceu na minha vida, uma vez foi na

pesquisa, eu passei mal, eu desmaiei, se alguém não tivesse me segurado eu tinha caído. Imagina a vergonha, primeiro dia no [campo de pesquisa] e já chacotinha, todo mundo quando eu cheguei no outro turno, todo mundo já sabia que eu era a menina que desmaiou, né? Então como eu fui desconstruindo isso, né? [...] Então ali não era mais eu e meu resto de pensamento racional com papel, **meu corpo tava sendo afetado por aspectos estéticos que eu não podia controlar com meu pensamento racional**, né? [...] Então assim, mas não, não dependia, **eu fui afetada pelo calor, pelo barulho, pelo cheiro enjoado no início** (Entrevista com Hathor, grifo nosso).

Há ainda no relato descrito uma preocupação com a racionalidade do investigador, um conflito presente para um pesquisador estético nos EOR, o espaço e o tempo que o corpo do observador pode também ser observado e interpretado no contato com o campo de pesquisa (BISPO; GHERARDI, 2019). A Pesquisa Estética necessita, por parte do pesquisador, desnaturalizar a ideia de estudo neutro para poder observar e interpretar suas percepções sensoriais com as dos demais atores envolvidos no cotidiano organizacional, não podendo deixar de fora da análise os seus julgamentos estéticos e seu corpo, como destacado por Martin (2002).

[...] eu tô aqui por uma pesquisa, eu também gosto de estar aqui, mas você precisa aprender, eu preciso fazer pesquisa, mas eu também preciso estar aqui porque isso é importante. Isso é o foco da pesquisa estética, **preciso me deixar levar e eu preciso depois entender, escrever o que eu senti nesse momento**, né? Então a gente fica nessa prática estética reflexiva muito grande, aqui eu vou para pesquisar, mas eu vou relaxar porque eu preciso me entender relaxada e vou me entregar, vou deixar valer e algum momento depois eu vou lembrar, vou ficar fazendo pesquisa. Deixa eu ver aqui que eu vou... tenho que escrever isso, isso, aquilo e sempre e sempre com um celularzinho, o meu celular substituiu o papel, bloco de notas e o vídeo. Então é isso, assim **é tá sempre no movimento de me ver, me sentir e sentir o outro, e também a percepção do outro em relação a isso, né?** Seja ali no ambiente de *live-action* como o próprio show ou por exemplo, vendo shows distantemente por vídeos ou pelo relato de outras pessoas e tudo mais (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

[...] tem uma questão importante porque o que é esse corpo para fazer pesquisa, então se você tiver... pegar por exemplo a resolução que vai falar sobre a questão ética na área da ciências sociais aplicadas, ali você tem uma noção de corpo, né... que é corpo de um pesquisador homem, branco, cis, classe média e que perpassa.. que só atravessando por várias questões de violência que o estado por meio de instituições regule essa relação com o campo, porque de fato a gente tem pressupostos naturais de violência ali, só que **hoje em dia não é só mais esse corpo que faz pesquisa**, a gente tem o corpo trans, que não é hétero, a gente tem o corpo de mulheres, a gente tem o corpo de pessoas que não são pessoas brancas e aí quando a gente olha pra essa resolução ela não fala sobre isso, ela não repete por exemplo que **uma mulher pode ser violentada dentro do seu campo de pesquisa e que a gente**

também ter em alguma medida um debate sobre essas questões (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

As narrativas dos pesquisadores entrevistados destacam o posicionamento e a reflexão sobre a relação intrínseca do corpo do pesquisador e o lugar que ele afeta ao vivenciar a experiência sensível no campo de pesquisa.

[...] **A gente discute muito mais o corpo do outro do que o corpo de quem tá fazendo a pesquisa, e aí como é que esse corpo é atravessado? Como é que ele perpassa essas... questões? como é que a gente vai refletir sobre isso?** E aí vai implicar a gente pensar em outras metodologias outras técnicas de pesquisa que não são técnicas convencionais, mas quem tá criando os regramentos institucionais, que vai avaliar os artigos nas revistas ainda são esses corpos hegemônicos. Então chega lá um trabalho pra ser avaliado, uma tese, uma dissertação, um artigo... algo pra se dizer o que é científico ou não tem essa limitação também, de que esses corpos hegemônicos eles não entendem e também não querem que esses outros corpos. que eles façam pesquisa e aí é importante a gente fazer essa discussão sobre estética também do ponto de vista de quem tá fazendo essas pesquisas hoje e do que isso muda, mas evidentemente nós meus... eu trabalho muito com etnografia e **o meu corpo mudou muito**, né... desde o meu primeiro estudo etnográfico até hoje...eu entendo que eu tenho que dar alguns comandos pra ele, ele sabe o que ele tem que fazer, ele sabe como é que ele tem que reagir, ele sabe quando é que eu tô fazendo um estudo etnográfico como é que ele tem que se comportar, né... **ele tá mais domesticado** assim da mente... e aí isso é uma coisa interessante, como que nosso corpo ele vai se transformando então por exemplo, quando eu comecei a fazer pesquisa principalmente dos etnográficos eu não tinha uma comunicação tão boa com o corpo, porque tinha essa coisa da separação do corpo, da mente, da fala e tudo mais, mas eu também tive muita sorte de na minha tese fazer uma pesquisa etnográfica com artistas, passar por essa experiência da performance, tudo mais, né.. Então foi uma coisa que é... **Eu também fui incorporando no sentido de fazer pesquisa, você incorporar o fazer ciência também vai fazendo parte do seu lugar nesse mundo, mas eu ainda observo isso assim**, né. E mesmo quando a gente vai fazer por exemplo os treinamentos porque a gente precisa passar por um treinamento antes da gente fazer pesquisa de campo, esse treinamento ele é um treinamento que é feito do ponto de vista cognitivo, ele não é feito do ponto de vista estética e nem da corporeidade, de entender primeiramente o seu corpo para entender o corpo do outro (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

O lugar do corpo então, por exemplo, **o corpo enquanto numa classe econômica mais elevada [...] que a razão e a racionalidade nos impõem, né?** Isso foi um lugar social do [objeto de pesquisa] que eu observei eu enquanto o corpo eu me vejo também... eu me vi também em outros estágios, né? Eu me... eu me revi como eu era na adolescência e agora frequentando esses eventos também para além da preocupação com a pesquisa de resgatar essa coisa de dança e de subir e de se jogar mesmo e se permitir e de estar lá, deixando as coisas acontecerem e entender corporalmente porque aquilo acontecia comigo com aquele grupo. E toda essa questão dessa percepção social, né? que a discussão vai muito em torno dessa questão do

empoderamento e como [objeto de pesquisa] acompanham essas discussões políticas, culturais e sociais. Então se antes você tinha um movimento de corpo desvalorizado e vamos falar que esse tipo de coisa vulgar agora esse mesmo corpo é utilizado como empoderamento. [...] então agora é... "foca no meu bumbum", sabe? enquanto antes, "ah, mas como assim você só foca no meu bumbum?", então **a gente percebe um corpo como fluido nessas discussões desses valores, dessas inovações culturais que a gente está tendo, então eu me percebi como praticante disso** (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

As narrativas colocadas por Hedone e Inanna levantam questões pertinentes: ética, gênero, performatividade, além dos aspectos econômicos, sociais e culturais. Tais apontamentos, ao mencionar o corpo do pesquisador, merecem atenção para o avanço nas discussões sobre a corporeidade na pesquisa nos EOR (BERTOLIN; CAPPELLE; BRITO, 2014; FLORES-PEREIRA; DAVEL, ALMEIDA, 2017), com olhar analítico e sensível aos corpos também dos pesquisadores (BISPO, 2017; BISPO; GHERARDI, 2019).

5.3 O Fazer Pesquisa Estética Organizacional

No processo de construção da pesquisa científica, há o percurso metodológico. E posto que a abordagem estética implica, ainda, numa necessidade de o pesquisador precisar uma postura empática no campo (STRATI, 2007a), com o envolvimento com os lugares e com os sujeitos do campo, torna a experiência intensa e também algo que leva a preocupação dos pesquisadores.

Ainda que tenhamos trabalhos preocupados com os aspectos metodológicos na pesquisa estética (WARREN, 2008) e com os avanços de estudos empíricos, apresentados acima na revisão integrativa, os desafios na pesquisa estética ainda estão presentes. Os pesquisadores precisam se debruçar nas possibilidades de realização de suas pesquisas, levando em consideração o tempo de realização do trabalho, do acesso ao campo, mas também a insegurança em realizar um estudo que exige um papel ativo dos sentidos e do corpo dos observadores. Os relatos a seguir demonstram as preocupações, quanto às escolhas na condução da pesquisa estética.

[...] metodologicamente nós ficamos meio perdidos no início. **Que metodologia eu vou usar para ver como que você aprende?** Como que você desenvolve essa aprendizagem da prática de degustação?, [...] E aí lendo alguns materiais, eu li o um artigo sobre a autoetnografia e aí foi me bateu o seguinte: "**eu acho que esse é o caminho**", e aí eu discuti isso bastante com o [nome do orientador] e eu acho que ele conversou com alguns outros amigos dele sobre esse assunto também, e aí nós traçamos, então, nós definimos que a metodologia seria uma autoetnografia e **aí eu caí em campo e para poder desenvolver esse trabalho** (Entrevista com Apolo, grifo nosso).

Primeiro eu tinha pensado até na etnografia, né., ah vou fazer uma etnografia. Aí depois a gente foi observando que não precisava se aprofundar

tanto, porque quando você opta pela etnografia você tem que fazer um aprofundamento cultural muito grande aí ia fugir um pouco. [...] E aí eu pensei: “vamos fazer um casamento”. Vamos utilizar aqui a observação participante que já é de conhecimento mais amplo, digamos assim. A gente estuda observação participante desde a graduação, mas poxa, **o Strati tá aqui trazendo uma outra metodologia que é a compreensão empática então vamos fazer esse casamento** (Entrevista com Lada, grifo nosso).

[...] **Eu fiquei muito ansiosa quando comecei a trabalhar com autoetnografia**, aquilo me causou uma ansiedade muito grande, mas eu enxergava poesia porque é da minha natureza enxergar poesia, então eu acredito que essas percepções também elas vão muito do lugar de quem vê o do lugar de quem ocupa (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

[...] a gente então resolveu acolher aquilo que o Strati propunha, porque dentro do livro dele ele tem um capítulo que ele faz algumas propostas metodológica. Interessante falar que hoje a gente tem outras propostas metodológicas, se você pega por exemplo o livro da Samantha Warren você vai ver ali várias propostas metodológicas diferentes pra trabalhar com a estética. Então a gente por falta de dentro desses métodos tradicionais, de amplo conhecimento que a gente tem, a gente entendeu que a gente tinha não era suficiente, não daria conta do objeto, então **a gente acatou aí a metodologia proposta pelo Strati sabendo os riscos dessa inovação no sentido de ter que perpassar toda essa questão com certeza do rigor, da validade interna, externa e tudo mais, né. Mas a gente se aventurou** [...] no sentido de trazer algo novo que desse conta do objeto, né a nossa preocupação era dar conta do objeto dentro do tema que a gente tava tratando e se fosse simplesmente a uma análise de conteúdo, com uma técnica analítica não daria a amplitude que a **compreensão empática** permitia para a gente naquele momento. Então foi uma escolha que foi alinhada também, com objeto, com a teoria e com a perspectiva. [...] De alguma forma a gente também procurou ao adotar a compreensão empática para fazer justiça a essa percepção epistemológica que a gente tava desenvolvendo naquele momento, né e aí eu falo aqui, a gente não só eu e a minha orientadora mais também o grupo, né a gente tinha um grupo de pesquisa na época, que era norteador aí por alguns caminhos ontoepistemológicos, então a escolha metodológica também inevitavelmente também se alinha a isso (Entrevista com Sri, grifo nosso).

Em meio à dificuldade na escolha da condução metodológica da pesquisa estética, Strati (1996; 2007a) nos alerta para a relevância do próprio pesquisador. Para o autor, o investigador faz parte da experiência estética. Os excertos seguintes apresentam a experiência com o campo de pesquisa, que demonstram como os pesquisadores, além de utilizarem outras fontes de produção de dados, a sua própria experiência estética na pesquisa era algo a ser colocado no texto científico em construção, evitando a mudez estética (TAYLOR, 2002).

[...] Eu trabalhei com diário de campo e fazia um relato do que eu vivenciei, assim, **as minhas sensações, o que que me corpo estava me falando**. Não foi fácil pra mim, né? [...] Inicialmente deixava de canto aquelas informações.

[...] **Com o tempo eu fui vendo que aquilo era campo, eu não posso omitir isso aqui, isso aqui faz parte do meu campo.** Porque comecei a ver que não era só eu assim. Comecei a observar os [atores organizacionais], conversar com eles e comecei a ver que as coisas aconteciam no coletivo. E disse: **“então isso não é mais só meu, não é mais da [nome da pesquisadora], pessoa. Isso aqui tá no coletivo, isso aqui tá no campo e eu não posso omitir”** (Entrevista com Artarte).

Então o Strati fala que a primeira coisa tem que tá disponível, tem que estar disponível em campo, uma disposição ativa, então é a primeira coisa, e lá na minha dissertação eu faço esse caminho, eu faço essa trilha e a primeira coisa então é estar disposto, rever todos os elementos que você vai precisar pra tá ali e a segunda eu venho pego emprestado da observação participante, que é observar, observar não só com os olhos, com todos os sentidos, como a estética traz.. **com o corpo todo..** aí no segundo ponto a gente faz a coleta de dados que é próprio da metodologia, você vai coletar esses dados utilizando esses sentidos e no ponto seguinte você vai analisar esses dados, só que o Strati vem num terceiro ponto e ele traz essas situações de empatia, que é se colocar no lugar do outro, não confundir o seu olhar com o olhar do outro e aí você parte pra um momento de descrever e escrever na verdade, você vai descrever através ... você vai fazer seu diário de campo, suas anotações de campo, depois você vai organizar esses dados e acho que uma contribuição muito legal da compreensão empática **é o estilo da descrição** e as características dominantes, porque.. porque ele te permite, é uma coisa que **a escrita acadêmica tem um pouco de preconceito até..** digamos.. é a escrita.. Como é a nossa escrita normalmente? É na terceira pessoa, parece que é outro ser ali que tá escrevendo.. P: é impessoal, né E: É.. o a pesquisa é minha, eu tô fazendo sobre os meus sentimentos.. me deixa.. quando eu tiver fazendo sobre o referencial teórico tudo bem eu estou trazendo os autores pra fazer uma discussão teórica, mas quando eu tô escrevendo ali sobre a minha experiência, por favor.. **E eu peço licença pro meu leitor, porque agora sou eu, vou escrever na primeira pessoa.** Então dependendo do congresso que você vai submeter é tiro, porrada e bomba rrsrs (risos) P: rrsrsrs (risos) E: eles não vão deixar, mas o Strati traz esse respaldo, ele fala sobre analogia, sobre metáfora, tudo isso pra você trazer aquele leitor, aquele contato com a leitura e você levar ele pro plano imaginário, e aí ele tá lá lendo ele viajar naquilo alo... E aí o Felipe faz isso muito bem. Eu adoro as coisas que o Felipe escreve, cê imagina aquilo ali... O que ele escreve você viaja e ali você trabalha o plano imaginário e de certa forma você consegue até manipular aquela leitura, porque se você descreve ali a beleza da flor, o cheiro da flor, né por exemplo, a flor ela transita em diversos mundos, pode ser o buquê da noiva, pode ser a coroa de flores, né.. na época eu perdi um grande amigo.. pode ser coisas tristes, coisas alegres.. a cor da flor né, se for vermelho é paixão se for branquinha... Então você permite diversas análises e aqui.. na parte da escrita você usa e abusa disso, por isso que você tem que tá muito em **Por isso você tem que tá muito disposto** (Entrevista com Lada, grifo nosso).

O relato de Lada traz alguns novos apontamentos pertinentes em relação à postura do pesquisador. O desafio de se colocar no campo, se dispor a sentir é refletido no processo de escrita e de interpretação do texto (WARREN, 2008; DE MOLLI, 2021). A preocupação do

que observar, do que anotar, sentir e como interpretar a experiência estética no cotidiano organizacional, torna a Pesquisa Estética ainda um desafio nos EOR.

[...] Você medir a Estética é muito difícil. **Qual é a régua que você usa para medir o sentimento?** Então esse foi um desafio muito grande, sobretudo quando eu tinha as entrevistas com os meus pares que a gente chamava de estranhamento, é quando eu levava um tópico para os meus colegas e eles traziam as suas percepções, então nesse estranhamento o que para um colega meu significava uma tragédia, o que que ele queria dizer com esse sentimento de tragédia? Quando um produtor, um colega dizia que aquele [objeto de pesquisa] foi uma das coisas mais belas que ele já produziu, qual é a medida que você dá para isso? **Eu acho que isso é um desafio para nós pesquisadores para que possamos fazer essa tradução de uma forma mais coesa.** Eu não quero chamar de coerente não porque coerente nós somos, mas como é que a gente pode alinhar isso, acho que esse é um desafio (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

A respeito das publicações e das formas como o texto é escrito e apresentado aos pares acadêmicos, a ação é vista também como uma barreira. Oxum faz uma reflexão sobre aceitação dos trabalhos fundamentados na Teoria Estética pela comunidade científica tradicional e dominante nas Ciências da Administração tenha uma postura avessa à subjetividade nas pesquisas científicas.

[...] Quando eu apresentei a minha tese para a banca um dos avaliadores falou assim: **“Olha, esse seu Caso para ensino está muito engraçadinho, mas nenhuma revista vai querer, porque você está contando uma história.”** Porque na verdade eu escrevi uma peça de teatro, no meu Caso para ensino foi uma peça de teatro, então o método que eu usei foi não contar uma história como uma prosa mas como uma dramaturgia, aí ele falou – **“Ah, tá muito bonitinho mas isso não se usa na ciência, na academia.”** E eu tenho certeza as palavras dele – **“Você teve esse esforço todo, você vai querer ver seu artigo publicado então vou dizer logo, muda esse artigo aí se não você não vai publicar.”** Foi o primeiro a ser publicado. (Entrevista com Oxum, grifo nosso). [...] Porque quando eu trago a minha pesquisa para conferências, quando eu apresento propostas para livros, para artigos sempre são aceitos, e não é por causa dos meus belos olhos não, é porque é um tema importante, fundamental, e ele é um tema legítimo, é um tema relevante. Só que as pessoas só percebem a relevância quando você fala, quando você mostra, e você deve estar observando isso, **nós ainda sofremos muito os preconceitos dos racionais e funcionalistas, porque a régua que mede um estudo estético não é a mesma régua que mede uma outra abordagem,** mas eu percebo que é cada vez mais interdisciplinar e transversal, a Estética é transversal porque ela está em todas as disciplinas, ela está no hospital, ela está no restaurante, ela está na segurança pública, ela está na educação, ela é transversal a todos os setores sociais. É o que eu penso, eu sou uma defensora da Estética, que não precisa necessariamente usar o nome Estética Organizacional ou cunhar,

mas o olhar estético para as questões de governança gerenciais eu penso que é a grande demanda para essa nova era (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

[...] **A gente deveria começar a considerar mais o interesse pessoal dos pesquisadores para desenvolver pesquisas, porque isso pode eventualmente até contribuir com embelezamento das ciências.** Ou seja, deixar uma coisa mais emocionalmente instigada para aqueles que realizam pesquisa. (Entrevista com Freia, grifo nosso).

O conflito entre a racionalidade e a subjetividade (LEAL, 2005) a questão do gosto em pesquisar (GHERARDI, 2009), são pontos colocados nas narrativas dos pesquisadores, pois notam ainda como essas questões ainda não foram sanadas no campo da Pesquisa Estética nos EOR. Além disso, como esta e outras pesquisas dos entrevistados no processo de construção em cenário ainda pandêmico de COVID-19. Tal mudança repentina provoca atenção da necessidade da arte na vida cotidiana, contudo, a estética não pode mais se limitar aos fenômenos em organizações artísticas.

O pós-COVID-19 nos demanda um olhar mais Estético e mais subjetivo para todas as questões, desde o home office, até as interações artísticas, as relações pessoais, tomada de decisão. Então eu penso que a Estética precisa ser mais explorada e acredito que ela não esteja de forma alguma limitada aos estudos das Artes, eu acho que você tem uma pesquisa como a que eu tive trazendo as Artes como o fenômeno, ela exemplifica de uma forma mais clara a importância da Estética e a participação da Estética na gestão, mas é fundamental que haja outros estudos e outras pesquisas nesse sentido (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

Outros desafios que são percebidos pelos pesquisadores estão, primeiramente, em ir além dos fenômenos estéticos em organizações no mundo das artes, o que se configura em um desafio reconhecido pelos investigadores. Além da necessidade de uma formação estética para pesquisadores nos EOR.

[...] Hoje a academia está muito mais aberta para a metodologia qualitativa e mais subjetiva e mais progressista, então eu acho que esse desafio da Estética Organizacional, claro que é você lidar com os preconceitos, mas as potencialidades são muito maiores, então eu penso que a hora é essa, **essa é a hora da virada, essa é a hora dos pesquisadores realmente assumirem a Estética como meio para estudar os seus fenômenos sejam eles quais forem.** E eu falo muito isso para os meus alunos na universidade, já se passou o tempo de achar que a Administração eram planilhas, essa época fordista já acabou, porque os maiores conflitos hoje de uma organização são pessoais, e as pessoas são estéticas, então se você quer resolver as suas organizações, se você quer compreender as suas organizações, você precisa ter uma compreensão humana (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

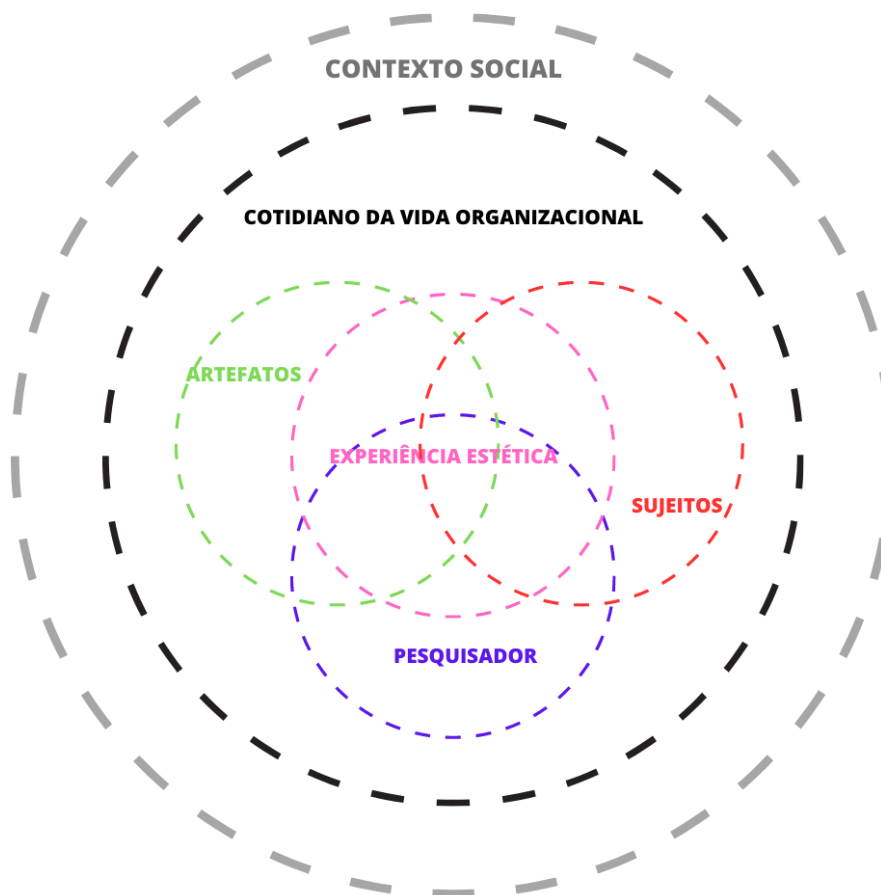
[...] apesar da gente ter um desenvolvimento significativo do ponto de vista teórico desse estudo sobre corporeidade essa questão do ponto de vista metodológico, mas do próprio, **na formação docente da formação em estética**, em prática ela precisa avançar ainda, justamente nessa formação metodológica e nessa formação pra pesquisa e nessa formação pra docência e acho que é uma coisa que ela é um pouco separada ainda, mas que a gente precisa avançar nesse sentido, de você é isso, de você passar por experiências e campo, mas também com essa literatura pra gente entender como é que funcionam esses processos, né, essa separação do cognitivo de do corpo e a gente tem essa separação. Dessa formação do quê pra propriamente a formação da pesquisa e da docência (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

A partir do que foi relatado, chego ao próximo tópico com as considerações finais sobre esta pesquisa.

6 À GUIZA DE CONCLUSÃO

Neste estudo, a partir dos resultados encontrados e discussões realizadas, sobre a abordagem Estética Organizacional no campo científico dos EOR, sob a perspectiva e contribuições teórico-metodológica de Antonio Strati, para além dos sujeitos e artefatos no cotidiano da vida organizacional, é preciso colocar em evidência na investigação científica, a experiência estética do pesquisador, como elemento essencial para fins de análise da dimensão Estética Organizacional, conforme é demonstrado na Figura 11. Ao trazer o pesquisador para a analítica da dimensão estética, demonstramos como a pesquisa estética coloca em evidência, e não à margem, ou muito menos negar a sua subjetividade frente à racionalidade no fenômeno investigado.

Figura 11 – Pesquisador na Experiência Estética



Fonte: Elaborado pelo autor.

A revisão integrativa realizada apresenta o processo de construção de uma abordagem recente e significativa dos EBP no período da virada para a prática nos EOR. Em ascensão no que tange à racionalidade de trabalhos publicados e o amadurecimento científico, haja vista o esforço dos pesquisadores teóricos em destacar as contribuições no que tange aos aspectos teóricos e metodológicos nos EOR.

Na revisão apresentada, destaquei, a partir dos três marcos temporais, as temáticas dos trabalhos selecionados, quais sejam: Relações de Trabalho; Espaço, Design e Arquitetura, Liderança Estética e Criatividade. Mas, chamo atenção para a pluralidade de trabalhos que buscam realizar a aproximação teórica e metodológica da Pesquisa Estética, como forma de ir além da categoria do Belo, assim como do mundo das artes. E para além do que está sendo mencionado, as abordagens sociomaterial e a corporeidade ficaram sem segundo plano, no tocante ao olhar analítico das Pesquisas Estéticas.

A partir da análise de narrativa, foi possível compreender as narrativas de pesquisadores e suas experiências no fazer Pesquisa Estética, ao promover uma reflexão dos profissionais sobre seu campo teórico, os dilemas de suas escolhas metodológicas, as potencialidades, os desafios e as barreiras na condução de suas respectivas pesquisas. Por meio das entrevistas narrativas realizadas com 13 pesquisadores estéticos nacionais, presentes em instituições de ensino públicas e privadas pelo Brasil e fora dele também, foi possível resgatar a memória de suas experiências estéticas no cotidiano da vida organizacional investigada.

Uma limitação presente e posta, ora como desafio, ora como potencialidade emergente da Pesquisa Estética, está relacionada ao aspecto metodológico no processo de condução do trabalho. Com isso, reitero a relevância em considerar os aspectos subjetivos dos pesquisadores, pois a partir de sua experiência estética, o investigador contribui com a construção do conhecimento sensível e do juízo estético no cotidiano da vida organizacional. Uma problemática que fica em evidência nos relatos sobre a se colocar no texto, a forma de escrita e de estrutura do trabalho diante de outros pesquisadores de campos tradicionais e dominantes nas ciências da administração, não se limitando aos EOR de tais dilemas.

Diante da revisão integrativa e das narrativas dos pesquisadores estéticos, para onde ir com a Estética Organizacional nos EOR? Finalmente, resalto alguns temas de estudo que podem apresentar oportunidades e motivações para estudos futuros:

- O papel e o impacto das subjetividades do pesquisador na realização de uma Pesquisa Estética;

- Experiências estéticas com as tecnologias emergentes em diferentes contextos organizacionais;
- Os artefatos em evidência para o reconhecimento da abordagem estética como uma aproximação também sociomaterial;
- Diversidade, Interseccionalidade, Transversalidade e Decolonialidade na pesquisa estética;
- Formação do Gosto, Consumo e Contracultura Estética.

O que reflexividade da pesquisa. A proposta desta agenda é discutir as possibilidades da pesquisa nos EOR como uma experiência estética. É necessário abertura neste campo de pesquisa para reflexividade e subjetividade a partir da experiência estética que é sensível. A experiência estética provoca e exigirá dos pesquisadores a superar a objetividade com a construção de uma relação com os sujeitos, com os espaços, com artefatos em cada contexto social.

6.1 Minha Experiência Estética

Trago aqui algumas reflexões e inquietações que foram além, me colocar no texto ainda ser um desafio enquanto pesquisador estético. E para isso, faço alusões às categorias estéticas.

A proposta deste trabalho veio pelo desejo de compreender um saber sensível, pois ainda que tenha tido uma formação na área de administração de caráter tradicional que exigia muita objetividade tive um gosto formado como sujeito para o mundo das artes e como pesquisador, ainda na iniciação científica era provocado por textos, filmes – artefatos culturais simbólicos os fenômenos da vida cotidiana e organizacional.

Mas uma “virada” ocorreu na minha trajetória ainda no mestrado acadêmico ao ser apresentado aos EBP. Compreender a construção e interação social a partir de práticas sociais, e levando em consideração, sobretudo, os artefatos, os não humanos foi algo que despertou uma formação de julgamento teórico que a racionalidade não era mais capaz de satisfazer.

A reflexividade na pesquisa passou a ser ponto crucial no fazer científico. E na tentativa de encontrar equilíbrio entre as dimensões objetividade e subjetividade, me propus a investigar a partir do prisma da Estética Organizacional, com base nas contribuições de Antonio Strati.

Na construção inicial do projeto desta tese tinha o anseio e prazer de conduzir uma pesquisa etnográfica no campo dos consumidores de cafés especiais. Há beleza na formação do gosto associada a cultura do café que pude vivenciar em Lavras-MG, algo que pode ser visto

como sagrado, pois sentia afeto e emoção no cotidiano das cafeterias da cidade. No entanto, o cenário social foi modificado pela pandemia de Covid-19. Um mix entre o caráter trágico, feio e agônico tomou conta do cotidiano da vida.

O conflito entre a objetividade e subjetividade se tornou mais intenso. Foi preciso desacelerar na produção da pesquisa, realinhar o percurso metodológico. E com isso, o corpo veio a padecer. As modificações necessárias na pesquisa passaram a não fazer mais tanto sentido. Vi a pesquisa que estava em construção como algo que não era mais tão gracioso ou sublime de ser feito.

Essa outra virada na pesquisa distanciou os sentidos foi revertida com o acolhimento e trocas de afeto com as narrativas realizadas com os pesquisadores que entrevistei. As dificuldades e dilemas na pesquisa foram compartilhadas. Foi esse olhar e escuta para os sentidos, para o afeto e subjetividades compartilhados nos momentos que o meu corpo enquanto pesquisador conseguiu materializar esta pesquisa. Foi uma experiência de pesquisa sensível em tempos de pandemia.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, M. M.; OLIVEIRA, L. G. L.; AZEVEDO, C. E. F.; GONZALEZ, R. K. Quality in Qualitative Organizational Research: Types of Triangulation as a Methodological Alternative. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 66-98, 2018.

ALEXANDERSSON, A.; KALONAITYTE, V. Playing to Dissent: The Aesthetics and Politics of Playful Office Design. **Organization Studies**, 39, n. 2-3, p. 297-317, 2018.

ANCELIN-BOURGUIGNON, A.; DORSETT, C.; AZAMBUJA, R. Lost in translation? Transferring creativity insights from arts into management. **Organization**, 27, n. 5, p. 717-741, 2020.

ANDRIOLO, A. A Paisagem da Cidade Histórica e Turística: Fenomenologia da Experiência Estética. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 3, p. 91-105, 2016.

ANJO, J. E. S.; BRITO, V. G. P.; BRITO, M. J. Estética organizacional nos estudos organizacionais brasileiros: Revisão sistemática na base Spell . **Teoria e Prática em Administração**, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2022.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. A encruzilhada da aprendizagem organizacional: uma visão multiparadigmática. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 2, art. 7, p. 310-332, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552010000200008>

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 266-281, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902009000300003>

ARAÚJO, B.; DAVEL, E.; RENTSCHLER, R. Aesthetic consumption in managing art-driven organizations: an autoethnographic inquiry. **Organizational Aesthetics**, v. 9, n. 3, p. 63-84, 2020.

AUSTIN, R.; HJORTH, D.; HESSEL, S. How Aesthetics and Economy Become Conversant in Creative Firms. **Organization Studies**, 39, n. 11, p. 1501-1519, 2018.

AZAMBUJA, S. R. S.; ANTONELLO, C. S. As práticas de trabalho e o processo de aprendizagem de trabalhadores da construção civil à luz da estética organizacional. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 2, n. 1, p. 1-30, 2014.

AZEVEDO, D. Aprendizagem organizacional e epistemologia da prática: um balanço de percurso e repercussões. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2, n. 1, p. 35-55, 2013. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v2i1.10045>

BALDESSARELLI, G.; STIGLIANI, I.; ELSBACH, K. D. The Aesthetic Dimension of Organizing: A Review and Research Agenda. **Academy of Management Annals**, v. 16, n. 1, p. 217-257, 2022.

BARRY, D.; RERUP, C. Going mobile: Aesthetic design considerations from calder and the constructivists. **Organization Science**, 17, n. 2, p. 262-276, 2006.

BATHURST, R. Enlivening Management Practice Through Aesthetic Engagement: Vico, Baumgarten and Kant. **Philosophy of Management**, 7, n. 2, p. 61-76, 2009.

BECKER, R. G.; CAMPOS, S. A. P.; ANTONELLO, C. S. A Construção de Saberes no Trabalho do Tatuador: um Olhar sob a Perspectiva da Abordagem Estética. **Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 99, p. 831-861, 2021.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, ed. 36, 2014.

BERTOLIN, R. V.; CAPPELLE, M. C. A.; BRITO, M. J. Corporeidade e estética na aprendizagem organizacional: insights emergentes. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 2, p. 15-37, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712014000200002>

BEYES, T.; STEYAERT, C. Strangely Familiar: The Uncanny and Unsiting Organizational Analysis. **Organization Studies**, 34, n. 10, p. 1445-1465, 2013.

BIANCHI, E. M. P. G.; IKEDA, A. A. Usos e aplicações da Grounded Theory em Administração. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 6, n. 2, p. 231-248, 2008.

BIEHL-MISSAL, B. Aesthetics and organization: Studying interaction and resistance. **Studi di Estetica**, 15, n. 0, p. 59-75, 2019.

BIEHL-MISSAL, B. Business is Show Business: Management Presentations as Performance. **Journal of Management Studies**, 48, n. 3, p. 619-645, 2011.

BIEHL-MISSAL, B. The atmosphere of the image: an aesthetic concept for visual analysis. **Consumption Markets & Culture**, 16, n. 4, p. 356-367, 2013.

BIEHL-MISSAL, B. Using artistic form for aesthetic organizational inquiry: Rimini Protokoll constructs Daimler's Annual General Meeting as a theatre play. **Culture and Organization**, 18, n. 3, p. 211-229, 2012.

BÍSCOLI, F. R. V.; STOCKER, F.; BULGACOV, Y. L. M.; CARVALHO, A. P. Perspectiva Construcionista Social e Dimensão Cultural: Contribuição para os Estudos Organizacionais. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 11, n. 2, p. 190-210, 2020.

BISPO, M. Estudos baseados em prática: conceitos, história e perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2, n. 1, p. 13-33, 2013a.

BISPO, M. S. Aprendizagem organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 6, p. 132-161, 2013b.
<https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000600007>

BISPO, M. S. Methodological Reflections on Practice-Based Research in Organization Studies. **Brazilian Administration Review**, v. 12, n. 3, p. 309-323, 2015. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/1807-7692bar2015150026>

BISPO, M. S. O Turismo como Prática Cultural Organizativa, Sociomaterial e Estética.

Revista Interdisciplinar de Gestão Social, v. 5, n. 2, p. 125-137, 2016b. DOI:

<http://dx.doi.org/10.9771/rigs.v5i2.12523>

BISPO, M. S. Tourism as practice. **Annals of Tourism Research**, v. 61, p. 170-179, 2016a.

BISPO, M. S.; GHERARDI, S. Flesh-And-Blood Knowing: Interpreting Qualitative Data through Embodied Practice-Based Research. **RAUSP Management Journal**, v. 54, n. 4, p. 371-383, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1108/RAUSP-04-2019-0066>

BISPO, M. S.O processo de organizar em agências de viagens: influências estéticas, etnometodológicas e práticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 161-182, 2014.

BORGES, A. F.; BRITO, M. J.; BRITO, V. G. P.; ENOQUE, A. G. Contribuições do diálogo entre o realismo crítico e o construcionismo social para os estudos organizacionais .

Cadernos EBAPE.BR, v. 14, n. 2, p. 391-405, 2016.

BJERKE, R.; IND, N.; DE PAOLI, D. The impact of aesthetics on employee satisfaction and motivation. **EuroMed Journal of Business**, 2, n. 1, p. 57-73, 2007.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

BOXENBAUM, E.; JONES, C.; MEYER, R. E.; SVEJENOVA, S. Towards an articulation of the material and visual turn in organization studies. **Organization Studies**, v. 39, n. 5-6 p.,597-616, 2018.

BURRELL, G. MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Heinemann Educational Books, 1979.

CAIRNS, G. Aesthetics, morality and power: Design as espoused freedom and implicit control. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 799-820, 2002.

CAVALCANTI, M. F. R. Guidelines for Qualitative Research in Organization Studies: Controversy and Possibilities. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 457-457, 2017.

CHERON, C.; SALVAGNI, J.; COLOMBY, R. K. The qualitative approach interview in administration: a guide for researchers. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. 4, p. 0-0, 2022. <https://doi.org/10.1590/10.1590/1982-7849rac2022210011.en>

COLET, D. S.; MOZZATO, A. R. A Corporeidade em Evidência: Contribuições do Conhecimento Estético para a Aprendizagem Organizacional . **Revista Gestão Organizacional**, v. 12, n. 1, p. 60-72, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v14i1.4080>

CONNELLAN, K. The Psychic Life of White: Power and Space. **Organization Studies**, 34, n. 10, p. 1529-1549, 2013.

CORLEY, K. G.; GIOIA, D. A. Identity ambiguity and change in the wake of a corporate spin-off. **Administrative Science Quarterly**, v.49, n. 1, p. 173-208, 2004. DOI: <https://doi.org/10.2307/4131471>

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading?. **Management learning**, v. 41, n. 3, p. 265-283, 2010.

COSTA, P. R.; ITELVINO, L. S. Grounded Theory com Utilização do Software Atlas.TI: Um Exemplo Empírico de Estudo sobre Estratégia de Ascensão do Empreendedorismo Inovador em Negócios Sociais . **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 17, n. 3, p. 17-40, 2018.
COX, J. W.; MINAHAN, S. Organization, decoration. **Organization**, 12, n. 4, p. 529-548, 2005.

CREED, W. E. D.; TAYLOR, S. S.; HUDSON, B. A. Institutional Aesthetics: Embodied Ways of Encountering, Evaluating, and Enacting Institutions. **Organization Studies**, 41, n. 3, p. 415-435, 2020.

CRICHTON, R.; SHRIVASTAVA, P. Sustaining human resource via aesthetic practices.

Journal of Cleaner Production, 153, n. 1, p. 718-726, 2017.

CSILLAG, P. **A experiência estética em organizações criativas: uma investigação fenomenológica do impacto da percepção visual sobre a criatividade**. 2003. Tese de Doutorado (Doutorado em Administração) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.

CUNHA, M. P. E; REGO, A. Métodos qualitativos nos estudos organizacionais e de gestão. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 18, n. 3, p. 188-206, 2019.

CZARNIAWSKA, B. The uses of narrative in organization research. **Gothenburg Research Institute Report**, v. 5, p. 1-39, 2000.

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in social science research**. Sage, 2004.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: an international journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008a.

CZARNIAWSKA, B. **Shadowing and other techniques for doing fieldwork in modern societies**. Copenhagen: Malmö Liber & Copenhagen Business School Press, 2007.

CZARNIAWSKA, B. Narrating organization studies. **Narrative Inquiry**, n. 21, v.2, p.337–344, 2011.

DE MOLLI, F. Participatory interpretation: a way to overcome analytical challenges in organizational aesthetic research. **Culture and Organization**, 27, n. 3, p. 226-239, 2021.

DE MOLLI, F.; MENGIS, J.; VAN MARREWIJK, A. The Aestheticization of Hybrid Space: The Atmosphere of the Locarno Film Festival. **Organization Studies**, 41, n. 11, p. 1491-1512, 2020.

DOHERTY, E. M. Management and art views of Depression era workers: The need for an organizational-arts perspective. **Management and Organizational History**, 4, n. 1, p. 5-36,

2009.

DURANTE, D.; VELOSO, F.; MACHADO, D.; CABRAL, A.; SANTOS, S. Aprendizagem Organizacional na Abordagem dos Estudos Baseados em Prática: Revisão da Produção Científica. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 20, n. 2, p. 1-28, 2019. DOI: 10.1590/1678-6971/eRAMG190131

ELDER-VASS, D. Towards a realist social constructionism. **Sociologia: Problemas e Práticas, Lisboa**, v. 20, n. 70, p. 9-24, 2012.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.

FERREIRA, T. A.; FANTINEL, L. D.; DE AMARO, R. A. Body and senses in organizational research: Empathic understanding from an embodied experience. **Revista de Administracao Mackenzie**, 22, n. 5, p. -, 2021.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. S. Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 1, art. 9, p. 155-175, 2011.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512011000100010>

FLORES-PEREIRA, M. T.; DAVEL, E.; ALMEIDA, D. D. Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica . **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 2, p. 194-208, 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/1679-395149064>

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 54, art. 2, p. 417-438, 2010.

FRAIBERG, A. M. "With Edges of Rage and Despair": Anger and the Poetry of Office Life. **Journal of Management Inquiry**, 19, n. 3, p. 196-207, 2010.

GAGLIARDI, P. Explorando o lado estético da vida organizacional. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. **Handbook de Estudos Organizacionais**. v. 2., 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas: 2009. p. 127-146.

GERGEN, K. J. The Social Constructionist Movement in Modern Psychology. **American Psychologist**, v. 40, n. 3, p. 266-275, 1985.

GHERARDI, S. From organizational learning to practice-based knowing. **Human Relations**, v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001.

GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study: problems and methods**. Cheltenham: Edward Elgar, 2019.

GHERARDI, S. Knowing and learning in practice-based studies: an introduction. **Learning Organization**, v. 16 n. 5, p. 352 - 359, 2009.

GHERARDI, S. O poder crítico da lente das práticas. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GHERARDI, S. **Organizational knowledge: the texture of workplace learning**. Oxford: Blackwell, 2006.

GHERARDI, S. Practice? It's a Matter of Taste! **Management Learning**, 40, n. 5, p. 535-550, 2009.

GHERARDI, S. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 211-223, 2000.

GHERARDI, S. STRATI, A. Luigi Pareyson's Estetica: Teoria della formativita and Its Implications for Organization Studies. **Academy of Management Review**, 42, n. 4, p. 745-755, 2017.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar. In: GODOI, C. K.; BANDEIRADE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 1-16.

GONZALEZ-SUHR, C.; SALGADO, S.; ELGUETA, H.; ALCOVER, C.-M. Does Visual Aesthetics of the Workplace Matter? Analyzing the Assessment of Visual Aesthetics as Antecedent of Affective Commitment and Job Crafting. **Spanish Journal of Psychology**, 22, p. E38, 2019.

GRIFFITHS, J.; MACK, K. Senses of "shiplscapes": an artful navigation of ship architecture and aesthetics. **Journal of Organizational Change Management**, 24, n. 6, p. 733-750, 2011.

HANCOCK, P. Uncovering the semiotic in organizational aesthetics. **Organization**, 12, n. 1, p. 29-50, 2005.

HANCOCK, P.; TYLER, M. Un/doing gender and the aesthetics of organizational performance. **Gender Work and Organization**, 14, n. 6, p. 512-533, 2007.

HANSEN, H.; ROPO, A.; SAUER, E. Aesthetic leadership. **Leadership Quarterly**, 18, n. 6, p. 544-560, 2007.

HANSEN, H.; TRANK, C. Q. This Is Going to Hurt: Compassionate Research Methods. **Organizational Research Methods**, 19, n. 3, p. 352-375, 2016.

HOSKING, D. M. Telling Tales of Relations: Appreciating Relational Constructionism. **Organizational Studies**. v. 32, n. 1, p. 47-65, 2011.

HUJALA, A.; RISSANEN, S. Organization aesthetics in nursing homes. **Journal of Nursing Management**, 19, n. 4, p. 439-448, 2011.

IPIRANGA, A. S. R. Práticas Culturais de Espaços Urbanos e o Organizar Estético: Uma Proposta de Estudo. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 5, n. 2, p. 105-123, 2016.

IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S. O Organizar da Estética Espacial: Uma História Táctil da Praça dos Leões. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 12, n. 1, p. 130-153, 2017.

IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M. A Experiência Estética nas Práticas Culinárias de uma Organização Gastronômica. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 191-210, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9230771>

IPIRANGA, A. S. R.; RIBEIRO, J. S. A Análise da Imagem Visual na Pesquisa: pelos caminhos da fotografia. In: BRUNSTEIN, J; SCHMIDT, A.; BRITO, E. P. Z.; ARRUDA, E. J. M. (Org.). **Análise de Dados Qualitativos em Pesquisa: múltiplos usos em Administração**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2020. p. 541-584.

IVANAJ, V.; SHRIVASTAVA, P.; IVANAJ, S. The value of beauty for organizations. **Journal of Cleaner Production**, 189, p. 864-877, 2018.

JOHNSON, E. D; FINFGELD-CONNETT, D. Data Collection and Sampling. In: FINFGELD-CONNETT, D. **A Guide to Qualitative Meta-Synthesis**. Nova York : Routledge , 2018, p. 18-29.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KACHTAN; WASSERMAN, V. (Un)dressing masculinity: The body as a site of ethno-gendered resistance. **Organization**, 22, n. 3, p. 390-417, 2015.

KIRILLOVA, K.; FU, X.; KUCUKUSTA, D. Workplace design and well-being: aesthetic perceptions of hotel employees. **Service Industries Journal**, 40, n. 1-2, p. 27-49, 2020.

KOIVUNEN, N.; WENNES, G. Show us the sound! Aesthetic leadership of symphony orchestra conductors. **Leadership**, 7, n. 1, p. 51-71, 2011.

LADKIN, D. Leading beautifully: How mastery, congruence and purpose create the aesthetic of embodied leadership practice. **Leadership Quarterly**, 19, n. 1, p. 31-41, 2008.

LADKIN, D.; TAYLOR, S. S. Enacting the 'true self': Towards a theory of embodied authentic leadership. **Leadership Quarterly**, 21, n. 1, p. 64-74, 2010.

LATOURE, B. **Reagregando o Social**: uma introdução a Teoria Ator-Rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LEAL, R. S. A Estética como Elemento para Compreensão da Criatividade Organizacional. **Organizações & Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 67-82, 2007.

LEAL, R. S. Arte, estética e administração: ampliando a compreensão da dinâmica organizacional In: **Anais...** III Encontro Nacional de Estudos Organizacionais, EnEO, São Paulo, 2004.

LEAL, R. S. Contribuições da estética para a análise organizacional: a abordagem de uma dimensão humana esquecida. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 1., 2000, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2000.

LEAL, R. S. O estético nas organizações: Uma contribuição da filosofia para a análise organizacional. 2003. **Tese de Doutorado** (Doutorado em Administração) – Núcleo de Pós Graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

LEÃO, A. L.; FERREIRA, B. R.; CAMARGO, T. I.; MOURA, B. M. Copa do Mundo 2014: Um Brasil Carioca para Gringo Ver. **Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo**, v. 13, n. 2, p. 21-37, 2019.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.169-192.

LINSTEAD, S. A. Feeling the Reel of the Real: Framing the Play of Critically Affective Organizational Research between Art and the Everyday. **Organization Studies**, 39, n. 2-3, p. 319-344, 2018.

LOPES, L. L. S.; IPIRANGA, A. S. R.; SILVA JÚNIOR, J. J. Compreensão Empática e as Possíveis Contribuições para a Pesquisa nos Estudos Organizacionais: Reflexões a Partir da

Experiência do Lado Estético das Organizações. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 4, p. 831-845, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395155010>

LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M.; IPIRANGA, A. S. R. Desvelando as categorias estéticas na organização de um pequeno restaurante. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, p. 207-222, 2014. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v3i1.9005>

LOUISGRAND, N.; ISLAM, G. Tasting the Difference: A Relational-Epistemic Approach to Aesthetic Collaboration in Haute Cuisine. **Organization Studies**, 42, n. 2, p. 269-300, 2021

LUKOSEVICIUS, A. P. Executar É Preciso, Planejar Não É Preciso: Proposta de Framework para Projetos de Pesquisa. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 32-65, 2018.

MACK, K. Breaching or disturbing the peace? Organizational aesthetic encounters for informed and enlivened management learning experiences. **Management Learning**, 46, n. 2, p. 156-174, 2015.

MACK, K. S. Studio Practices in Management Education: Creative Adventures in Aesthetic Formativeness. **Journal of Management Education**, 45, n. 6, p. 889-915, 2021.

MACK, K. Taking an aesthetic risk in management education: Reflections on an artistic-aesthetic approach. **Management Learning**, 44, n. 3, p. 286-304, 2013.

MARINS, S. R.; DAVEL, E. P. B. Etnografia estética na pesquisa em estudos organizacionais: princípios, processos e desafios. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 7, n. 2, p. 1-39, 2020.

MARTIN, P. Y. Sensations, bodies, and the 'spirit of a place': Aesthetics in residential organizations for the elderly. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 861-885, 2002.

MEDEIROS, AP; SANTOS, JLGD; ERDMANN, RH A Teoria Fundamentada nos Dados na Pesquisa em Administração: Evidências e Reflexões. **Revista de Ciências da Administração**, v. 21, n. 54, pág. 95-110, 2019.

MELLO, C. M. Abordagens e procedimentos qualitativos: implicações para pesquisas em organizações. **Revista Alcance**, v. 21, n. 2, p. 324-349, 2014.

MENDES-DA-SILVA, W. Contribuições e Limitações de Revisões Narrativas e Revisões Sistemáticas na Área de Negócios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, n. 2, p. 1-11, 2019.

MIYAZAKI, A. H. V.; HANASHIRO, D. M. M.; IPIRANGA, A. S. R. Perspectivas de Cultura Organizacional e Artefatos Físicos: Um Estudo em Escola de Equitação por Meio da Foto-Elicitação. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 24, n. 3, p. 46-76, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.212.84302>

MOLAHOSSEINI, I. S.; POURKIANI, M.; ABBASI, F. B.; SALAJEGHE, S. *et al.* The effect of organizational aesthetics on self-esteem, mental health and morale in employees. **Gurukul Business Review-Gbr**, 15, p. 53-60, 2019.

MOLAHOSSEINI, I. S.; POURKIANI, M.; ABBASI, F. B.; SALAJEGHE, S.; TAVAKOLI, H. M. The Influence of Organizational Aesthetics on Employee Retention and Turnover Intentions from Organization. **Management Theory and Studies for Rural Business and Infrastructure Development**, 42, n. 2, p. 171-177, 2020a.

MOLAHOSSEINI, I. S.; POURKIANI, M.; ABBASI, F. B.; SALAJEGHE, S. TAVAKOLI, H. M. The Influence of Organizational Aesthetics on Work life Quality in Employees. **Nmims Management Review**, 38, n. 3, p. 118-130, 2020b.

MOURA, E. O. D.; BISPO, M. D. S. Sociomateriality: Theories, methodology, and practice. **Canadian Journal of Administrative Sciences**, v. 36, n.3, p. 1-16, 2019.

MORAES, L. L. de; KAFURE, I. Bibliometria e ciência de dados: um exemplo de busca e análise de dados da Web of Science (WoS). **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n. 00, p. e020016, 2020.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D.; TEIXEIRA, A. N. Análises Qualitativas nos Estudos Organizacionais: As Vantagens no Uso do Software NVIVO® . **Revista Alcance**, v. 23, n. 4, p. 578-587, 2016. DOI: [alcance.v23n4.p578-587](https://doi.org/10.1108/alcance.v23n4.p578-587).

MURPHY, S. A.; COURTEL, N. Using design to enhance organizational aesthetics.

International Journal of Design in Society, 7, n. 1, p. 1-9, 2013.

NASCIMENTO, L. S.; STEINBRUCH, F. K. The interviews were transcribed, but how? Reflections on management research. **RAUSP Management Journal**, v. 54, n. 4, p. 413-429, 2019. <https://doi.org/10.1108/RAUSP-05-2019-0092>

NICOLINI, D. **Practice Theory, Work, & Organization: an introduction**. Oxford: Oxford University Press. 2013.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. **Knowing in organizations: a practice-based approach**. Nova York: M. E. Sharpe. 2003.

NUNES, A. C. N.; COELHO, H. L. Análise Narrativa no Cenário de Pesquisa da Ciência Administrativa Brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 8, p. 630-660, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2021.v8n3.355>

O'DOHERTY, D. P. The Blur sensation: Shadows of the future. **Organization**, 15, n. 4, p. 535-561, 2008.

OLIVEIRA, J. S.; MENDES, E.; LOPES, B. F. Práticas de Organização na (Re)Organização da Cidade: Etnografando a Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás. **Pensamento & Realidade**, v. 34, n. 1, p. 45-67, 2019.

OLIVEIRA, M.; BITENCOURT, C. C.; SANTOS, A. C. M. Z. D.; TEIXEIRA, E. K. Thematic Content Analysis: Is There a Difference Between the Support Provided by the MAXQDA® and NVIVO® software packages?. **Revista de Administração da UFSM**, v. 9, n. 1, p. 72-82, 2016.

ORLIKOWSKI, W. J. Knowing in practice: enacting a collective capability in distributed organizing. **Organization Science**, v. 13, n. 3, p. 249-273, 2002.

ORLIKOWSKI, W. J. Sociomaterial practices: Exploring technology at work. **Organization Studies**, v. 28, n. 9, p. 1435-1448, 2007.

OTTENSMEYER, E. J. Too strong to stop, too sweet to lose: Aesthetics as a way to know organizations. **Organization**, 3, n. 2, p. 189-194, 1996.

PAQUETTE, J.; LACASSAGNE, A. Subterranean subalterns: Territorialisation, deterritorialisation, and the aesthetics of mining. **Culture and Organization**, 19, n. 3, p. 242-260, 2013.

PAULA, A. P. P. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 1, p. 24-46, 2016.

PELZER, P. Disgust and organization. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 841-860, 2002.

PEREIRA, M. C.; MUNIZ, M. M. J.; LIMA, J. B. Foucault e estudos organizacionais: ampliando as possibilidades de análise. **Revista de Ciências da Administração**, v. 9, n. 17, p. 93-110, 2007.

PIMENTEL, R.; NOGUEIRA, E. E. S. Estudos Baseados na Prática: Possibilidades Metodológicas para Pesquisas em Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 86, p. 350-370, 2018.

POLDNER, K.; SHRIVASTAVA, P.; BRANZEI, O. Embodied Multi-Discursivity: An Aesthetic Process Approach to Sustainable Entrepreneurship. **Business & Society**, 56, n. 2, p. 214-252, 2017.

POPRAWSKI, M. Organisational aesthetics and pedagogy: Deframing the creative and cultural labour formation. **Arts and Humanities in Higher Education**, 18, n. 2-3, p. 231-249, 2019.

PRADO, J. W. et al. Multivariate analysis of credit risk and bankruptcy research data: a bibliometric study involving different knowledge fields (1968-2014). **Scientometrics**, v. 106, n. 3, p. 1007-1029, 2016.

RAMIRES, A.; MACHADO, L. *Grounded Theory*: Uma análise da produção científica brasileira em administração no período de 2000 a 2014. **Revista Alcance**, v. 24, n. 2, p. 258-271. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14210/alcance.v24n2.p258-271>

RAMIREZ, R. Wrapping form and organizational beauty. **Organization**, 3, n. 2, p. 233-242, 1996.

RANTAKARI, A. VAARA, E. Narratives and processuality. In: LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. (Ed.). **The SAGE handbook of process organization studies**. London: SAGE Publications Ltd, 2017, p. 271-285.

RATIU, D. E. The Aesthetic Account of Everyday Life in Organizations: A Report on Recent Developments in Organizational Research. **Journal of Arts Management Law and Society**, 47, n. 3, p. 178-191, 2017.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

REINHOLD, E. Art performance as research, friction and deed. **Management (France)**, 20, n. 1, p. 70-88, 2017/06/15/ 2017.

RIBEIRO, R. C. L.; IPIRANGA, A. S. R.; OLIVEIRA, F. F. T.; DIAS, A. D. Uma 'Estética de Lances' de uma 'Heroína Ordinária': O Reorganizar de Práticas de Resistências de Uma Artesã. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, n. 3, p. 590-606, 2019.

RICHARD, C.; JAMES, R. Pragmatism, music and emotion: Bridging the Organisational Aesthetics subject-object divide. **International Journal of Work Organisation and Emotion**, 2, n. 2, p. 129-144, 2007.

RIOS, S. O.; COSTA, J. M. A.; MENDES, V. L. P. S. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Discursos fotográficos**, v. 12, n. 20, p. 98-120, 2016 DOI: DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2016v12n20p98>

ROPO, A.; SAUER, E. Dances of leadership: Bridging theory and practice through an aesthetic approach. **Journal of Management & Organization**, 14, n. 5, p. 560-572, 2008.

ROSA, A. R.; TURETA, C.; BRITO, M. J. Práticas discursivas e produção de sentidos nos estudos organizacionais: a contribuição do construcionismo social. **Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 4, n. 1, p. 41-52, 2006.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em Administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, n. 2, art. 6, p. 250-269, 2009.

SANTOS, E. L. S.; OLIVEIRA, J. S. Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n. 3, p. 1-12, 2020.

SARAIVA, L. A. S. Métodos narrativos de pesquisa: uma aproximação. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 5, n. 2, p. 118-134, 2007.

SCHATZKI, T. R. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). *The practice turn in contemporary London*: Routledge, 2001a.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. *Organization Studies*, v.27, n.12, p.1863-1873, 2006.

SCHATZKI, T. R. Practice mind-ed orders. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E (Ed.). *The practice turn in contemporary London*: Routledge, 2001b.

SCHATZKI, T. R. *The site of the social: a philosophical account of the constitution of social life and change*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2002.

SERVA, M. Epistemologia da Administração no Brasil: O Estado da Arte. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 4, p. 740-750, 2017.

SERVA, M. Epistemologia e Ciência da Administração. **Cad. EBAPE.BR**, v. 11, n. 4, p. 500-502, 2013.

SICILIANO, M. Disappearing into the Object: Aesthetic Subjectivities and Organizational Control in Routine Cultural Work. **Organization Studies**, 37, n. 5, p. 687-708, 2016.

SILVA, L. A.; BARBOSA, M. L. A.; FARIAS, M. L.; GUERRA, J. R. F. Turismo e Cultura no Contemporâneo: O Conceito de Estetização do Mundo e o Museu do Amanhã [Brasil]. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3, p. 721-741, 2020.

SILVA, L. F.; RUSSO, R. F. S. M.; OLIVEIRA, P. S. G. Quantitativa ou Qualitativa? Um Alinhamento entre Pesquisa, Pesquisador e Achados em Pesquisas Sociais. **Revista Pretexto**, v. 19, n. 4, p. 30-45, 2018.

SILVA, S. M. C.; NOVA, S. P. C. C. Pesquisa Qualitativa ou Qualidade em Pesquisa? Um Exemplo de Contribuição Sócio-Humanista em Pesquisa Contábil. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 13, n. 1, p. 120-141, 2018.

SOARES, L. C.; BISPO, M. S. A Aprendizagem do Cozinhar à Luz das Práticas Sociais e da Estética Organizacional. **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 2, p. 247-271, 2017.
<http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2017.14.2.6>

SOARES, L. C.; BISPO, M. S. Contribuições da estética organizacional para a pesquisa em organizações gastronômicas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 3, p. 476-493, 2014. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v8i3.808>

SORENSEN, B. M. Changing the Memory of Suffering: An Organizational Aesthetics of the Dark Side. **Organization Studies**, 35, n. 2, p. 279-302, 2014.

SORENSEN, B. M. St Paul's Conversion: The Aesthetic Organization of Labour. **Organization Studies**, 31, n. 3, p. 307-326, 2010.

SORENSEN, B. M.; VILLADSEN, K. The naked manager: The ethical practice of an anti-establishment boss. **Organization**, 22, n. 2, p. 251-268, 2015.

SORSA, V.; MERKKINIEMI, H.; ENDRISSAT, N.; ISLAM, G. Little less conversation, little more action: Musical intervention as aesthetic material communication. **Journal of Business Research**, 85, p. 365-374, 2018.

SOUZA NETO, R. A.; DIAS, G. F.; SILVA, R. R.; RAMOS, A. S. M. Efeitos dos Softwares de Análise de Dados Qualitativos na Qualidade de Pesquisas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, n. 3, p. 373-394, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2019170357>.

SOUZA, E. M.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. J. N. A Organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 4, p. 727-742, 2015.

STEYAERT, C.; HJORTH, D. 'Thou art a scholar, speak to it...' - on spaces of speech: A script. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 767-797, 2002.

STIGLIANI, I.; RAVASI, D. The Shaping of Form: Exploring Designers' Use of Aesthetic Knowledge. **Organization Studies**, 39, n. 5-6, p. 747-784, 2018.

STRANDVAD, S. M. Symmetrical ethnography: a study of filmmakers portraying academia. **Visual Studies**, 28, n. 1, p. 38-51, 2013.

STRATI, A. Aesthetics and organizational skill. In: TURNER, A. (Ed.) **Organizational symbolism**. Berlin: De Gruyter, 1990. p. 207-222.

STRATI, A. Aesthetics understanding of organizational life. **Academy of Management Review**, v. 17, n. 3, p. 568-581, 1992.

STRATI, A. Aesthetics understanding of work and organizational life: Approaches and research developments. **Sociology Compass**, v. 10, n. 4, p. 880-893, 2010.

STRATI, A. Designing organizational life as 'aesth-hypertext': Insights to transform business practice. **Organization**, 12, n. 6, p. 919-923, 2005.

STRATI, A. Heather's poetic touch alive in our memory: THREE PHOTOPOEMS FOR A PHOTOESSAY. **Culture and Organization**, 23, n. 2, p. 149-156, 2017.

STRATI, A. **Organização e Estética**. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007a. 320 p.

STRATI, A. Sensible knowledge and practice-based learning. **Management Learning**, v. 38, n. 1, p. 61-77, 2007b.

STRATI, A. **Organizational Theory and Aesthetics Philosophies**. New York: Routledge, 2019.

STRATI, A. **Organizational Theory and Aesthetics Philosophies**. New York: Routledge, 2019.

STRATI, A. Organizations viewed through the lens of aesthetics. **Organization**, 3, n. 2, p. 209-218, 1996.

STRATI, A. Putting people in the Picture: Art and aesthetics in photography and in understanding organizational life. **Organization Studies**, v. 21, n. 1, p. 53-69, jan. 2000a.

STRATI, A. The aesthetic approach in organization studies. In: LINSTED, S.; HÖPFL, H. (Ed.). **The aesthetics of organization**. London: SAGE Publications, 2000b. 275 p.

STRATI, A. The riddle and the chair: Aesthetics, art and design in organizational life. **Studi di Estetica**, 15, n. 0, p. 77-100, 2019.

STRATI, A.; DE MONToux, P. G. Introduction: Organizing aesthetics. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 755-766, 2002.

STRATI, A. “Você faz coisas belas? ”: estética e arte em métodos qualitativos de estudos organizacionais. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014d, p. 171-196.

STRATI, A. Conhecimento sensível e aprendizagem baseada na prática. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014b, p. 61-82.

STRATI, A. Estética no estudo da vida organizacional. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014c, p.103-116.

STRATI, A. Saber na prática: compreensão estética e conhecimento tácito. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014a, p. 19-42.

SUASSUNA, A. **Iniciação a estética**. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

TAYLOR, S. S. Aesthetic knowledge in academia - Capitalist pigs at the Academy of Management. **Journal of Management Inquiry**, 9, n. 3, p. 304-328, 2000.

TAYLOR, S. S. Little Beauties: Aesthetics, Craft Skill, and the Experience of Beautiful Action. **Journal of Management Inquiry**, 22, n. 1, p. 69-81, 2013.

TAYLOR, S. S. Overcoming aesthetic muteness: Researching organizational members' aesthetic experience. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 821-840, 2002.

TAYLOR, S. S.; FISHER, D.; DUFRESNE, R. L. The aesthetics of management storytelling - A key to organizational learning. **Management Learning**, 33, n. 3, p. 313-330, 2002.

TAYLOR, S. S.; HANSEN, H. Finding form: Looking at the field of organizational aesthetics. **Journal of Management Studies**, v. 42, n. 6, p. 1211–1231, 2005.

TAYLOR, S. S.; HANSEN, H. Finding form: Looking at the field of organizational aesthetics. **Journal of Management Studies**, 42, n. 6, p. 1211-1231, 2005.

THOMPSON, N. A. Imagination and Creativity in Organizations. **Organization Studies**, 39, n. 2-3, p. 229-250, 2018.

TORRACO, R. J. Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. **Human Resource Development Review**, v. 4, n. 3, p. 356–367, 2005.

TORRACO, R. J. Writing Integrative Literature Reviews: Using the Past and Present to Explore the Future. **Human Resource Development Review**, Vol. 15, n. 4, p. 404-428, 2016.

TURETA, C.; AMÉRICO, B. L. Gambiarra as an emergent approach in the entanglement of the organizational aesthetic and technical controversies: The samba school parade case. **BAR - Brazilian Administration Review**, 17, n. 3, p. 1-26, 2020.

TURNBULL, S. Social Construction Research and Theory Building. **Advances in Developing Human Resources**, v. 4, n. 3, p. 317-334, 2002.

VASCONCELOS, K.; CAVALCANTI, C. X.; SILVA JÚNIOR, A. Práticas de Trabalho e as Dimensões Tácitas e Estéticas da Aprendizagem de Operadores de Rochas Ornamentais. **Revista de Ciências da Administração**, v. 19, n. 49, p. 29-43, 2017.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

WAISTELL, J. Can Environmental Aesthetics Promote Corporate Sustainability? **Organization & Environment**, 29, n. 2, p. 175-193, 2016.

WARHURST, C.; NICKSON, D. 'Who's Got the Look?' Emotional, Aesthetic and Sexualized Labour in Interactive Services. **Gender Work and Organization**, 16, n. 3, p. 385-404, 2009.

WARREN, S. “Show Me How it Feels to Work Here”: Using Photography to Research Organizational Aesthetics. **Ephemera**, v. 2, n. 3, p. 224- 245, 2002.

WARREN, S. Empirical Challenges in Organizational aesthetics research: Towards a sensual methodology. **Organization Studies**, v. 29, n. 4, p. 559–580, 2008.

WARREN, S. Having an Eye for it: Aesthetics, Ethnography and the Senses. *Journal of Organizational Ethnography*, v. 1, n. 1, p. 107–118, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1108/20466741211220705>.

WARREN, S. Visual methods in organizational research. In: BRYMAN, A; BUCHANAN, D. (orgs.). **Handbook of Organizational Research Methods**, London: Sage Publications, 2009, p. 566-582.

WASSERMAN, V. Open spaces, closed boundaries: Transparent workspaces as clerical female ghettos. **International Journal of Work Organisation and Emotion**, 5, n. 1, p. 6-25, 2012.

WASSERMAN, V. To be (alike) or not to be (at all): Aesthetic isomorphism in organisational spaces. **International Journal of Work Organisation and Emotion**, 4, n. 1, p. 22-41, 2011.

WASSERMAN, V.; FRENKEL, M. Organizational Aesthetics: Caught Between Identity Regulation and Culture Jamming. **Organization Science**, 22, n. 2, p. 503-521, 2011.

WASSERMAN, V.; FRENKEL, M. Spatial Work in Between Glass Ceilings and Glass Walls: Gender-Class Intersectionality and Organizational Aesthetics. **Organization Studies**, 36, n. 11, p. 1485-1505, 2015.

WEGGEMAN, M.; LAMMERS, I.; AKKERMANS, H. Aesthetics from a design perspective. **Journal of Organizational Change Management**, 20, n. 3, p. 346-358, 2007.

WEISKOPF, R. Ethical-aesthetic critique of moral organization: Inspirations from Michael Haneke's cinematic work. **Culture and Organization**, 20, n. 2, p. 152-174, 2014.

WHITE, D. A. It's working beautifully! Philosophical reflections on aesthetics and organization theory. **Organization**, 3, n. 2, p. 195-208, 1996.

WHITE, L. Aesthetics in OR/systems practice: Towards a concept of critical imagination as a challenge to systems thinking. **Systems Research and Behavioral Science**, 23, n. 6, p. 779-

791, 2006.

WILLERDING, I. A. V.; KRAUSE, M. G.; LAPOLLI, M. Gestão de Pessoas e Gestão do Conhecimento à Luz da Estética Organizacional em uma Organização de Base Tecnológica. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 1, p. 141-154, 2016.

Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/23090>

WITZ, A.; WARHURST, C.; NICKSON, D. The labour of aesthetics and the aesthetics of organization. **Organization**, 10, n. 1, p. 33-54, 2003.

WOLFSWINKEL; , J., FURTMUELLER, E.; WILDEROM, C. Using grounded theory as a method for rigorously reviewing literature. **European Journal of Information Systems**, v. 22, p. 45–55, 2013.

WOOD JR., T.; CSILLAG, P. Estética Organizacional. **Organizações & Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 35-44, 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302001000200002>

XAVIER, W. S.; CARRIERI, A. P. Concepções de uma estética materialista para uma arte transformadora: a superação do caráter abstrato na particularidade do trabalho artístico. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n. 3, p. 590-590, 2014.

ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. "Deixa eu te contar uma coisa...": Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, 2013.

ZSOLNAI, L.; WILSON, D. Art-based business. **Journal of Cleaner Production**, 135, p. 1534-1538, 2016.

APÊNDICE I – Roteiro de Entrevista

Data da entrevista: Hora início/fim:

Entrevistada(o):

E-mail:

Instituição:

Roteiro	
Seções	Questões Norteadoras
Comentários Iniciais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conte-me um pouco sobre sua trajetória enquanto estudante de pós-graduação/pesquisador/professor-orientador.
Desafios e inquietações que o pesquisador vive para construir uma pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que motivou a fazer pesquisa na área de Estudos Organizações? ▪ Por que Estética Organizacional? ▪ Como você observa a configuração da área de estética organizacional (produção, grupos de pesquisas)? ▪ Qual a contribuição e relevância da estética para os estudos organizacionais? ▪ Como foi escolha do percurso metodológico da pesquisa? ▪ Quais as dificuldades e desafios que você vivenciou nesse processo? ▪ Conte-me sobre a relevância dos artefatos/espaco na sua pesquisa
Corpos, Sentidos e afetos no campo, na coleta e na análise dos dados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Como foi escolha do campo (objeto) de pesquisa? ▪ Como foi a experiência de campo? (relação com os sujeitos, espaço-tempo, artefatos) ▪ Como se sentiu no campo (os sentidos do corpo)? ▪ Como foi o processo de saída de campo? ▪ Como foi o processo de análise e discussão dos dados? ▪ Quais as consequências da pesquisa na sua vida profissional e pessoal?
Comentários Finais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Você gostaria de fazer algum comentário adicional?

APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa com título provisório “*A Pesquisa Organizacional à Luz da Teoria Estética*”, que tem como objetivo geral compreender e discutir os processos de pesquisa em Estética Organizacional nos Estudos Organizacionais e propor uma abordagem teórica substantiva. Almeja-se que os resultados produzidos da pesquisa garantirão contribuições relevantes para a comunidade científica e para a sociedade em geral.

A sua participação na pesquisa será por meio de uma entrevista virtual pela plataforma de videoconferência *Google Meet*. A entrevista será agendada conforme sua disponibilidade e realizada virtualmente. Ela será gravada para posterior transcrição e análise, sendo assegurado o anonimato, a fim de preservar sua identidade. Todo material resultante da pesquisa será armazenado e editado em meios eletrônicos, onde será arquivado sob a responsabilidade do pesquisador.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. A participação poderá envolver riscos mínimos, como desconforto nos momentos de registro audiovisual ou por possíveis questionamentos sobre assuntos que podem gerar certo acanhamento ou constrangimento.

Ao concordar em participar, você tem a liberdade de se recusar a continuar, em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Percebida qualquer possibilidade de danos emocionais, assegura-se que a pesquisa será interrompida e não será utilizada para análise dos dados.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Em caso de dúvidas ou esclarecimentos sobre esta pesquisa, acionar o pesquisador responsável, José Edemir da Silva Anjo no telefone (35)98883-6364 e e-mail anjo.josedemir@gmail.com, como também os professores orientadores desta pesquisa, Dr. Mozar José de Brito pelo e-mail mozarbrito@gmail.com e o Dr. Marcelo de Souza Bispo pelo e-mail marcelodesouzabispo@gmail.com.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Pesquisador - José Edemir da Silva Anjo

Lavras, _____ de _____ de 2022.

APÊNDICE III – Artigos Selecionados para Revisão Integrativa

ALEXANDERSSON, A.; KALONAITYTE, V. Playing to Dissent: The Aesthetics and Politics of Playful Office Design. **Organization Studies**, 39, n. 2-3, p. 297-317, 2018

ANCELIN-BOURGUIGNON, A.; DORSETT, C.; AZAMBUJA, R. Lost in translation? Transferring creativity insights from arts into management. **Organization**, 27, n. 5, p. 717-741, 2020.

AUSTIN, R.; HJORTH, D.; HESSEL, S. How Aesthetics and Economy Become Conversant in Creative Firms. **Organization Studies**, 39, n. 11, p. 1501-1519, 2018.

BARRY, D.; RERUP, C. Going mobile: Aesthetic design considerations from calder and the constructivists. **Organization Science**, 17, n. 2, p. 262-276, 2006.

BATHURST, R. Enlivening Management Practice Through Aesthetic Engagement: Vico, Baumgarten and Kant. **Philosophy of Management**, 7, n. 2, p. 61-76, 2009.

BEYES, T.; STEYAERT, C. Strangely Familiar: The Uncanny and Unsiting Organizational Analysis. **Organization Studies**, 34, n. 10, p. 1445-1465, 2013.

BIEHL-MISSAL, B. Business is Show Business: Management Presentations as Performance. **Journal of Management Studies**, 48, n. 3, p. 619-645, 2011.

BIEHL-MISSAL, B. Using artistic form for aesthetic organizational inquiry: Rimini Protokoll constructs Daimler's Annual General Meeting as a theatre play. **Culture and Organization**, 18, n. 3, p. 211-229, 2012.

BIEHL-MISSAL, B. The atmosphere of the image: an aesthetic concept for visual analysis. **Consumption Markets & Culture**, 16, n. 4, p. 356-367, 2013.

BIEHL-MISSAL, B. Aesthetics and organization: Studying interaction and resistance. **Studi di Estetica**, 15, n. 0, p. 59-75, 2019.

BJERKE, R.; IND, N.; DE PAOLI, D. The impact of aesthetics on employee satisfaction and motivation. **EuroMed Journal of Business**, 2, n. 1, p. 57-73, 2007.

CAIRNS, G. Aesthetics, morality and power: Design as espoused freedom and implicit control. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 799-820, 2002.

COLET, D. S.; MOZZATO, A. R. CORPOREITY IN EVIDENCE: CONTRIBUTIONS OF AESTHETIC KNOWLEDGE TO ORGANIZATIONAL LEARNING. **Revista Gestão Organizacional**, 12, n. 1, p. 60-72, 2019.

CONNELLAN, K. The Psychic Life of White: Power and Space. **Organization Studies**, 34, n. 10, p. 1529-1549, 2013.

COX, J. W.; MINAHAN, S. Organization, decoration. **Organization**, 12, n. 4, p. 529-548, 2005.

CREED, W. E. D.; TAYLOR, S. S.; HUDSON, B. A. Institutional Aesthetics: Embodied Ways of Encountering, Evaluating, and Enacting Institutions. **Organization Studies**, 41, n. 3, p. 415-435, 2020.

CRICHTON, R.; SHRIVASTAVA, P. Sustaining human resource via aesthetic practices. **Journal of Cleaner Production**, 153, n. 1, p. 718-726, 2017.

DE MOLLI, F. Participatory interpretation: a way to overcome analytical challenges in organizational aesthetic research. **Culture and Organization**, 27, n. 3, p. 226-239, 2021.

DE MOLLI, F.; MENGIS, J.; VAN MARREWIJK, A. The Aestheticization of Hybrid Space: The Atmosphere of the Locarno Film Festival. **Organization Studies**, 41, n. 11, p. 1491-1512, 2020.

DOHERTY, E. M. Management and art views of Depression era workers: The need for an organizational-arts perspective. **Management and Organizational History**, 4, n. 1, p. 5-36, 2009.

FERREIRA, T. A.; FANTINEL, L. D.; DE AMARO, R. A. Body and senses in organizational research: Empathic understanding from an embodied experience. **Revista de Administracao Mackenzie**, 22, n. 5, p. -, 2021.

FRAIBERG, A. M. "With Edges of Rage and Despair": Anger and the Poetry of Office Life. **Journal of Management Inquiry**, 19, n. 3, p. 196-207, 2010.

GHERARDI, S. Practice? It's a Matter of Taste! **Management Learning**, 40, n. 5, p. 535-550, 2009.

GHERARDI, S. STRATI, A. Luigi Pareyson's Estetica: Teoria della formativita and Its Implications for Organization Studies. **Academy of Management Review**, 42, n. 4, p. 745-755, 2017.

GONZALEZ-SUHR, C.; SALGADO, S.; ELGUETA, H.; ALCOVER, C.-M. Does Visual Aesthetics of the Workplace Matter? Analyzing the Assessment of Visual Aesthetics as Antecedent of Affective Commitment and Job Crafting. **Spanish Journal of Psychology**, 22, p. E38, 2019.

GRIFFITHS, J.; MACK, K. Senses of "shipscapes": an artful navigation of ship architecture and aesthetics. **Journal of Organizational Change Management**, 24, n. 6, p. 733-750, 2011.

HANCOCK, P. Uncovering the semiotic in organizational aesthetics. **Organization**, 12, n. 1, p. 29-50, 2005.

HANCOCK, P.; TYLER, M. Un/doing gender and the aesthetics of organizational performance. **Gender Work and Organization**, 14, n. 6, p. 512-533, 2007.

HANSEN, H.; ROPO, A.; SAUER, E. Aesthetic leadership. **Leadership Quarterly**, 18, n. 6, p. 544-560, 2007.

HANSEN, H.; TRANK, C. Q. This Is Going to Hurt: Compassionate Research Methods. **Organizational Research Methods**, 19, n. 3, p. 352-375, 2016.

HUJALA, A.; RISSANEN, S. Organization aesthetics in nursing homes. **Journal of Nursing Management**, 19, n. 4, p. 439-448, 2011.

IVANAJ, V.; SHRIVASTAVA, P.; IVANAJ, S. The value of beauty for organizations. **Journal of Cleaner Production**, 189, p. 864-877, 2018.

KACHTAN; WASSERMAN, V. (Un)dressing masculinity: The body as a site of ethno-gendered resistance. **Organization**, 22, n. 3, p. 390-417, 2015.

KIRILLOVA, K.; FU, X.; KUCUKUSTA, D. Workplace design and well-being: aesthetic perceptions of hotel employees. **Service Industries Journal**, 40, n. 1-2, p. 27-49, 2020.

KOIVUNEN, N.; WENNES, G. Show us the sound! Aesthetic leadership of symphony orchestra conductors. **Leadership**, 7, n. 1, p. 51-71, 2011.

LADKIN, D. Leading beautifully: How mastery, congruence and purpose create the aesthetic of embodied leadership practice. **Leadership Quarterly**, 19, n. 1, p. 31-41, 2008.

LADKIN, D.; TAYLOR, S. S. Enacting the 'true self': Towards a theory of embodied authentic leadership. **Leadership Quarterly**, 21, n. 1, p. 64-74, 2010.

LINSTEAD, S. A. Feeling the Reel of the Real: Framing the Play of Critically Affective Organizational Research between Art and the Everyday. **Organization Studies**, 39, n. 2-3, p. 319-344, 2018.

LOUISGRAND, N.; ISLAM, G. Tasting the Difference: A Relational-Epistemic Approach to Aesthetic Collaboration in Haute Cuisine. **Organization Studies**, 42, n. 2, p. 269-300, 2021.

MACK, K. Taking an aesthetic risk in management education: Reflections on an artistic-aesthetic approach. **Management Learning**, 44, n. 3, p. 286-304, 2013.

MACK, K. Breaching or disturbing the peace? Organizational aesthetic encounters for informed and enlivened management learning experiences. **Management Learning**, 46, n. 2, p. 156-174, 2015.

MACK, K. S. Studio Practices in Management Education: Creative Adventures in Aesthetic Formativeness. **Journal of Management Education**, 45, n. 6, p. 889-915, 2021.

MARTIN, P. Y. Sensations, bodies, and the 'spirit of a place': Aesthetics in residential organizations for the elderly. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 861-885, 2002.

MOLAHOSSEINI, I. S.; POURKIANI, M.; ABBASI, F. B.; SALAJEGHE, S. *et al.* The effect of organizational aesthetics on self-esteem, mental health and morale in employees. **Gurukul Business Review-Gbr**, 15, p. 53-60, 2019.

MOLAHOSSEINI, I. S.; POURKIANI, M.; ABBASI, F. B.; SALAJEGHE, S. *et al.* THE INFLUENCE OF ORGANIZATIONAL AESTHETICS ON EMPLOYEE RETENTION AND TURNOVER INTENTIONS FROM ORGANIZATION. **Management Theory and Studies for Rural Business and Infrastructure Development**, 42, n. 2, p. 171-177, 2020a.

MOLAHOSSEINI, I. S.; POURKIANI, M.; ABBASI, F. B.; SALAJEGHE, S. *et al.* The Influence of Organizational Aesthetics on Work life Quality in Employees. **Nmims Management Review**, 38, n. 3, p. 118-130, 2020b.

MURPHY, S. A.; COURTEL, N. Using design to enhance organizational aesthetics. **International Journal of Design in Society**, 7, n. 1, p. 1-9, 2013.

O'DOHERTY, D. P. The Blur sensation: Shadows of the future. **Organization**, 15, n. 4, p. 535-561, 2008.

OTTENSMEYER, E. J. Too strong to stop, too sweet to lose: Aesthetics as a way to know organizations. **Organization**, 3, n. 2, p. 189-194, 1996.

PAQUETTE, J.; LACASSAGNE, A. Subterranean subalterns: Territorialisation, deterritorialisation, and the aesthetics of mining. **Culture and Organization**, 19, n. 3, p. 242-260, 2013.

PELZER, P. Disgust and organization. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 841-860, 2002.

POLDNER, K.; SHRIVASTAVA, P.; BRANZEI, O. Embodied Multi-Discursivity: An Aesthetic Process Approach to Sustainable Entrepreneurship. **Business & Society**, 56, n. 2, p. 214-252, 2017.

POPRAWSKI, M. Organisational aesthetics and pedagogy: Deframing the creative and cultural labour formation. **Arts and Humanities in Higher Education**, 18, n. 2-3, p. 231-249, 2019.

RAMIREZ, R. Wrapping form and organizational beauty. **Organization**, 3, n. 2, p. 233-242, 1996.

RATIU, D. E. The Aesthetic Account of Everyday Life in Organizations: A Report on Recent Developments in Organizational Research. **Journal of Arts Management Law and Society**, 47, n. 3, p. 178-191, 2017.

REINHOLD, E. Art performance as research, friction and deed. **Management (France)**, 20, n. 1, p. 70-88, 2017/06/15/ 2017.

RICHARD, C.; JAMES, R. Pragmatism, music and emotion: Bridging the Organisational Aesthetics subject-object divide. **International Journal of Work Organisation and Emotion**, 2, n. 2, p. 129-144, 2007.

ROPO, A.; SAUER, E. Dances of leadership: Bridging theory and practice through an aesthetic approach. **Journal of Management & Organization**, 14, n. 5, p. 560-572, 2008.

SICILIANO, M. Disappearing into the Object: Aesthetic Subjectivities and Organizational Control in Routine Cultural Work. **Organization Studies**, 37, n. 5, p. 687-708, 2016.

SORENSEN, B. M. St Paul's Conversion: The Aesthetic Organization of Labour. **Organization Studies**, 31, n. 3, p. 307-326, 2010.

SORENSEN, B. M. Changing the Memory of Suffering: An Organizational Aesthetics of the Dark Side. **Organization Studies**, 35, n. 2, p. 279-302, 2014.

SORENSEN, B. M.; VILLADSEN, K. The naked manager: The ethical practice of an anti-establishment boss. **Organization**, 22, n. 2, p. 251-268, 2015.

SORSA, V.; MERKKINIEMI, H.; ENDRISSAT, N.; ISLAM, G. Little less conversation, little more action: Musical intervention as aesthetic material communication. **Journal of Business Research**, 85, p. 365-374, 2018.

STEYAERT, C.; HJORTH, D. 'Thou art a scholar, speak to it...' - on spaces of speech: A script. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 767-797, 2002.

STIGLIANI, I.; RAVASI, D. The Shaping of Form: Exploring Designers' Use of Aesthetic Knowledge. **Organization Studies**, 39, n. 5-6, p. 747-784, 2018.

STRANDVAD, S. M. Symmetrical ethnography: a study of filmmakers portraying academia. **Visual Studies**, 28, n. 1, p. 38-51, 2013.

STRATI, A. AESTHETIC UNDERSTANDING OF ORGANIZATIONAL LIFE. **Academy of Management Review**, 17, n. 3, p. 568-581, 1992.

STRATI, A. Organizations viewed through the lens of aesthetics. **Organization**, 3, n. 2, p. 209-218, 1996.

STRATI, A. Putting people in the picture: Art and aesthetics in photography and in understanding organizational life. **Organization Studies**, 21, n. 0, p. 53-69, 2000.

STRATI, A. Designing organizational life as 'aesth-hypertext': Insights to transform business practice. **Organization**, 12, n. 6, p. 919-923, 2005.

STRATI, A. Sensible knowledge and practice-based learning. **Management Learning**, 38, n. 1, p. 61-77, 2007.

STRATI, A. Heather's poetic touch alive in our memory: THREE PHOTOPOEMS FOR A PHOTOESSAY. **Culture and Organization**, 23, n. 2, p. 149-156, 2017.

STRATI, A. The riddle and the chair: Aesthetics, art and design in organizational life. **Studi di Estetica**, 15, n. 0, p. 77-100, 2019.

STRATI, A.; DE MONToux, P. G. Introduction: Organizing aesthetics. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 755-766, 2002.

TAYLOR, S. S. Aesthetic knowledge in academia - Capitalist pigs at the Academy of Management. **Journal of Management Inquiry**, 9, n. 3, p. 304-328, 2000.

TAYLOR, S. S. Overcoming aesthetic muteness: Researching organizational members' aesthetic experience. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 821-840, 2002.

TAYLOR, S. S. Little Beauties: Aesthetics, Craft Skill, and the Experience of Beautiful Action. **Journal of Management Inquiry**, 22, n. 1, p. 69-81, 2013.

TAYLOR, S. S.; FISHER, D.; DUFRESNE, R. L. The aesthetics of management storytelling - A key to organizational learning. **Management Learning**, 33, n. 3, p. 313-330, 2002.

TAYLOR, S. S.; HANSEN, H. Finding form: Looking at the field of organizational aesthetics. **Journal of Management Studies**, 42, n. 6, p. 1211-1231, 2005.

THOMPSON, N. A. Imagination and Creativity in Organizations. **Organization Studies**, 39, n. 2-3, p. 229-250, 2018.

TURETA, C.; AMÉRICO, B. L. Gambiarra as an emergent approach in the entanglement of the organizational aesthetic and technical controversies: The samba school parade case. **BAR - Brazilian Administration Review**, 17, n. 3, p. 1-26, 2020.

WAISTELL, J. Can Environmental Aesthetics Promote Corporate Sustainability? **Organization & Environment**, 29, n. 2, p. 175-193, 2016.

WARHURST, C.; NICKSON, D. 'Who's Got the Look?' Emotional, Aesthetic and Sexualized Labour in Interactive Services. **Gender Work and Organization**, 16, n. 3, p. 385-404, 2009.

WARREN, S. Empirical challenges in organizational aesthetics research: Towards a sensual methodology. **Organization Studies**, 29, n. 4, p. 559-580, 2008.

WASSERMAN, V. To be (alike) or not to be (at all): Aesthetic isomorphism in organisational spaces. **International Journal of Work Organisation and Emotion**, 4, n. 1, p. 22-41, 2011.

WASSERMAN, V. Open spaces, closed boundaries: Transparent workspaces as clerical female ghettos. **International Journal of Work Organisation and Emotion**, 5, n. 1, p. 6-25, 2012.

WASSERMAN, V.; FRENKEL, M. Organizational Aesthetics: Caught Between Identity Regulation and Culture Jamming. **Organization Science**, 22, n. 2, p. 503-521, 2011.

WASSERMAN, V.; FRENKEL, M. Spatial Work in Between Glass Ceilings and Glass Walls: Gender-Class Intersectionality and Organizational Aesthetics. **Organization Studies**, 36, n. 11, p. 1485-1505, 2015.

WEGGEMAN, M.; LAMMERS, I.; AKKERMANS, H. Aesthetics from a design perspective. **Journal of Organizational Change Management**, 20, n. 3, p. 346-358, 2007.

WEISKOPF, R. Ethical-aesthetic critique of moral organization: Inspirations from Michael Haneke's cinematic work. **Culture and Organization**, 20, n. 2, p. 152-174, 2014.

WHITE, D. A. It's working beautifully! Philosophical reflections on aesthetics and organization theory. **Organization**, 3, n. 2, p. 195-208, 1996.

WHITE, L. Aesthetics in OR/systems practice: Towards a concept of critical imagination as a challenge to systems thinking. **Systems Research and Behavioral Science**, 23, n. 6, p. 779-791, 2006.

WITZ, A.; WARHURST, C.; NICKSON, D. The labour of aesthetics and the aesthetics of organization. **Organization**, 10, n. 1, p. 33-54, 2003.

ZSOLNAI, L.; WILSON, D. Art-based business. **Journal of Cleaner Production**, 135, p. 1534-1538, 2016.